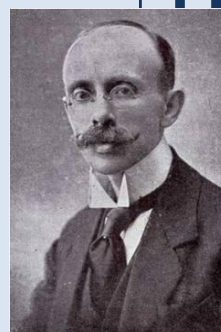


UNIVERSIDADE DO PORTO – FACULDADE DE LETRAS



A Escola Prática Comercial Raul Dória:
Memória de um Espaço de Ensino Comercial
(1902-1964)



Mário Lázaro Santos Vieira

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

Porto, 2010

Mário Lázaro Santos Vieira

***A Escola Prática Comercial Raul Dória:
Memória de um Espaço de Ensino Comercial
(1902-1964)***

**Dissertação de Mestrado em História e Educação
para a obtenção do grau de Mestre**

Orientada pelo Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves



Universidade do Porto - Faculdade de Letras

2010

ÍNDICE

Agradecimentos	9
Resumo	11
Abstract	13
Résumé	15
 Capítulo 1	
Quadro Teórico – Metodológico	17
Importância dos trabalhos monográficos no contexto da História da Educação	19
Contextualização	23
Identificação das Fontes	33
Acesso à Informação	37
Roteiro da Escrita	42
 Capítulo 2	
Da história da Escola Prática Comercial Raul Dória à sua Imagem Externa	49
A história da Escola Prática Comercial Raul Dória entre 1902 e 1964	51
A Questão dos <i>Projectos de Lei</i> sobre a Escola	60
Debates Parlamentares sobre o <i>Projecto de Lei</i> de 26 de Junho de 1917	63
A opinião da imprensa jornalística	67
Visitas da imprensa às instalações da Escola	69
A Escola à Luz da imprensa internacional	72
Trabalhos realizados por Raul Dória e por um aluno	73
Viagens de Raul Dória ao estrangeiro / Visitas de estudo dos Alunos	74
Convívio de antigos alunos da Escola	77
Comemorações dos aniversários da Escola	78

Capítulo 3

As Lideranças e as Regras de Funcionamento da Escola Prática Comercial

Raul Dória	83
As Lideranças da Escola Prática Comercial Raul Dória	85
Regras de Funcionamento da Escola Prática Comercial Raul Dória	91
Regulamentos	91
O corpo docente	96
O corpo não docente	100
Cursos leccionados	102
Metodologias de ensino adoptadas	115

Capítulo 4

A Função Educativa e Social da Escola Prática Comercial Raul Dória (1910-1964)

Número de alunos Inscritos/Matriculados	122
Frequência de Cursos/Disciplinas [Isoladas/Singulares] e Instrução Primária	126
Regime de frequência de alunos (Interno, Externo e Semi-interno)	129
Distribuição dos alunos por sexo	134
Origem geográfica de alunos inscritos na Escola	137
Profissões de alunos inscritos na Escola	139
A função social da Escola	139

Conclusão

Fontes / Bibliografia

Fontes	153
Bibliografia	156

Anexos

Anexo I – Documentos vários	163
Anexos II – Biografias	171
Anexos III – CD	178

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 – Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória. Ano Lectivo 1915/1916.....	34
FIGURA 2 – Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória. Ano Lectivo 1917/1918.....	34
FIGURA 3 – Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória. Ano Lectivo 1927/1928.....	34
FIGURA 4 – Álbum – Bodas de Prata de José Campos Vaz. Abril de 1913 – Abril 1938.....	35
FIGURA 5 – Boletim de Inscrição / Assento de Matrícula.....	35
FIGURA 6 – Raul Dória nos tempos de estudante no Instituto Industrial e Comercial do Porto.....	52
FIGURA 7 – Edifício da Escola na rua do Bonjardim, onde foi fundada em 1902.....	53
FIGURA 8 – Edifício da Escola na rua Fernandes Tomás, para onde foi mudada em 1904.....	54
FIGURA 9 – Edifício da Escola na rua Gonçalo Cristóvão, para onde foi mudada em 1907.....	55
FIGURA 10 – Vista lateral da Escola (rua de Camões)	55
FIGURA 11 – <i>Alvará nº 806</i> a oficializar a Escola Prática Comercial Raul Dória.....	59
FIGURA 12 – <i>Projecto Lei</i> sobre a Escola Prática Comercial Raul Dória.....	60
FIGURA 13 – Segundo <i>Projecto Lei</i> sobre a Escola Prática Comercial Raul Dória.....	62
FIGURA 14 – Raul Dória, Silva Dória e José Campos Vaz. Directores e Administrador da Escola.....	85
FIGURA 15 – Raul Dória. Director da Escola entre 1902 a 1922.....	86
FIGURA 16 – José Campos Vaz. Sucessor de Raul Dória na direcção.....	87
FIGURA 17 – Escritórios Comerciais. Raul Dória ao centro a dirigir os trabalhos dos escritórios.....	91
FIGURA 18 – Regulamento Interno para alunos externos.....	95
FIGURA 19 – Professores Efectivos, Auxiliares e Especiais do ano lectivo de 1912/1913.....	97/98
FIGURA 20 – José Guedes. Médico da Escola.....	100
FIGURA 21 – Jaime Vieira Coelho. Médico da Escola.....	100
FIGURA 22 – Edite Maria de Carvalho. Aluna da Escola do curso comercial.....	105
FIGURA 23 – Raul Dória e um grupo de alunas da Escola.....	107
FIGURA 24 – Cartaz publicitário da Escola Prática Comercial Raul Dória, exposto no restaurante “Casa das Artes”, na freguesia de Real, na cidade de Braga.....	121
FIGURA 25 – Grupo de alunos internos. Ano lectivo 1906/1907.....	129

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Imprensa que publicitou Raul Dória e a Escola Prática Comercial entre 1901 e 1912	67
GRÁFICO 2 – Número de notícias publicadas pela imprensa sobre Raul Dória / Escola Prática Comercial entre 1901 e 1912.....	68
GRÁFICO 3 – Número de alunos Inscritos / Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910 a 1964.....	123
GRÁFICO 4 – Número de alunos Inscritos / Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910 e 1938.....	125
GRÁFICO 5 – Número de alunos Inscritos / Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1938 e 1964	125
GRÁFICO 6 – Frequência de Cursos/Disciplinas [Isoladas/Singulares] de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910 a 1964.....	127
GRÁFICO 7 – Frequência de Cursos/Instrução Primária de alunos Inscritos/ Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910 a 1938	128
GRÁFICO 8 – Regime de frequência (Interno, Externo e Semi-interno) de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910 a 1964.....	132
GRÁFICO 9 – Regime de frequência (Interno, Externo e Semi-interno) de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910 a 1938.....	133
GRÁFICO 10 – Regime de frequência (Interno e Externo) de alunos Inscritos/ Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1938 a 1964	133
GRÁFICO 11 – Distribuição dos alunos (por sexo) Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910 a 1964.....	134
GRÁFICO 12 – Distribuição dos alunos (por sexo) Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910 e 1938	136
GRÁFICO 13 – Distribuição dos alunos (por sexo) Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1938 e 1964.....	136

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – Frequência do Ensino Técnico.....	29
QUADRO 2 – Elementos constantes dos <i>Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula</i> de alunos inscritos na Escola Prática Comercial Raul Dória entre 1910 e 1964.....	44
QUADRO 3 – Número de Professores por “categorias” / Totais.....	99
QUADRO 4 – Currículo do curso de Economia Doméstica	106
QUADRO 5 – Currículo do curso de Guarda-livros – Ano Lectivo 1912/1913	109
QUADRO 6 – Currículo do curso de Guarda-livros – Ano Lectivo de 1927/1928	110
QUADRO 7 – Currículo do curso Preparatório	111
QUADRO 8 – Currículo do curso de Empregado de Escritório	111
QUADRO 9 – Currículo do curso Elementar – Ano Lectivo 1927/1928	112
QUADRO 10 – Currículo do curso Complementar – Anos Lectivos 1912/1913 e 1915/1916	112
QUADRO 11 – Currículo do curso Complementar – Ano Lectivo 1927/1928.....	113
QUADRO 12 – Currículo do curso de Caixeiro-viajante – Anos Lectivos 1912/1913 e 1915/1916	113
QUADRO 13 – Currículo do curso Secundário/Superior de Comércio – Anos Lectivos 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918 e 1918/1919	114
QUADRO 14 – Currículo do curso Colonial – Anos Lectivos 1917/1918 e 1918/1919	115
QUADRO 15 – Origem geográfica de alunos nacionais inscritos na Escola Prática Comercial Raul Dória	138
QUADRO 16 – Origem geográfica de alunos internacionais inscritos na Escola Prática Comercial Raul Dória	138
QUADRO 17 – Profissões de alunos inscritos na Escola Prática Comercial Raul Dória.....	139

ÍNDICE DE QUADROS - ANEXOS

QUADRO 1 – Corpo Docente da Escola Prática Comercial Raul Dória – Ano Lectivo de 1905/1906	166
QUADRO 2 – Corpo Docente (Professores Efectivos) da Escola Prática Comercial Raul Dória – Ano Lectivo de 1912/1913	166
QUADRO 3 – Corpo Docente (Professores Auxiliares, Especiais e Substitutos) da Escola Prática Comercial Raul Dória – Ano Lectivo de 1912/1913.....	167
QUADRO 4 – Corpo Docente da Escola Prática Comercial Raul Dória – Ano Lectivo de 1915/1916.....	167
QUADRO 5 – Corpo Docente da Escola Prática Comercial Raul Dória – Ano Lectivo de 1917/1918	168
QUADRO 6 – Corpo Docente da Escola Prática Comercial Raul Dória – Ano Lectivo de 1918/1919	168
QUADRO 7 – Corpo Docente da Escola Prática Comercial Raul Dória – Ano Lectivo de 1927/1928	169
QUADRO 8 – Corpo não Docente da Escola Prática Comercial Raul Dória	169
QUADRO 9 – Frequência de Cursos/Disciplinas [Isoladas/Singulares] de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910/1911 a 1963/1964	170

AGRADECIMENTOS

No âmbito do Mestrado em *História e Educação*, o trabalho aqui apresentado tem como objectivo o cumprimento de provas académicas com vista à obtenção do grau de mestre no ramo do conhecimento de História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Não obstante as horas de trabalho solitário, próprias do ofício de historiador, este trabalho foi significativamente melhorado pelos contributos, apoios e solidariedade de várias pessoas às quais quero deixar o meu mais sincero agradecimento.

Em primeiro lugar e de forma particular, agradeço ao meu orientador de Mestrado, Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves, a sua Humanidade e Compreensão pela minha forma de trabalhar. Agradeço ainda, os Sábios e Doutos conselhos que me dirigiu ao longo desta etapa de orientação científica e por toda a sua disponibilidade que sempre demonstrou para comigo. Fico de igual forma agradecido, as muitas referências bibliográficas que me facultou, com vista ao enriquecimento do presente trabalho.

Gostaria também de aqui deixar uma palavra de agradecimento, à Professora Doutora Maria José Moutinho Santos e ao Professor Doutor Luís Grosso Correia pelos ensinamentos, sugestões e palavras de incentivo que me dirigiram nas sessões de Mestrado.

À Doutora Perpétua Guerreiro, do Arquivo Histórico do Ministério da Educação, bem como à Doutora Luísa Ucha, Directora de Serviços da Direcção-Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular, pela cedência de cópia do Alvará que oficializou a Escola Prática Comercial Raul Dória.

Ao Arquivo Histórico Municipal do Porto, bem como à BPMP, pelo seu profissionalismo, disponibilidade e simpatia que me transmitiram durante ao período de recolha das fontes/obras.

À Doutora Laura Rocha, Directora da Escola Profissional Raul Dória, bem como ao Doutor Ricardo Garrido, a disponibilidade na cedência de fontes relacionadas com o tema de investigação e que muito contribuíram para a realização deste trabalho.

À amiga Cláudia Pinto Ribeiro, pelo incentivo à realização do presente trabalho e que à data de registo destas palavras tinha concluído com brilhantismo o seu Doutoramento.

À Andreia Pinto Ribeiro, à Cristiana Martinha, ao André Nogueira, ao Laurindo Barbosa e ao Ricardo Guimarães, pelos seus conselhos, experiências e colaboração.

Aos meus colegas de Mestrado: à Marina, à Manuela, à Olga, à Clotilde, ao João, ao Daniel, à Raquel, à Fátima, à Rebeca, à Celestina e à Angelina queria agradecer a amizade, a união, a força, a coragem, o empenho e a dedicação que fomos transmitindo uns aos outros durante estes dois anos de formação científica. A todos o meu muito obrigado e votos das maiores felicidades pessoais e profissionais. Certamente, não nos esqueceremos dos bons momentos que juntos passamos.

Por fim, à memória dos meus Pais, como sempre merecem uma referência especial pela educação que me deram durante a minha infância no Gerês. Deles recordo os valores que me transmitiram, mas também a saudade que persiste. Agradeço de igual forma à minha querida Avó “Neca”, a formação superior que me proporcionou e os valores que me tem transmitido. Aos restantes membros da minha família desejo expressar o meu agradecimento por terem partilhado comigo o peso desta tarefa. E a todos aqueles que de forma directa ou indirecta, contribuíram para levar este projecto a bom porto. A todos dedico o presente trabalho.

Um bem-haja a todos aqueles que me ajudaram.

Por fim, agradeço à História, sobretudo pelos sorrisos que este trabalho me permitiu esboçar e, claro, pelo conhecimento que me permitiu obter.

Não agradeço ao tempo! Esse foi o meu pior inimigo!...

Mário Vieira

Porto, 2010

RESUMO

A presente investigação incidiu sobre um estabelecimento de ensino particular, fundado na cidade do Porto a 30 de Novembro de 1902, por Raul Montes da Silva Dória. Vocationada para o ensino técnico comercial, a Escola Prática Comercial Raul Dória teve início na Monarquia, passou pela Primeira República e veio até ao ano lectivo de 1963/1964. Instalada durante dois anos na rua do Bonjardim, rapidamente sentiu necessidade de mudar de instalações, o que ocorreu em 1904 para a rua Fernandes Tomás, onde veio a permanecer três anos, altura em que se fixou definitivamente no denominado Palácio das Lousas, na rua Gonçalo Cristóvão, a 9 de Outubro de 1907.

Considerada a primeira Escola de ensino comercial na Península Ibérica, baseou-se em métodos de instituições europeias colocando a tónica no ensino prático, para o qual possuía instalações e material didáctico onde os alunos praticavam o que aprendiam na teoria. A finalidade da Escola Prática Comercial Raul Dória era suprimir as necessidades que se faziam sentir nas casas de comércio, dando-lhes conhecimentos práticos e técnicos de imediata utilidade. Entre o conjunto dos cursos leccionados destacavam-se: Preparatório, Elementar/Empregado de Comércio ou Escritório, Complementar, Caixeiro-viajante, Colonial, Secundário/Superior de Comércio, Economia Doméstica e Guarda-Livros, sendo que este último, foi o curso mais frequentado. A Escola recebia alunos externos e internos, ministrava cursos nocturnos e por correspondência.

Vista como um estabelecimento modelo, era preferida a nível nacional pelos que desejavam seguir a carreira do comércio. Desde o ano lectivo de 1910/1911 até ao ano lectivo de 1963/1964, a Escola obteve 8450 inscrições/matriculas, verificando-se uma maior procura de formação nesta Escola, durante toda a década de 1910 até ao ano lectivo de 1923/1924.

A imprensa jornalística nas notícias que ia publicando sobre a Escola, fazia referência ao método adoptado e às vantagens que oferecia, considerando-a única no seu género no nosso país, oferecendo confronto às congéneres estrangeiras.

Palavras-chave da Dissertação de Mestrado: Ensino Técnico, Ensino Comercial, Escola Raul Dória, Palácio das Lousas, Porto.

ABSTRACT

This investigation focus on a private teaching school, founded in the city of Porto in 30 November, 1902, by Raul Montes da Silva Dória.

Oriented to the comercial technical teaching, the Escola Prática Comercial Raul Dória was initiated during the Monarchy and went through the First Republic until the school year of 1963/1964. Set for two years on the Bonjardim street, soon felt the need to move premises, which came to occur in 1904, to the Fernandes Tomás street, where remained for three years , by which time it was finally set on the Palácio das Lousas, on the Gonçalo Cristóvão street, in 9th October, 1907.

Considered to be the first school of commercial teaching of the Iberian Peninsula, the school relied on the European institutions methods, emphasizing the practical teaching, for which already possessed the facilities and didactic material where the students practice what they have learned in theory. The aim of the Escola Prática Comercial Raul Dória was to suppress the needs that were felt in the commercial houses, given them practical and technological knowledge of immediate utility. Among the courses stood out: Preparatory, Elementary/ Office clerk, Complementary, Salesman, Colonial, Secondary/Superior of Commerce, Domestic Economy and Bookkeeper, which was the course with more students. The School received boarders and also external students, had night courses and correspondence courses.

Perceived as a role-model, the school was the favorite nationwide of those who desired to follow a career in Commerce. Since the school year of 1910/1911 until the school year of 1963/1964, the school had 8450 enrolments, being the 1910 decade and the school year of 1923/1924 the time with greater demand for training.

The press published news about the School making reference to the adopted method and the advantages that offered, considering that the School was unique in its kind in our country, offering confrontation to the foreign counterparts.

Keywords: Technical Teaching, Commercial Teaching, Escola Raul Dória, Palácio das Lousas, Porto.

RÉSUMÉ

Cette investigation est tombée sur un établissement d'enseignement particulier, fondé le 30 novembre 1920 dans la ville de Porto, par Raul Montes da Silva Dória. Vocationné par l'enseignement technique commercial l'École Pratique Commerciale Raul Dória a eu son début pendant la Monarchie, et est passée par la Première République et elle a existé jusqu'à l'année scolaire 1963/1964. Installée pendant deux ans, rue du Bonjardim, elle a senti rapidement le besoin de changer d'installations, ce qui est arrivé en 1904 pour la rue Fernandes Tomás, où elle se maintient pendant trois ans, moment où elle s'est fixée définitivement dans le nommé Palacio das Lousas, rue Gonçalo Cristovão, le 9 octobre 1907.

Considérée la première École de l'Enseignement Commerciale de la Péninsule Ibérique, elle s'est basée sur les méthodes des Institutions Européennes, mettant la tonique sur l'enseignement pratique, pour lequel, elle possédait des installations et du matériel didactique où les élèves pratiquaient ce qu'ils apprenaient dans la théorie. La finalité de l'École Pratique Commerciale Raul Dória était de supprimer les besoins qui se faisaient sentir dans les maisons commerciales, leur donnant des connaissances pratiques et techniques d'immédiate utilité. Entre l'ensemble des cours enseignés, on mettait en évidence: le Préparatoire, l'Élémentaire/employé de commerce ou bureau, le Complémentaire, le commis voyageur, le colonial. Secondaire/Supérieur de commerce, économie ménagère et employé de bureau, ce dernier a été le plus fréquenté. L'École recevait des élèves externes et internes, elle administrait des cours nocturnes et par correspondance.

Vue comme un établissement modèle, elle était préférée à niveau national par ceux qui préféraient suivre une carrière dans le commerce. Dès l'année scolaire 1910/1911 jusqu'à l'année scolaire 1963/1964, l'école a obtenu 8450 inscriptions/immatriculations on a vérifié une plus grande recherche de formation pendant la décade de 1910, jusqu'à l'année scolaire de 1923/1924.

La presse journalistique dans les nouvelles qu'elle venait de publier sur l'École faisait référence à la méthode adoptée et aux avantages qu'elle offrait, la considérant unique dans son genre dans notre pays, offrant confrontations aux congénères étrangères.

Mots clés de la dissertation de cours postgraduation : Enseignement Technique, Enseignement Commercial, École Raul Dória, Palacio das Lousas, Porto.

CAPÍTULO 1

QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Importância dos trabalhos monográficos no contexto da História da Educação

A escola enquanto organização tornou-se, em Portugal, como noutros países, um objecto de estudo pertinente para uma análise histórica numa dimensão institucional da educação. Os estudos históricos sobre as organizações escolares devem reportar-se a assuntos comuns para permitirem “a sua comparabilidade e que integrem a singularidade de cada organização na totalidade do programa institucional da educação num determinado tempo histórico”.¹ O principal objectivo da história das instituições escolares deve ser o de pôr em evidência a dimensão institucional do processo histórico de desenvolvimento das organizações escolares.²

Nos últimos anos em Portugal, o número de dissertações de Doutoramento e Mestrado na área da História da Educação, tem vindo a crescer em vários estabelecimentos de ensino superior. João Barroso, em 2007, na obra *A História da Educação em Portugal - Balanço e perspectivas*, refere que foram identificados quase meia centena de trabalhos, na sua maioria de Mestrado, mas também de Doutoramento, que tomaram como objecto de estudo a história de uma instituição educativa. Estes trabalhos na sua maioria estão relacionados com escolas públicas do ensino secundário, mas também existem trabalhos de escolas privadas, sendo o grau de ensino maioritariamente estudado o ensino liceal, seguido do ensino técnico, ensino superior e por último o ensino primário e o período cronológico abrangido oscila entre os séculos XVII e XX.³

¹ PINTASSILGO, Joaquim; ALVES, Luís Alberto; CORREIA, Luís Grosso; FELGUEIRAS, Margarida Louro – *A História da Educação em Portugal - Balanço e perspectivas*. [s.l.]: Edições ASA, Fevereiro de 2007, p. 150.

² Idem, p. 151.

³ Idem, p. 159 a 161.

Justino Magalhães, na obra anteriormente citada, refere que na década de setenta do século XX, o ensino da História da Educação era leccionado em cursos de nível médio e superior, mas é nas décadas de oitenta e noventa do mesmo século que se verificou um assinalável investimento na leccionação da disciplina. Aquando do meu 2º ano da licenciatura em História, tive a oportunidade de frequentar e de constatar a importância desta disciplina, leccionada pela Professora Doutora Maria José Moutinho, essencialmente pelos estudos dos grandes vultos da educação, a alfabetização, com destaque para a educação das mulheres, mas também com os estudos de várias instituições escolares aí abordadas. Nos últimos anos os estudos feministas têm dado um contributo decisivo para que a História da Educação passe a ser contada de outra maneira.

João Barroso, refere que a escola “sempre esteve presente (com maior ou menor visibilidade) na diversidade de estudos realizados no âmbito das ciências da educação, fossem eles sobre o currículo, os professores, os alunos ou sobre o sistema educativo em geral [ou] com outros sistemas sociais [...]”.⁴ Segundo o mesmo autor, “não basta o reconhecimento social da escola, para que ela se torne num objecto científico”⁵; para que a escola se torne um objectivo científico “é preciso que haja um processo de transformação da representação do real, a partir de uma interrogação sistemática fundada num corpo articulado de teorias e conceitos.”⁶ Citando Rui Canário, Barroso diz que “«a escola enquanto objecto de estudo não corresponde a “uma escolha”, nem a “uma descoberta”, nem sequer a “uma emergência”, mas sim a um processo de construção realizado pelo investigador [...] enquanto objecto social, não corresponde a um objecto de estudo, mas sim a múltiplos objectos de estudo, consoante a multiplicidade de olhares de que for alvo»”.⁷

Os estudos de instituições escolares, enquanto objecto de estudo histórico podem ser abordados/estudados em diferentes dimensões: *macro-micro*; *fora-dentro* e *verso-reverso*. A dimensão *macro-micro* remete-nos para uma oposição entre uma “lógica de exterioridade” e uma “lógica de interioridade” no estudo da escola. No caso da “lógica de exterioridade”, a escola é vista como reprodutora de um “programa institucional” que é definida ao nível

⁴ Idem, p. 156.

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem.

⁷ Idem, p. 157.

macro, no caso da “lógica de interioridade”, a escola distingue-se do programa institucional definido nacionalmente, pondo em evidência a sua singularidade e a sua relativa/total autonomia em relação ao sistema educativo em geral. À semelhança da dimensão anterior, a dimensão *fora-dentro* remete-nos também para uma oposição entre uma “lógica de exterioridade” e uma “lógica de interioridade”, mas numa relação entre a escola e o meio social local em que se insere. No caso da “lógica de exterioridade” a escola é vista como uma instituição local que se define pelas relações que estabelece com o exterior e no caso da “lógica de interioridade” a escola é vista sobretudo como um microcosmos social definido pelas suas regras internas, pelas suas estruturas e modos de funcionamento, pelas estratégias e acção organizada dos seus actores. Por último, a dimensão *verso-reverso* remete-nos para uma oposição entre uma abordagem da escola, que procura pôr em evidência a imagem de unidade organizacional e uma abordagem que procura transpor a unidade organizacional, descobrindo a diversidade de “mundos”. No caso do *verso*, a escola é vista sobretudo como uma estrutura, sendo dada preferência às regras, às normas e à regulação institucional, no caso do *reverso* a escolha recai sobre a micro-política interna, nos processos informais e nas lógicas de acção dos diversos actores.⁸

Fazendo uma ligação com as diferentes dimensões abordadas e o objecto de estudo histórico do presente trabalho, podemos dizer que o mesmo insere-se numa dimensão *micro* (porque se distingue do programa institucional, evidencia a sua singularidade e autonomia em relação ao sistema educativo em geral), numa dimensão *dentro*, (porque é vista sobretudo pelas suas regras internas, pelas suas estruturas e modos de funcionamento, pelas estratégias e acção organizada dos seus actores) ambas numa “lógica de interioridade” e numa dimensão *reverso* porque recai essencialmente sobre uma micro-política interna.

O trabalho por nós realizado, de natureza monográfica, é um trabalho de história local, intitulado de *A Escola Prática Comercial Raul Dória: Memória de um Espaço de Ensino Comercial (1902-1964)*. Sobre este estabelecimento de ensino comercial podemos dizer que os estudos realizados são escassos, apenas três: dois realizados por António Álvaro Dória (um de 1968 e o outro de 1972) e um realizado por Joaquim Guimarães em 2002. Este trabalho é o primeiro numa dimensão académica e tem como principal finalidade contribuir/enriquecer a História da Educação na área dos estudos históricos e educacionais sobre trabalhos monográficos.

⁸ Idem, p. 169 - 171.

Fundada no princípio do século XX, na cidade do Porto, a Escola Prática Comercial Raul Dória, utilizou os princípios da *Escola Nova*, adoptando uma metodologia semelhante a algumas escolas europeias, ou seja, deu mais importância ao ensino prático do que ao ensino teórico.

À semelhança de outros trabalhos desta natureza, o objecto de estudo da parte central da nossa tese é constituída pela história da Escola Prática Comercial Raul Dória entre 1902 e 1964 (os locais onde a Escola esteve instalada, prémios atribuídos, falecimento do administrador e posteriormente do fundador e director, comemorações em 1938 dos vinte e cinco de José Campos Vaz à frente da direcção, a oficialização da Escola em 1943, como um estabelecimento de ensino particular e os *Projectos de Lei* de 1912 e 1917 apresentados à Câmara dos Deputados com o intuito de obter oficialização aos diplomas dos cursos ministrados); a opinião da imprensa jornalística, (desde as visitas que alguns jornalistas efectuaram às instalações, ao parecer da imprensa internacional, trabalhos realizados, viagens e visitas de estudo, convívio de antigos alunos e comemorações dos aniversários da Escola); as lideranças (dois directores no período em estudo, com destaque para a figura de Raul Dória – 1878-1922); regras de funcionamento interno da Escola (condições de matrícula, regulamentos, corpo docente e não docente, cursos leccionados, metodologias adoptadas); função educativa (número de alunos inscritos/matriculados, frequência em cursos/disciplinas e instrução primária, regime de frequência (interno, externo e semi-interno), distribuição dos alunos por sexo, origens geográficas e profissões) e a função social da escola.

Justino Magalhães, diz que “o tema da escola [...] parecia esgotado”⁹, mas concluiu que a escola continua “a constituir um tema [...] de produção historiográfica até à actualidade”.¹⁰ Refere ainda que “a escola foi objecto de abordagens intensivas conjunturais e de curta duração [em] estudos segmentados por níveis de ensino.”¹¹ Neste contexto, incluem-se os estudos sobre a história dos liceus, os mais trabalhados, escolas técnicas, no qual este trabalho se insere, escolas profissionais e escolas primárias. Magalhães explica que se tem adoptado uma historiografia que tem privilegiado determinado tipo de fontes, arquivos, escrito ou oral. A historiografia da escola é nos dias de hoje marcada pela diversidade material e simbólica, com base em narrativas de alunos e professores, arquivos fotográficos, testemunhos, memórias, fontes etnográficas e artefactos. Contudo, Magalhães fala que os estudos sobre a

⁹ Idem, p. 25.

¹⁰ Idem, p. 25 e 26.

¹¹ Idem, p. 26.

escola nos últimos vinte anos têm-se direccionado essencialmente à cultura escolar, arquitectura e espaços, rede escolar, públicos, disciplinas escolares, manuais, materiais pedagógicos e didácticos, tempo escolar, representações da escola, memórias da escola, história dos públicos e história da profissão docente.¹²

Na obra *Fazer e Ensinar História da Educação*, Magalhães refere que sendo a História da Educação uma área do conhecimento e de especialização da História, pois a História actualmente *transforma os documentos em monumentos*, tem-se vindo a renovar nas últimas décadas e debate-se com algumas questões fundamentais, quer no plano logístico, quer no plano epistemológico.¹³

Actualmente há historiadores que têm vindo a especializar-se na área da educação, e segundo Magalhães “não podem deixar de socorrer-se de uma multiplicidade de autores e de textos, dentro e fora da educação, pois o teor cruza-se com a História da Educação.”¹⁴

Em jeito de síntese, António Nóvoa diz que um dos objectivos de investigação da História da Educação, passa por “«trazer as pessoas da educação – crianças, professores, família, etc., para o retrato histórico.»”¹⁵

Contextualização

Desde muito cedo existiu por parte do Estado uma preocupação a nível oficial, pela instrução do povo. O ensino técnico foi considerado durante muito tempo, como um elemento essencial para o progresso e desenvolvimento de um país. Pretendia-se incrementar o capitalismo industrial e financeiro, o que exigia a existência de gente qualificada. A escola representava o espaço fundamental de formação e por isso era necessário que o Estado investisse no sistema educativo, especialmente nas escolas técnicas. Segundo Maria Silva,

¹² Ibidem.

¹³ MAGALHÃES, Justino – *Fazer e Ensinar História da Educação*. Braga: Impressão e Acabamento Lusografe - Braga, Junho de 1998, p. 21.

¹⁴ Idem, p. 9.

¹⁵ Idem, p. 45.

citando Luís Alves, refere que “na segunda metade do século XIX [...] o ensino técnico [devia] ter um efeito directo e poderoso no desenvolvimento da riqueza pública [...]”¹⁶

As reformas educativas feitas ao longo dos séculos XIX e XX, principalmente as de 1894-95, 1918, 1931 e a de 1948 revelam um interesse pelo ensino técnico, apesar de este ter sido sempre um pouco marginalizado em relação ao ensino liceal. O ensino técnico profissional era visto como essencial para o desenvolvimento económico do país e, assim, claramente se sente a urgência de reformas para este tipo de ensino. No período do Estado Novo, a educação técnica foi alvo de duas reformas, a de 1931 e a de 1948. O sistema educativo português sofreu uma transformação radical ao longo do século XX, o número de alunos aumentou sucessivamente, em 1900 era de um quarto de milhão, em 1930 era meio milhão, em 1960 era de um milhão e em 1990 dois milhões.

Apesar de iniciativas dispersas na primeira metade do século XIX, nomeadamente com a criação dos Conservatórios de Artes e Ofícios em 1836-1837 por Passos Manuel, só em 1852 com Fontes Pereira de Melo se procura acabar com uma das carências mais penalizadoras do desenvolvimento económico, que era a ausência de um ensino vocacionado para a formação de técnicos para os sectores agrícola, industrial e comercial.¹⁷ O ensino comercial, fora do âmbito do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, continuou agregado ao ensino liceal e, por essa via ao Ministério do Reino. Só em 1866 foi criada uma instituição específica para a formação nessa área, a Escola Comercial de Lisboa, vindo a ser três anos mais tarde incorporada no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa. A regionalização do ensino técnico assumia-se como um desafio necessário quando abordámos os anos de 1880. Na legislação de Emídio Júlio Navarro encontramos as grandes premissas teóricas da organização do ensino industrial e comercial em Portugal. O seu plano divide o ensino industrial e comercial em *Elementar e Preparatório* e em *Especial* o ensino industrial e *Superior ou Especial*,¹⁸ para o ensino comercial. No ensino comercial o nível *Elementar* destinava-se a “dar noções gerais sobre operações de comércio e especiais de contabilidade mercantil”; o nível *Preparatório* destinava-se a “dar instrução preliminar necessária a indi-

¹⁶ SILVA, Maria Antonieta Vieira Freitas de – *A Escola Rocha Peixoto: Memória de um Espaço do Ensino Técnico (1942-1951)*. [Tese de Mestrado Policopiada]. Porto: 2009, p. 37.

¹⁷ ALVES, Luís Alberto Marques – *O Ensino*. In, SERRÃO, Joel; MARQUES, A.H. de Oliveira (dir.) – *Nova História de Portugal. Portugal e a Regeneração (1851-1900)*. Vol. X (coord.), SOUSA, Fernando de; e MARQUES, A.H. de Oliveira. Lisboa: Editorial Presença, Setembro 2004. p. 324 - 326.

¹⁸ SERRÃO, Joel (dir.) – *Dicionário da História de Portugal*. Vol. II/E-MA. Lisboa: Iniciativas Editores, Julho de 1971, p. 55.

víduos que se dedicassem a Cursos Superiores de Comércio”. Por fim o nível *Superior ou Especial* que se destinava a “habilitar aqueles que se dedicassem às carreiras de negociantes, banqueiros, guarda-livros, empregado superior de estabelecimento comercial e industrial ou a lugares da administração pública”.¹⁹ O ensino deveria ter um “cariz” essencialmente prático e seria acompanhado do trabalho manual apropriado às necessidades de cada especialidade, em oficinas anexas às escolas. Apesar do grande valor das medidas de Emídio Navarro, o ensino técnico continuava a marcar passo, por motivo de limitações de ordem económica e de certos dirigentes, para quem a solução dos problemas nacionais do ensino consistia na criação ou na supressão de escolas, ou na alteração dos programas e na imitação do que se fazia no estrangeiro.²⁰

Em 1891 o ministro João Franco elaborou uma nova reforma, repetindo o vocabulário reformista dos diplomas anteriores, alterando as designações dos cursos, e sublinhando a importância da oficina para o ensino industrial e do ensino industrial educativo. Os cursos elementares de comércio saem dos institutos, esperando o governo poder transformá-los em escolas comerciais de Lisboa e Porto. Dividiu o ensino industrial em dois ramos: o da arte industrial e o da ciência industrial; e o ensino comercial é reduzido a três anos e dividido em dois graus: o primeiro destinando-se a preparar guarda-livros e negociantes de pequeno trato e o segundo para empregados de contabilidade, financeiros e negociantes de grosso trato.²¹ Porém, no ano lectivo de 1900-1901, as inscrições nos diferentes sectores do ensino secundário eram as seguintes: o ensino industrial tinha 3 407 alunos, o ensino comercial elementar 503 alunos, o ensino agrícola 165 alunos e o ensino liceal, o mais populoso tinha 5 570 alunos. Estes dados ajudam a perceber o atraso com que se apostou na vertente do ensino industrial e para confirmar o reduzido desejo pelo ensino agrícola e comercial. O ensino liceal passa a ter, em inícios do século, um concorrente, ou seja, uma alternativa mais profissional para quem deseja entrar mais cedo e com outras habilidades e capacidades, no mundo do trabalho.²²

A par do ensino secundário dos liceus, existia o ensino secundário técnico da qual faziam parte, entre outras, as escolas elementares de comércio e as escolas preparatórias para

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

²² ALVES, Luís Alberto Marques – *O Ensino*. In, SERRÃO, Joel; MARQUES, A.H. de Oliveira (dir.) – *Nova História de Portugal. Portugal e a Regeneração (1851-1900)*. Vol. X (coord.), SOUSA, Fernando de; e MARQUES, A.H. de Oliveira. Lisboa: Editorial Presença, Setembro 2004. p. 328.

os Institutos Industriais e Comerciais. As escolas elementares de comércio ofereciam cursos de três anos, onde se leccionavam matérias teóricas com questões práticas de escrituração e cálculo comercial e as escolas preparatórias para o Instituto Comercial, antecedia com cursos de três anos, a matrícula no Instituto, que eram considerados estabelecimentos de ensino técnico de nível superior.²³ Em relação ao ensino técnico particular, este era mais escasso.

Luís Alves, sobre a reforma do ensino técnico de 1901 (24 de Dezembro) de Manuel Francisco Vargas, na obra *O Porto no Arranque do Ensino Industrial (1851-1910)*, refere que “As iniciativas legislativas da primeira década do século XX traduzem a marca do difícil contexto em que surgem. Os constrangimentos financeiros, as dificuldades políticas e as apostas coloniais são algumas das vertentes enquadradoras e justificativas das medidas que se procuram implementar, [destacando as] reformas que visam alterar os conteúdos e as práticas de ensino” [...].²⁴ De forma a rentabilizar os investimentos efectuados no ensino técnico, o decreto de 24 de Dezembro de 1901, pretendia “«[...]fundir e condensar [...]a matéria expressa em vários diplomas anteriores [...] dentro dos limites das verbas orçamentais, dar solução prática e inadiável a questões de ordem técnica e administrativa [...]».”²⁵ Na parte pedagógica, esta reforma do ensino técnico tinha como objectivo “dar maior elasticidade aos programas dos vários cursos e disciplinas, especializando-os ou dando-lhes a faculdade de se especializarem segundo as circunstâncias locais; [...] alargar a criação dos cursos livres e, seguindo o exemplo das nações que tiveram de estabelecer escolas mistas industriais e comerciais, tornar possível quando necessário o ensino de escrituração comercial e noções de comércio [...]»”.²⁶

Nas escolas elementares de comércio, o ensino leccionado compreendia matéria/disciplinas como: Corografia,²⁷ história prática, geografia geral e comercial, noções de história do comércio, rudimentos de economia e legislação comercial, transportes, noções gerais de comércio, escrituração e cálculo comercial. As corporações administrativas locais,

²³ SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. de Oliveira, Dir. – *Nova História de Portugal. Portugal – Da Monarquia para a República*. Coord. de MARQUES, A. H. de Oliveira. Vol. XI. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p. 542

²⁴ ALVES, Luís Alberto Marques – *O Porto no Arranque do Ensino Industrial (1851-1910)*. Porto: Edições Afrontamento, 2003, p. 117.

²⁵ Idem, p. 118.

²⁶ Idem, p. 120.

²⁷ A palavra corografia significa estudo geográfico particular de uma região ou de um país.

as câmaras de comércio, as associações comerciais ou indústrias, ou os particulares, podiam solicitar cursos livres e quando autorizados, funcionavam entre outras, em escolas elementares de comércio. Os cursos livres podiam ser de línguas (alemã e inglesa), de caligrafia ou outras matérias de interesse para o comércio da localidade onde a escola se inseria.²⁸

O decreto de 24 de Dezembro de 1901, estabelecia ainda a possibilidade de serem criadas novas escolas, novas disciplinas, ou novas oficinas nas escolas, conforme as necessidades quer locais, quer profissionais, mas também encerrar cursos ou disciplinas que não se justificassem pela fraca adesão de interessados. A criação de novas escolas, de novas disciplinas ou de novas oficinas nas escolas dependia “de prévia autorização legislativa.”²⁹ Era dada preferência à criação de novas escolas, de novas disciplinas ou de novas oficinas nas escolas desde que fossem solicitadas por corporações administrativas, associações ou particulares. Estas tinham que se responsabilizar “de modo efectivo pelas despesas de renda de casa, mobília, material, expediente e pessoal menor, ficando a cargo do Estado os vencimentos do pessoal docente”³⁰; sobre as novas disciplinas, tinham que se responsabilizar “de modo efectivo pelo acréscimo de despesas de material, expediente e pessoal menos”³¹ e sobre o encerramento de cursos ou disciplinas eram “suprimidos ou transferidos para outra escola ou localidade onde possam ser mais proveitosos [os] cursos ou disciplinas que, depois de três anos de exercício, não [tivessem] em dois anos sucessivos frequência suficiente para justificar a sua conservação”.³²

Luís Alves, refere que esta reforma estabelecia ainda que o número de alunos por cada professor não devia exceder os quarenta; a constituição das turmas deveria sempre que possível agrupar os alunos por idades e o ensino era diurno e nocturno, no entanto, o ensino oficial seria diurno, podendo também ser nocturno, mas em casos excepcionais.³³ No que diz respeito à “classe” de frequência dos alunos, estes ou eram ordinários ou voluntários. Os alunos ordinários frequentavam a escola por anos completos e os alunos voluntários frequentavam algumas disciplinas, conforme também se pode constatar na Escola Prática Comercial Raul Dória. Quanto ao número de faltas, o aluno que atingisse “em qualquer dis-

²⁸ ALVES, Luís Alberto Marques – *O Porto no Arranque do Ensino Industrial (1851-1910)*. Porto: Edições Afrontamento, 2003, p. 122.

²⁹ *Idem*, p. 123.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ *Ibidem*.

³² *Ibidem*.

³³ *Idem*, p. 124.

ciplina [...] o terço do número de lições, [perderia] o direito a exame, ou à passagem de ano”.³⁴

O ensino comercial era muito débil no termo da monarquia. A população escolar global das escolas industriais e comerciais era, em 1910 de 7 153 alunos e a distribuição pelos diversos tipos de ensino e de escolas era o seguinte: nas 31 escolas de ensino industrial e comercial, havia 6 299 alunos e nos institutos comerciais e industriais, 665 alunos. A população escolar feminina era escassa: 838 alunas nas escolas elementares de ensino industrial e comercial, ou seja, 13,3% da população total destas escolas; 3 alunas nos institutos comerciais e industriais, ou seja 4,5% da respectiva população. No conjunto do ensino profissional, a população feminina representava 11,7% do total, o que reflecte a forma como era encarada a educação das mulheres e a estrutura do mercado de emprego da sociedade portuguesa em 1910.³⁵

A 23 de Maio de 1911 o regime republicano remodela o ensino industrial e comercial, dividindo o Instituto Industrial e Comercial de Lisboa em Instituto Superior Técnico e Instituto Superior de Comércio. Neste ano, Brito Camacho afirmava que “o nosso atraso provém apenas da insuficiência do nosso ensino técnico, insuficiência que ontem era um mal e hoje é um perigo, dada a luta de competência que é preciso suportar na concorrência aos mercados de todo o mundo.”³⁶

Numa perspectiva de renovação do ensino técnico em Dezembro de 1918, o ministro Azevedo Neves, consciente da debilidade orgânica do nosso ensino e das razões que a motiva, promulga a reforma do ensino técnico e diz o seguinte: “o espírito da nossa legislação é desconexo e vário. Não se descortina facilmente o desenvolver progressivo duma ideia ou dum plano assente sobre definidos princípios sociais e pedagógicos. [...] Não é abrindo escolas e importando mestres do estrangeiro e ainda menos por se modificarem constantemente leis e programas, que se integra e se infiltra o ensino e a educação na alma rude do povo.”³⁷ Ainda segundo o ministro Azevedo Neves, o ensino técnico profissional “tem por fim a preparação dos indivíduos que se destinam às carreiras da indústria ou do comércio, e

³⁴ Idem, p. 134.

³⁵ PATRICIO, Manuel Ferreira – *A instrução pública: os limites de uma reforma*. in REIS, António, (dir.) – *Portugal Contemporâneo. 1910-1958. Da fragilidade do Estado Republicano à Ascensão e Consolidação do Estado Novo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1996, p. 238.

³⁶ SERRÃO, Joel (dir.) – *Dicionário da História de Portugal*. Vol. II/E-MA. Lisboa: Iniciativas Editores, Julho de 1971, p. 57.

³⁷ Ibidem.

deve ser dado através do desenho, das disciplinas especiais, das aulas práticas e das oficinas.³⁸

Com a reforma republicana de 1918 veio também um espírito novo, disposto a dar atenção a aspectos até aí desprezados ou minimizados. Esta reforma inverteu o número de anos por ciclo, que passou a ser de dois, três em vez de três, dois.³⁹ A reforma do ensino técnico de 1 de Dezembro de 1918, de Azevedo Neves, reorganizou o ensino técnico comercial e industrial, alterou a sua função, facilitou o recrutamento de professores, ampliou a rede de escolas técnicas (durante a 1ª República passou de 30 para cerca de 50), a partir da audição dos interlocutores dos sectores económicos e educativos. Maria Silva, cita o relatório da reforma do ensino técnico de 1918, dizendo que “o indivíduo sem competências técnicas práticas [...] é uma perfeita inutilidade para o caminho do progresso, para a marcha da civilização, e constitui um peso para o Estado. O país carece de técnico e não de diplomados.”⁴⁰

QUADRO 1

FREQUÊNCIA DO ENSINO TÉCNICO	
Anos Lectivos	Ensino Técnico
1919-1920	8 820
1920-1921	8 892
1921-1922	8 832
1922-1923	9 452
1923-1924	10 078
1924-1925	11 756
1925-1926	13 016
1926-1927	14 446
1927-1928	15 812
1928-1929	16 521
1929-1930	16 391

Fonte: SILVA, Maria – *A Escola Rocha Peixoto: Memória de um Espaço do Ensino Técnico (1942-1951)*. [Tese de Mestrado Policopiada]. Porto: 2009, p. 40. (Adaptado)

Maria Silva refere que a reforma do ensino técnico de 1918 valorizava o comércio. Segundo ela, “« (...) O comércio, exprime a vitalidade da nação, é o índice seguro da riqueza, da economia pública. O valor do comércio indica o valor útil de um país. O comércio

³⁸ Idem, p. 58.

³⁹ SERRÃO, Joel; MARQUES, A.H. de Oliveira (dir.) – *Nova História de Portugal. Portugal – Da Monarquia para a República*. (coord.) A.H. de Oliveira Marques. Vol. XI. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p. 537.

⁴⁰ SILVA, Maria – *A Escola Rocha Peixoto: Memória de um Espaço do Ensino Técnico (1942-1951)*. [Tese de Mestrado Policopiada]. Porto: 2009, p. 40.

marca o poder da nação [...]. O que vale um país pode sintetizar-se numa ideia – a importância do seu comércio».”⁴¹ A reforma de 1918, definiu que o ensino comercial podia ser leccionado em Aulas Comerciais, Escolas Comerciais, Institutos Comerciais e Institutos Superiores de Comércio.

À reforma de 1918 seguiram-se os decretos de 26 de Setembro de 1919, de 12 de Junho de 1920 e de 12 de Junho de 1921, que procuraram melhorá-la, mas as perturbações políticas internas e externas que o novo regime sofreu não permitiram o clima de serenidade que seria necessário para a execução de uma boa reforma do ensino.⁴²

A frequência das escolas de ensino técnico aumentou consideravelmente ao longo dos primeiros trinta anos do século XX, quer em função da multiplicação no número de escolas quer devido à crescente utilidade do próprio ensino.

Desde o início dos anos de 1930 que o ensino técnico profissional foi objecto da atenção do regime nacionalista. No entanto, só no pós guerra foram criadas as condições para o lançamento de um movimento reformador estruturante do ensino técnico profissional.

As reformas do ensino técnico de 4 de Junho de 1930 e 21 de Outubro de 1931, procuraram uniformizar as escolas, cursos e procedimentos pedagógicos provenientes da reforma de 1918, extinguindo e transformando umas e criando outras, com um objectivo muito concreto: rentabilizar o ensino técnico. Segundo Maria Silva, o decreto nº 20 420 de 21 de Outubro de 1931 procurou “reunir num único diploma toda a legislação sobre o ensino técnico profissional, pondo fim, [...] às deficiências, erros, confusões e contradições até essa altura,⁴³ [e] simplificar o sistema, acentuar o carácter profissionalizante do ensino, [considerar] novas actividades na definição dos cursos (comércio, vidro, mecânica, química e electricidade) [alterar] o tipo de ensino e as escolas passaram a ser designadas como técnico profissionais.”⁴⁴ Segundo José Cardim, na obra *Do Ensino Industrial à Formação Profissional – As políticas públicas de qualificação em Portugal*, o número de escolas técnicas estabilizou entre 1926-52, 1935-47 e 1941-51, mas o número de alunos aumentou de 14 500 em 1926 para cerca de 35 500 em 1942, originando uma sobre ocupação das escolas.

⁴¹ Idem, p. 42.

⁴² SERRÃO, Joel (dir.) – *Dicionário da História de Portugal*. Vol. II/E-MA. Lisboa: Iniciativas Editores, Julho de 1971, p. 48.

⁴³ SILVA, Maria – *A Escola Rocha Peixoto: Memória de um Espaço do Ensino Técnico (1942-1951)*. [Tese de Mestrado Policopiada]. Porto: 2009, p. 43.

⁴⁴ Idem, p. 44.

Os anos de 1947 e 1948 marcaram um importante momento no ensino liceal e técnico durante o Estado Novo. A reforma do ensino técnico de 1948, reforçou uma via alternativa para libertar os liceus da pressão a que estavam sujeitos e encontrar respostas adequadas à evolução do mercado de trabalho, que passaria por canalizar os estudantes para as escolas técnicas das vias profissionais.⁴⁵

O processo de preparação da reforma de 1948 começou com a criação de uma Comissão que foi empossada em Julho de 1941 e só em Agosto de 1948 termina a sua missão com a aprovação do Estatuto do Ensino Técnico Profissional. De um modo geral, a reforma de 1948 trouxe mais gente para a escola, foi uma referência de mudança no contexto da escola e mais propriamente no do ensino técnico profissional.

Até 1948, os relatórios dos directores das escolas técnicas eram pouco interessantes, registavam pouco mais que dados estatísticos e administrativos, queixas relacionadas com as instalações e fuga de alunos. Na década de 1950 os relatórios passam a solicitar uma vontade de inovação pedagógica, sendo evidente a “referência aos princípios da Escola Nova”, onde se impunha um ensino activo e prático que tirasse o melhor rendimento dos alunos.⁴⁶

Em 1953, na discussão do Plano de Fomento e em 1957, no II Congresso da Indústria Portuguesa, o ensino técnico voltou a ser notícia, demonstrando a sua importância estratégica. Aqui foi referido que “as escolas técnicas desempenharam um papel relevante na formação das classes intermédias, nomeadamente das elites dirigentes locais.”⁴⁷ Carlos Proença, director geral do ensino técnico profissional entre 1945 e 1971, referiu que “para a nação portuguesa, a reforma do ensino técnico profissional, será a solução mais conveniente, desde que limadas algumas barreiras legais existentes.”⁴⁸

A presença autoritária do Estado é uma característica dominante da política educativa no período de 1930 a 1974. A raiz doutrinal do Estado está sempre presente, saindo mesmo dos espaços escolares, para se projectar no seio das famílias e das comunidades. O Estado Novo utiliza todas as potencialidades do ensino como factor de socialização: inculca valores, sujeita corpos e disciplina consciências. O regime nunca confunde intencionalidade com eficácia e percebe os limites de uma acção estritamente escolar. A escola integra uma forte componente de pesquisa ideológica e de doutrina moral, baseando-se num esforço de produ-

⁴⁵ SERRÃO, Joel; MARQUES, A.H. de Oliveira (dir.) – *Nova História de Portugal. Portugal e o Estado Novo (1936-1960)*. ROSAS, Fernando. (coord.), Vol. XII. Lisboa: Editorial Presença, 1992, p. 485.

⁴⁶ Idem, p. 492 e 493.

⁴⁷ Idem, p. 484 e 485.

⁴⁸ Ibidem.

ção de consensos sociais fundados em valores que se dizem indiscutíveis. O sistema educativo contribui para a interiorização de um modelo de sociedade que traduz projectos unificadores no plano político, simbólico e cultural.⁴⁹

Durante o período do Estado Novo, a sua política traduz-se na adopção de quatro grandes perspectivas: a *compartimentação do ensino*, que se traduz na separação dos sexos e dos grupos sociais; o *realismo pragmático*, que ajusta a oferta institucional à procura social de educação, baixando as aprendizagens escolares, (redução da escolaridade obrigatória, dos conteúdos programáticos e do nível de competência dos professores); o *centralismo administrativo* inspecciona o ensino público e privado e controla o corpo docente e reitores dos liceus; e a *desprofissionalização do professorado* através da desvalorização da base profissional e científica da actividade docente.⁵⁰ Contudo, convém assinalar outras mudanças de orientação estratégica do Estado Novo, como as reformas do pós-guerra e as medidas de prolongamento da escolaridade obrigatória, tomadas no início da década de sessenta.

Em jeito de conclusão e tal como referi no início da contextualização, desde o século XVIII existiu por parte do Estado uma preocupação pela instrução do povo. A Lei de 14 de Agosto de 1895, de João Franco e Jaime Moniz, marcou o ensino em Portugal até à década de 1930, no entanto, no termo da Monarquia, o ensino profissional (industrial e comercial) era muito débil, a frequência de alunos neste ensino era reduzida e a população feminina era escassa. Com o fim da Primeira República em 1926, o número de alunos já não coincide com os de 1910, ou seja, o número de alunos a frequentar o ensino profissional era maior.

As reformas do ensino de Abril de 1917 e a de 1923, nunca entraram em vigor nem passaram de projectos, no entanto as reformas de 1918 e 1948 trouxeram mudanças significativas. Os anos de 1947 e 1948 marcaram o período do Estado Novo, no que diz respeito ao ensino, cujo objectivo era aliviar a procura dos liceus e canalizar os estudantes para as escolas técnicas.

Maria Silva, citando Luís Alves, refere que “«na longa distância temporal, é possível descortinar momentos de particular ênfase e investimento no ensino técnico, mas também desfasamentos entre aquilo que a realidade económica nos exigia e aquilo que fomos capazes de fazer (...)».”⁵¹

⁴⁹ ROSAS, Fernando (dir.); BRITO, J.M. Brandão – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol I. Bertrand Editora, Setembro de 1996, p. 286.

⁵⁰ Idem, p. 286 e 287.

⁵¹ SILVA, Maria – *A Escola Rocha Peixoto: Memória de um Espaço do Ensino Técnico (1942-1951)*. [Tese de Mestrado Policopiada]. Porto: 2009, p. 48.

Identificação das Fontes

Nenhum trabalho nasce do nada. Nenhum artista cria uma obra sem matéria-prima, nenhum construtor constrói um edifício sem os materiais necessários. E, da mesma forma, nenhum historiador compreende a História... sem fontes!

Depois de ter escolhido o tema de investigação e feito o levantamento das fontes, foi chegado o momento de fazer uma selecção das mesmas⁵², uma vez que dispúnhamos de grande quantidade e diversidade. Estes factores, aliados ao tempo limitado a que estávamos sujeitos, obrigou-nos a fazer uma escolha, privilegiando sempre que possível fontes com alguma sequência cronológica, a fim de poder efectuar um estudo sequencial.

Surgiu ainda a ideia de recorrermos testemunhos/fontes orais, uma vez que a Escola fechou portas em 1964, mas não optamos por isso, decidimos consultar e analisar documentos de arquivo relacionados com a vida da Escola, que se apresentam por ordem alfabética:

- *Actas de Exames* do ano lectivo de 1917-1918⁵³;
- *Álbum – Bodas de Prata do Director da Escola Comercial Raul Dória, Exmo Sr. José Campos Vaz* de Abril de 1938;
- *Álbum de Recortes* de 1921 a 1959;
- *Alvará n.º 806* de 14 de Dezembro de 1943;
- *Anuários da Escola Raul Dória* dos anos lectivos de 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918, 1918/1919 e 1927/1928;
- *Apreciações da Imprensa* [jornalística] entre 1901 e 1912 [Livro];
- *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula* de 1910 a 1964⁵⁴ [Folhas avulsas];

⁵² BELL, Judith – *Como realizar um projecto de investigação. Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. [s.l.] Gradiva, Março de 2008, p. 37.

⁵³ As *Actas de Exame* que se faz referência e por nós consultadas não se traduziram no objectivo pretendido. Estas eram constituídas fisicamente por uma ficha rectangular de pequenas dimensões, onde evidenciavam alguns dados, como: o ano lectivo e a data da *Acta de Exame*, o nome da cadeira examinada, o nome, número de matrícula e número de ordem dos alunos examinados, as notas atribuídas na *Prova escrita* e na *Prova oral*, a *Média final* e as *Observações*. Nas *Observações* o aluno ou era **Reprovado** (até aos 9 valores), ou **Aprovado** (entre os 10 e 14 valores), ou **Distinto**, (com 15 ou mais valores). De referir que as *Actas de Exame* eram assinadas pelo *Presidente* e por dois *Vogais*.

- *Breve Notícia Histórica* de 1912 [Livro];
- *Cadernetas Escolares*⁵⁵;
- *Condições de matrícula* [Folha avulsa];
- *Debates Parlamentares* de Junho, Julho e Agosto de 1917 [site];
- *Escrituração e Economia Doméstica* de 1919 [Livro];
- *Escola Raul Dória*. Outubro de 1910 [Livro];
- *Escola Raul Dória – Ano Escolar de Outubro a Julho*, [1934/1935], [Livro];
- *Escola Prática Comercial Raul Dória* [Livro];



Fig. 1: Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória. Ano lectivo 1915/1916.



Fig. 2: Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória. Ano Lectivo 1917/1918.



Fig. 3: Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória. Ano lectivo 1927/1928.

- *Impressos informativos e de divulgação* de 1910 a 1917;
- *Jornal A Pátria* de 6 de Setembro de 1921;
- *Jornal* [a notícia não identifica o jornal] - 57º aniversário da Escola de 1 de Dezembro de 1959;
- *Jornais O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro*, de 18 de Março de 1917;
- *Jornais O Comércio do Porto* e o *Jornal de Notícias*, de 16 de Setembro de 1922;
- *Jornais O Comércio do Porto*, *Jornal de Notícias* de 2 de Abril e *O Primeiro de Janeiro*, de 3 de Abril, todos de 1938;

⁵⁴ Entre os anos lectivos de 1910/1911 a 1963/1964, os “campos” a preencher nos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula* de alunos foram sempre homogéneos.

⁵⁵ As *Cadernetas Escolares* por nós consultadas, continham os dados pessoais dos alunos, como o nome, filiação, freguesia, distrito, data de nascimento, mas também o nome da escola de proveniência dos alunos.

- *Lista de nomes de alunos premiados às diversas disciplinas* entre 1910 a 1940;
- *O Rauldoriano. Órgão dos Antigos Alunos da Escola Raul Dória*, de Julho de 1975;
- *Original de Registo de Óbito* de 15 de Setembro de 1922 [de Raul Dória];
- *Primeiro e Único Estabelecimento do País de Ensino Comercial* [Livro];
- *Programa da Escola Prática Comercial Raul Dória* de Outubro de 1909 [Livro];
- *Programas e Convites. 12º Aniversário* de 1914;
- *Projecto lei. “Diário da Câmara dos Deputados”* de 26 de Junho de 1917 [site];

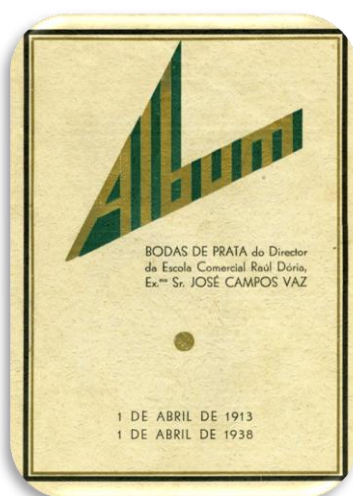


Fig. 4: Álbum – Bodas de Prata de José Campos Vaz. Abril de 1913 – Abril 1938.

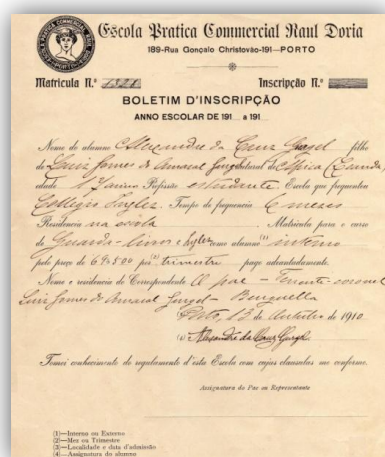


Fig. 5: Boletim de Inscrição / Assento de Matrícula.

- *Projecto lei. “Diário do Governo”* de 6 de Maio de 1912;
- *Prospectos - Anúncios publicitários da instituição* - 1915-1940;
- *Regulamento do Dormitório - Deveres a Cumprir* de 1 de Outubro de 1919;
- *Regulamento Interno. Para alunos externos* de 6 de Outubro de 1921;
- *Títulos Honoríficos* de 1908 e 1912⁵⁶.

Uma das fontes essenciais desta dissertação foi a imprensa jornalística. As *Apreciações da Imprensa* entre 1901 e 1912 a que se faz referência, resulta de um conjunto de notí-

⁵⁶ Em reconhecimento pelos seus feitos, foram atribuídos à Escola e a Raul Dória três diplomas, denominados por *Títulos honoríficos*: Diploma da Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908; Diploma da “Exposition Internationale de Sports et d’ Hygiène” em Joinville-le-Pont, França, a 05 de Setembro de 1912 e o Diploma de membro de honra da “Société des Etudes Portugaises” de Paris a 20 de Dezembro de 1912.

cias publicadas pela imprensa e que a Escola compilou, publicando posteriormente em obra as referidas notícias, com aquela designação. A obra supracitada é composta por um conjunto de 33 notícias, locais, regionais e internacionais. Destas *Apreciações da Imprensa*, a nível local publicaram a Escola e Raul Dória os seguintes jornais: *A Escola Prática Comercial*, *Educação Nacional*, *O Jornal de Notícias*, *O Comércio do Norte*, *O Comércio do Porto*, *O Correio do Norte*, *O Diário da Tarde*, *O Diário Nacional*, *O Guarda-Livros*, *O Norte*, *O Porto*, *O Portucalense*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Progresso da Foz*, num total de catorze jornais; a nível regional *A Luz do Comércio*, *A Palavra*, *A Pátria*, *A Publicidade*, *A Vanguarda-Lisboa*, *A Voz Pública*, *Campeão da Província-Aveiro*, *Folha da Noite*, *O Ave*, *O Defensor de Espinho*, *O Mundo, de Lisboa*, *O Nacional*, *O Povo da Murtosa*, *Portugal (Órgão Philatelico Universal)*, *Semana Alegre* e *Vida Nova de Viana do Castelo*, num total de dezasseis jornais e a nível internacional três jornais, *Folha do Norte do Pará*, *O Luso-Africano* e o *Portugal Moderno-Rio de Janeiro*.

Para além das *Apreciações da Imprensa* entre 1901 e 1912, sentimos ainda a necessidade de consultar outros periódicos [imprensa jornalística] em datas muito específicas, com o intuito de complementar a nossa investigação e perceber o impacto dos falecimentos, em primeiro lugar do Administrador da Escola, Silva Dória, nos jornais *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro*, ambos de 18 de Março de 1917; em segundo lugar do fundador e Director da Escola, Raul Dória, nos jornais *O Comércio do Porto* e *Jornal de Notícias* de 16 de Setembro de 1922 e por último perceber o impacto da comemoração das Bodas de Prata do Director José Campos Vaz, à frente da Direcção da Escola nos jornais *O Comércio do Porto* e o *Jornal de Notícias*, ambos de 2 de Abril de 1938 e *O Primeiro de Janeiro* de 3 de Abril do mesmo ano.

A par de toda a imprensa referida, os cinco *Anuários* da Escola por nós consultados, os *Boletins de Inscrição/Assentos de Matrícula*, as *Condições de matrícula*, o *Regulamento do Dormitório - Deveres a Cumprir* e o *Regulamento Interno. Para alunos externos*, entre outras, foram as principais fontes do nosso trabalho, por vários motivos, mas sendo o principal, a sua riqueza histórica.

Fonte importante para a nossa investigação foi o *Diário do Governo*. Ao longo da nossa pesquisa encontramos referências sobre dois *Projectos de Lei* e tendo como finalidade obter informação do seu conteúdo, consultamos (em suporte papel) o *Diário do Governo* de 6 de Maio de 1912, bem como o *Diário da Câmara dos Deputados* (através de site), de 26 de Junho de 1917. Estas consultas permitiram-nos uma melhor interpretação e compreensão do conteúdo dos *Projectos de Lei*, nomeadamente no que diz respeito às reivindicações soli-

citadas. Na sequência da consulta do *Projecto de Lei* de 26 de Junho de 1917, foi possível ainda apresentar algumas posições contra e a favor sobre este documento debatidas na Câmara dos Deputados nos meses de Junho, Julho e Agosto de 1917.

Para além das fontes já aqui apresentadas e face à referência que encontramos em documentos, foi indispensável consultar o *Alvará nº 806*, de 14 de Dezembro de 1943, documento que oficializou a Escola Prática Comercial. Esta consulta permitiu-nos conhecer, interpretar e compreender melhor o seu conteúdo, ou seja, o número de alunos que a Escola estava autorizada a receber e os cursos aí leccionados.

Consultamos ainda o *Original de Registo de Óbito* de Raul Dória de 15 de Setembro de 1922, cuja finalidade principal foi esclarecer o seu nome completo, visto que existiam dúvidas, mas também informações relacionadas como a data, hora e local do seu falecimento, a filiação, nome do cônjuge, as causas do óbito e local onde foi sepultado, proporcionando-nos posteriormente uma deslocação ao local onde está inumado.

Finalmente, para além de todas as fontes aqui apresentadas, consultamos ainda dois trabalhos de António Álvaro Dória⁵⁷, sobre a Escola Prática Comercial e sobre Raul Dória e um trabalho intitulado de *Centenário (1902-2002) da “Escola Prática Comercial Raul Dória”* de Joaquim Fernando da Cunha Guimarães, de Dezembro de 2002, que muito contribuíram para esta investigação.

Acesso à Informação

A elaboração desta investigação foi um desafio, acompanhada de alguma ansiedade e preocupação, evidente neste tipo de trabalhos. Cada dia dedicado à sua realização era um mistério, um enigma, uma surpresa, pois não sabíamos o que poderia acontecer, nomeadamente, no que se refere ao acesso à informação, embora desde cedo soubéssemos o local onde nos dirigir para as consultar. Para isso, muito contribuiu as valiosas e indispensáveis orientações que me foram dirigidas ao longo de todo o presente trabalho pelo Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves, orientador de mestrado.

⁵⁷ Sobre os trabalhos que nos referimos, um foi publicado em Janeiro de 1968, intitulado de *O Prof. Raul Dória e a sua Escola* e o outro em Setembro de 1972, intitulado de *Prof. Raul Dória*, este último foi publicado no jornal o *Tripeiro*. Ambos os trabalhos foram consultados na BPMP.

No que diz respeito às dificuldades sentidas em relação ao acesso à informação, não posso dizer que as senti, pelo contrário, senti sim dificuldade em seleccionar esta ou aquela fonte, mas creio que as escolhas que por nós foram efectuadas, foram as mais plausíveis.

A maioria das fontes por nós estudadas foram essencialmente produzidas pela Escola Prática Comercial Raul Dória, mas também por outras entidades, sendo as mesmas consultadas e/ou adquiridas em oito locais diferentes, como de seguida se demonstra por ordem alfabética:

- Arquivo Central do Registo Civil do Porto;
- Arquivo Distrital do Porto;
- Arquivo Histórico do Ministério da Educação - Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular;
- Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
- Biblioteca Pública Municipal do Porto;
- Escola Profissional Raul Dória;
- Outros [Sites].

No Arquivo Central do Registo Civil do Porto, instalado na Rua Visconde Setúbal, explicado o propósito da nossa visita, foi-nos facultado gentilmente uma cópia do *Original de Registo de Óbito* de Raul Dória, para o fim anteriormente apresentado.

No Arquivo Distrital do Porto, sito na Rua das Taipas, espaço onde se encontra o principal núcleo documental utilizado por nós para a realização desta investigação, consultamos documentação relacionada com a vida da Escola, que se encontra organizada em cinco “secções”, sendo elas: a *Direcção*, a *Livraria*, o *Património*, a *Secretaria* e a *Tipografia*.

Na secção da *Direcção* entre outra documentação existente, consultamos o *Álbum de recortes* com fotografias de professores, de alunos e das instalações dos três edifícios por onde a escola passou; duas notícias [recortes] de jornais, um do jornal *A Pátria* de 6 de Setembro de 1921 e a outra [a notícia intitula-se *57º aniversário da Escola*, mas não identifica o jornal] de 1 de Dezembro de 1959; *Impressos informativos e de divulgação* de 1910 a 1917; *Programas e Convites*, nomeadamente do *12º Aniversário da Escola*, que foi comemorado em 1914; *Prospectos. Anúncios publicitários da instituição*; dois regulamentos, um denominado de *Regulamento do Dormitório - Deveres a Cumprir* de 1 de Outubro de 1919 e o outro intitulado de *Regulamento Interno. Para alunos externos* de 6 de Outubro de 1921 e por último, três *Títulos Honoríficos*, um de 1908 e os outros dois de 1912, atribuídos quer à

Escola quer a Raul Dória por instituições internacionais em reconhecimento pelos seus feitos.

No que diz respeito à secção da *Livraria* encontramos a documentação subdividida em duas partes: uma das partes denominava-se de *Material didáctico* e a outra de *Publicações*. Por uma questão de selecção de fontes, escolhemos as *Publicações* uma vez que continha documentação que no pareceu ser mais benéfica para a nossa investigação. Assim, nesta subsecção, consultamos dois *Anuários* da Escola Raul Dória, um relativo ao ano lectivo de 1912/1913 e publicado em Outubro de 1913 e o outro do ano lectivo de 1918/1919 e publicado em Outubro de 1919; consultamos ainda outros “livros” intitulados de *Apreciações da Imprensa*; *Breve Notícia Histórica*; *Escola Raul Dória*; *Escrituração e Economia Doméstica*; *Primeiro e Único Estabelecimento do País de Ensino Comercial*; *Programa da Escola Prática Comercial Raul Dória* de Outubro de 1909; *Escola Raul Dória - Ano Escolar de Outubro a Julho* [1934/1935] e *Escola Prática Comercial Raul Dória*.

À semelhança da secção anterior, na secção da *Secretaria*, encontramos a documentação também dividida em duas partes. Esta documentação está repartida entre a *Contabilidade* e os *Serviços Administrativos*. Seguindo a metodologia apresentada anteriormente, seleccionamos a subsecção dos *Serviços Administrativos*, onde consultamos *Actas de Exame* do ano lectivo 1917/1918; *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula* do ano lectivo de 1910/1911 a 1963/1964; *Cadernetas Escolares*; *Condições de matrícula* e a *lista de nomes de alunos premiados às diversas disciplinas* de 1910 a 1940.

As secções do *Património* e da *Tipografia* foram as menos utilizadas por nós, uma vez que da primeira apenas consultamos algumas fotografias relacionadas com a vida da Escola e visualizamos o busto de bronze de José Campos Vaz, segundo director da Escola e da segunda optamos por não consultar nada, uma vez que era material relacionado com a tipografia da Escola.

A maior parte da documentação encontram-se em estado regular, dentro de caixas, em maços, capas, livros e “capilhas”, estando também alguma dela microfilmada. De uma forma geral, o núcleo de documentação é muito diversificada, existem muitas fotografias, peças decorativas e documentos de grandes dimensões, para além do material considerado tradicionalmente como de arquivo que está compreendido cronologicamente entre Setembro de 1901 a 14 de Janeiro de 1964.

Uma das condicionantes sentidas aquando da nossa pesquisa no Arquivo Distrital do Porto foi a necessidade de transcrever tudo o que se relacionava com a nossa investigação, implicando algumas deslocações, dispêndio de muitos dias, semanas, senão meses, ou então

optar pela reprodução da documentação pelo método digital, opção que acarretava elevados “custos”. A totalidade do fundo documental por nós levantado no Arquivo Distrital do Porto, relativo à Escola Prática Comercial Raul Dória, pode ser consultada no CD que se junta nos anexos.

Outro dos locais que tivemos a necessidade de “bater à porta” foi ao Arquivo Histórico do Ministério da Educação e à Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Após a identificação do documento que oficializou a Escola Prática Comercial Raul Dória, no Porto, como Escola de *Programas e Planos Próprios*, contactamos em primeiro lugar telefonicamente o Arquivo Histórico do Ministério da Educação, no sentido de obter informações sobre a localização do *Alvará nº 806*, de 14 de Dezembro 1943. Simpaticamente fomos informados pela Doutora Perpétua Guerreiro que o documento por nós referido se encontrava na Direcção-Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular, que por nós contactados confirmaram a sua localização. Via e-mail solicitamos à directora da Direcção-Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular, Doutora Luísa Ucha, se nos facultava cópia do documento referido ou se nos teríamos de deslocar a estes serviços, a Lisboa, para o podermos aceder. Depois de alguma demora na resposta destes serviços e de alguma insistência da nossa parte, sobre a forma como o deveríamos aceder, os mesmos enviaram-nos via CTT, cópia do *Alvará nº 806*, que oficializou a Escola.

Na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto consultamos no início da nossa investigação o *Diário do Governo* dos meses de Outubro a Dezembro de 1902 e posteriormente em Maio de 1912.

Outra parte da documentação que serviu de base ao nosso trabalho encontrava-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto, nomeadamente alguns dos periódicos, como os jornais: *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro* de 18 de Março de 1917; *O Comércio do Porto* e o *Jornal de Notícias* de 16 de Setembro de 1922; *O Comércio do Porto* e o *Jornal de Notícias* de 2 de Abril e *O Primeiro de Janeiro* de 3 de Abril, estes três últimos de 1938.

Aceder a estes periódicos não foi de todo complicado; pelo contrário, contamos com a ajuda dos funcionários desta Biblioteca, especialmente daqueles que fazem parte da sala de leitura dos periódicos, mas... um dos “muros” que não conseguimos derrubar foi o estado de conservação de algumas das fontes [periódicos]. O jornal que consideramos em pior estado de conservação foi, sem qualquer dúvida, *O Primeiro de Janeiro*. Este encontra-se com muitas folhas rasgadas e outras ausentes. Para além das fontes já referidas, consultamos ainda na Biblioteca Pública Municipal do Porto três trabalhos sobre a Escola e Raul Dória, [*O Prof.*

Raul Dória e a sua Escola (1968); *Prof. Raul Dória* (1972) e o *Centenário (1902-2002) da “Escola Prática Comercial Raul Dória”* (Dezembro de 2002)] e parte da bibliografia utilizada.

Parte da documentação utilizada na nossa investigação encontrava-se na Biblioteca da Escola Profissional Raul Dória, na Praça da República, no Porto, a qual nos foi aberta pelas mãos da Dra. Laura Rocha. Aqui consultamos as fontes a seguir enumeradas: *Álbum – Bodas de Prata do Director da Escola Comercial Raul Dória, Exmo Sr. José Campos Vaz* de 1 de Abril de 1938; consultamos três *Anuários* da Escola Raul Dória, um relativo ao ano lectivo de 1915/1916, outro do ano lectivo de 1917/1918 e o último do ano lectivo de 1927/1928, todos publicados no mês de Outubro de 1916, 1918 e 1928, respectivamente. Consultamos ainda uma revista denominada de *O Rauldoriano. Órgão dos Antigos Alunos da Escola Raul Dória* de 1 de Julho de 1975.

Segundo nos informou a actual direcção da Escola Profissional Raul Dória, algumas das fontes que detêm sobre a “antiga Escola”, termo assim referido, foram oferecidas a esta Escola por alunos seus, que por sua vez pertenciam a familiares que a frequentaram. Note-se que, as fontes por nós aqui consultadas encontram-se em muito bom estado de conservação.

Outra ferramenta consultada e indispensável nos dias que correm na pesquisa das fontes, foi a internet. Por esta via consultamos o segundo *Projecto Lei* apresentado pela Escola Prática Comercial Raul Dória à Câmara dos Deputados em Junho de 1917. Na consequência deste *Projecto Lei* e uma vez que estão disponíveis em formato digital, consultamos os *Debates Parlamentares* da Câmara dos Deputados que ocorreram nos meses de Junho, Julho e Agosto de 1917.

Consultamos ainda o site <http://observatordaimprensa.pt/periodicos.portugueses> com o objectivo de identificar geograficamente a imprensa jornalística que publicou sobre a Escola e Raul Dória.

Por fim e depois de termos conhecimento pela actual directora da Escola Profissional Raul Dória, Dra. Laura Rocha, que um familiar de Raul Dória trabalhava no edifício do *Jornal de Notícias*, na cidade do Porto e antigo espaço onde a Escola esteve instalada, tentamos chegar à fala pessoalmente com o mesmo com uma finalidade muito concreta; obter mais informação para além da que dispúnhamos, quer de Raul Dória, seu bisavô, quer da antiga Escola. Esta tentativa por nós efectuada no mês de Abril de 2010 não surtiu qualquer efeito, ou seja, não surtiu o efeito que pretendíamos, uma vez que chegados ao local e explicado o propósito da nossa presença, fomos informados que o “Senhor Engenheiro Dória” já ali não trabalhava, tinha-se transferido profissionalmente para uma empresa localizada na cidade da

Maia. Questionados por nós se tinham conhecimento do nome da empresa na cidade da Maia, para prosseguirmos como o nosso objectivo, fomos informados que não dispunham de qualquer elemento sobre a mesma. Resta-nos referir que fizemos tudo o que esteve ao nosso alcance para chegarmos à fala com um bisneto de Raul Dória e questioná-lo sobre assuntos relacionados com a nossa investigação, mas também dar conhecimento do trabalho realizado por nós.

Em jeito de conclusão, convém referir que, durante a nossa investigação tivemos a necessidade de nos deslocar a diversos locais, no sentido de obter as informações de que carecíamos, nomeadamente ao Arquivo Central do Registo Civil do Porto; ao Arquivo Distrital do Porto; Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Biblioteca Pública Municipal do Porto e à Escola Profissional Raul Dória. A existência de muita bibliografia sobre esta temática, se por um lado foi um indispensável instrumento na elaboração deste trabalho no sentido de nos dar muitas opiniões e interpretações sobre o assunto, por outro lado, implicou um esforço extra de sistematização de informação.

Roteiro da Escrita

As palavras aqui apresentadas sobre o presente “Roteiro da Escrita” tem como finalidade, demonstrar o que por nós foi feito, relativamente à construção do texto escrito.

Mas porque “tudo tem a sua história”, Justino Magalhães (1998), a escolha deste tema também teve a sua história. Tudo começou na primeira sessão de Mestrado, no dia 26.09.2008, orientado pelo Professor Doutor Luís Alberto Alves e pela Professora Doutora Maria José Moutinho, onde fomos questionados se tínhamos alguma ideia do tema que gostaríamos de investigar. Com o decorrer de algumas sessões, surgiram duas possíveis hipóteses de trabalhos. Aflorou-se a possibilidade de estudar a Escola Profissional Bento Jesus Caraça, delegação do Porto, uma vez que ali desempenhava funções docentes, ou então, estudar a antiga Escola Raul Dória. Motivado pelo estudo quer de uma instituição, quer de outra, fomos para o terreno fazer pesquisas sobre eventuais fontes existentes: nas próprias instituições de ensino, na BPMP e no Arquivo Distrital do Porto, chegando-se à conclusão que para a Escola Profissional Bento Jesus Caraça, pouco ou nada existia e o que existisse estaria nos arquivos centrais da instituição, na delegação de Lisboa, facto que obrigaria a algumas deslocações a esta delegação. Para a Escola Raul Dória verificou-se que a docu-

mentação se encontrava na sua maioria no Arquivo Distrital do Porto, factor decisivo na escolha do tema, uma vez que profissionalmente não dispúnhamos de tempo para grandes deslocações. Feita a escolha do tema de investigação, que recaiu sobre uma instituição de ensino particular que existiu na cidade do Porto, no século XX, denominada de Escola Prática Comercial Raul Dória, partimos ao encontro das fontes, onde à medida que as íamos recolhendo, o tema foi despertando em nós cada vez mais interesse, motivação, para além da curiosidade em querer conhecer um pouco mais de uma escola da qual não sabia nada. Em termos cronológicos, este trabalho abarca o período compreendido entre 1902 a 1964, período onde alguma documentação disponível tem uma organização capaz de ser trabalhada e nos permitiu fazer um estudo sequencial.

Assim, lançamos duas questões: Como fizemos o nosso trabalho? E o que fizemos?

Após o levantamento das fontes, a metodologia por nós utilizada passou em primeiro lugar por verificar as que poderiam ser trabalhadas. As fontes com que nos deparamos e o tempo de que dispúnhamos fizeram-nos reflectir. Neste sentido, o nosso objectivo passava por questionar as fontes que recolhemos e delas obter respostas, com o intuito de sistematizar os dados recolhidos e realizar uma produção de texto escrito.

Para isso colocamos várias questões:

- Qual ou quais os factores que estiveram na origem da fundação da Escola Prática Comercial Raul Dória?
- Qual a História / percurso da Escola?
- Que imprensa jornalística a publicitou?
- Quais os assuntos abordados na imprensa?
- Quem liderou os destinos da Escola?
- Quais as regras estabelecidas nos seus regulamentos?
- Quais os cursos leccionados e frequentados?
- Qual o número, regime de frequência e sexo dos alunos que frequentaram a Escola?
- Em que medida os alunos eram do grande Porto ou não?
- Quais as proveniências geográficas e profissões dos alunos?

De forma a poder responder às questões por nós formuladas, elegemos, como já se referiu anteriormente, um “livro” intitulado de *Apreciações da Imprensa*, com uma tripla finalidade: em primeiro lugar analisamos os diversos assuntos por si publicitados entre 1901 e 1912, agrupando-os sumariamente por temas; em segundo lugar, e com a recolha das notí-

cias fizemos um tratamento estatístico, para se ter a noção que imprensa jornalística noticiou a escola e quantas notícias publicaram sobre a Escola e Raul Dória, em terceiro e último lugar, demonstrar o número de notícias publicadas em cada ano. Além disso, este tratamento estatístico permitiu-nos ainda fazer uma comparação entre os diferentes periódicos, (que foram 33) em relação ao volume de notícias por si publicadas.⁵⁸ Fizemos ainda, através da consulta do site <http://observatôriodaimprensa.pt/periodicos.portugueses> uma selecção da imprensa por área geográfica (local, regional e internacional).

O método que adoptamos para a imprensa jornalística (sumariar os assuntos para a construção do nosso texto) foi o mesmo que utilizamos para os *Anuários da Escola*, *Álbum das Bodas de Prata de Campos Vaz*, *Alvará*, *Projectos de Lei* e debates parlamentares.

Foi ainda elaborada uma base de dados onde foram registados inicialmente todos os elementos constantes dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula*, como se demonstra através do quadro II.⁵⁹

QUADRO 2

Elementos constantes dos Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula de alunos inscritos na Escola Prática Comercial Raul Dória entre 1910 e 1964	
Nome do aluno	
Filiação	
Naturalidade	
Residência	Profissão
Idade	
Curso em que se matricula	
Regime de frequência	
Valor a pagar	
Forma de pagamento	Classe
Assinatura do pai ou representante	
Escola de proveniência	
Tempo de frequência	

Ficha modelo de levantamento de informação dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula* de alunos inscritos na Escola Prática Comercial Raul Dória entre 1910 a 1964.

⁵⁸ A discrepância existente no número de notícias do Gráfico I (108), com as do gráfico II (102), deve-se ao facto de existir uma notícia (comunicado escrito a 5 de Junho de 1906 por Raul Dória, em agradecimento ao corpo docente, alunos e funcionários, aquando do seu regresso ao Porto, vindo de Paris) que foi publicada em sete jornais da cidade do Porto a 23 de Julho do mesmo ano.

⁵⁹ A base de dados, utilizada para o levantamento dos dados constantes dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula*, encontram-se no CD anexo.

Numa primeira fase, o objectivo da nossa investigação passou por efectuar um levantamento de todos os elementos constantes dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula*, em detrimento dos anos lectivos. No entanto, com o passar do tempo sentimos a necessidade de fazer uma selecção dos dados a recolher, por dois motivos: primeiro por entendermos que seria interessante efectuar um levantamento consecutivo de alguns dados entre 1910 e 1964, período em que existe *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula* e segundo, proceder à recolha de todos os dados iria impossibilitar o levantamento até 1964, devido à limitação de tempo a que estávamos sujeitos. Por esta razão, procedemos ao levantamento de todos os dados constantes nos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula* para os anos lectivos entre 1910 e 1913, num total de quatro anos. Para os restantes anos lectivos entre 1913/1914 a 1963/1964, passamos a concentrar a nossa atenção para “entradas” dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula* que nos pareceram mais importantes, como: número de alunos por anos lectivos, o género (sexo), regime de frequência (interno, externo e semi-interno), cursos em que se matriculavam, idade, proveniência geográfica e profissão à data da sua matrícula na Escola.

Após o levantamento dos dados constantes dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula* realizamos um tratamento estatístico que é analisado na quarta parte deste trabalho. De referir que alguns dos dados por nós recolhidos não foram tratados, como a idade dos alunos, a escola de proveniência e tempo de frequência, a forma e o valor de pagamento, a classe (ordinário ou livre), e o responsável pelo aluno (pai ou representante), mas ficam disponíveis para futuros trabalhos. Para finalizar, podemos dizer que alguns dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula* encontravam-se incompletos, uma vez que não eram preenchidos todos os campos.

Fazendo agora uma apresentação do nosso trabalho, podemos dizer que a presente dissertação divide-se em quatro capítulos, independentes entre si mas que se relacionam intimamente, sendo o segundo, terceiro e quarto capítulos o objecto do nosso estudo.

O capítulo II intitulado “DA HISTÓRIA DA ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA À SUA IMAGEM EXTERNA” divide-se em dois momentos distintos, mas complementares: primeiro “A história da Escola Prática Comercial Raul Dória entre 1902 e 1964” e depois “A opinião da imprensa jornalística”. Respondendo à segunda questão por nós formulada (E o que fizemos?), podemos dizer que na primeira parte procuramos reconstruir tanto quanto possível a história da Escola, recuando um pouco ao período de formação do seu fundador no Curso Superior de Comércio no Instituto Industrial e Comercial do Porto, passando pela fundação da Escola em Novembro de 1902, locais onde se instalou, prémios atribuídos, falecimento do administrador e posteriormente do fundador e director, comemoração em 1938

das bodas de prata de José Campos Vaz à frente da direcção, oficialização da Escola em 1943, *Projectos de Lei* de 1912 e 1917 apresentados à Câmara dos Deputados e debates parlamentares. Numa segunda parte do II capítulo procuramos em primeiro lugar identificar a imprensa jornalística que noticiou a Escola e Raul Dória e o número de notícias publicadas entre 1901 e 1912 e em segundo lugar apresentar os assuntos por ela noticiados (visitas que alguns jornalistas efectuaram às instalações da Escola, parecer da imprensa internacional, trabalhos realizados, viagens e visitas de estudo, convívio de antigos alunos e comemorações dos aniversários da Escola).

O IIIº capítulo denominado de “AS LIDERANÇAS E AS REGRAS DE FUNCIONAMENTO DA ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA” à semelhança do IIº capítulo, também se divide em duas partes. Na primeira parte procuramos identificar as lideranças da Escola (dois directores no período em estudo), primeiro destacando a figura de Raul Dória que esteve à frente dos destinos da Escola durante vinte anos (entre 1902, data da fundação da Escola, até 1922, data da sua morte), mas também através da figura de José Campos Vaz, que liderou durante cinquenta e um anos os destinos da direcção da Escola. Numa segunda parte do capítulo procuramos evidenciar as regras de funcionamento interno da Escola, desde o regulamento das condições de matrícula, passando pelo regulamento do dormitório para alunos internos, até ao regulamento interno para alunos externos. Nesta parte procuramos ainda abordar o corpo docente da Escola e as “categorias/escalão” que ocupavam, o corpo não docente, os vários cursos leccionados e as metodologias de ensino adoptadas pela Escola.

No IVº e último capítulo intitulado de “A FUNÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL DA ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA (1910-1964)” procuramos graficamente demonstrar, através dos dados recolhidos dos *Boletins de Inscrição/Assentos de Matrícula* de alunos, o número de alunos inscritos/matriculados, a frequência em cursos/disciplinas e instrução primária,⁶⁰ o regime de frequência (interno, externo e semi-interno) e a frequência dos alunos por sexo. Procuramos ainda demonstrar as origens geográficas e as profissões dos alunos que se inscreviam/matriculavam na Escola e por último descrever a função/papel que a Escola exercia sobre a sua população estudantil, mas também perante a sociedade em geral.

Em jeito de síntese, com a descrição que realizamos para os capítulos dois, três e quatro, pretendíamos evidenciar tanto quanto possível a história da Escola, a imprensa jornalís-

⁶⁰ Aquando do levantamento das fontes, nomeadamente nos *Boletins de Inscrição/Assentos de Matrícula*, constatou-se que existiam alunos que se inscreviam / matriculavam na Instrução Primária, embora num número muito reduzido e só até ao ano lectivo de 1919/1920.

tica que noticiou a Escola e Raul Dória, bem como os assuntos por si publicitados, as lideranças, as regras de funcionamento, corpo docente e não docente, cursos leccionados e frequentados e regime de frequência.

CAPÍTULO 2

DA HISTÓRIA DA ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL

RAUL DÓRIA À SUA IMAGEM EXTERNA

DA HISTÓRIA DA ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA À SUA IMAGEM EXTERNA

As escolas de comércio têm merecido dos governos adiantados os mais solícitos cuidados. A Alemanha, os Estados Unidos, a França e a Inglaterra multiplicam esses institutos técnicos proporcionando-lhes todos os meios para que os cursos teóricos e práticos tenham o maior desenvolvimento de todos nós sabemos o lugar proeminente que essas nações ocupam no intercâmbio mundial.

Alberto Conrado.⁶¹

A história da Escola Prática Comercial Raul Dória entre 1902 e 1964

Apesar de podermos ter recorrido a outras fontes, por exemplo as orais, preferimos reconstruir a história da Escola Prática Comercial Raul Dória através de notícias da imprensa jornalística da época e de alguns dos seus *Anuários*, um percurso de sessenta e dois anos de existência de uma instituição de ensino particular dedicada ao ensino comercial e a quem um dia chamaram de *Universidade Comercial*.⁶²

Raul Dória,⁶³ assim como era conhecido no seu meio, fundou na cidade do Porto a 30 de Novembro de 1902, uma Escola vocacionada para o ensino comercial. Numa entrevista

⁶¹ *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano Lectivo de 1917/1918*. Porto: Tipografia da Escola Raul Dória, Outubro de 1918. p. 1.

⁶² DÓRIA, António Álvaro – *Prof. Raul Dória*. “Tripeiro”, VI série, Ano XII, nº 9, Setembro de 1972, p. 271.

⁶³ Raul Montes da Silva Dória nasceu na freguesia de Santo Ildefonso, na cidade do Porto a 6 de Janeiro de 1878 e faleceu às 14.30 h do dia 15 de Setembro de 1922, com 44 anos de tuberculose pulmonar. Filho de José Maria da Silva Dória, industrial de alfaiataria, oriundo da freguesia de São Bartolomeu em Coimbra e de Emília Montes da Silva Dória, natural da freguesia do Bonfim no Porto. Matriculou-se no antigo Curso Superior de Comércio do Instituto Industrial e Comercial onde teve por mestre, Paulo Marcelino Dias de Freitas, mais tarde director do Instituto Industrial e Comercial. Retirado da obra de António Álvaro Dória – *O Prof. Raul Dória e a sua Escola*. Porto: Janeiro de 1968, p. 2-9 e do registo de óbito de Raul Dória.

que deu ao jornal *A Luz do Comércio*, a 22 de Setembro de 1906 e publicada no dia seguinte, descreve a História da sua Escola até à altura. Recuando ao tempo em que era estudante do Curso Superior de Comércio do Instituto Industrial e Comercial do Porto, começa a sua entrevista referindo que achava interessante o sistema de escriturar um livro com lançamentos numa só transacção. Acrescentou dizendo que o seu sucesso foi fruto, não só na bibliografia estudada, relacionada com o desempenho das funções de Guarda-livros⁶⁴, mas também da prática que adquiriu como empregado, “durante alguns anos, na importante casa desta cidade, Vieira Leão e C^a,”⁶⁵ e no Curso Superior de Comércio do antigo Instituto Industrial e Comercial do Porto,⁶⁶ que abandonou por falta de tempo, por volta de 1899, quando lhe faltavam apenas duas cadeiras para a sua conclusão. Estes três factores “auxiliaram por completo, o estudo a que com tão boa vontade me dedicara.”⁶⁷

Ainda durante o tempo de estudante, era frequentemente procurado por amigos que lhe solicitavam explicações sobre diversos problemas de Escrituração Comercial, ao que ele “respondia sempre com agrado nas escassas horas livres de que dispunha, nomeadamente nos intervalos das aulas, ensinando-lhes como deveriam ser escrituradas determinadas transacções”⁶⁸ e, segundo o próprio, “fui criando assim, insensivelmente, uma atmosfera de conhecedor.”⁶⁹ Decorridos dois anos de estudo e de apoio a alguns colegas, Raul Dória foi abordado por um seu amigo, de seu nome, Santos Pousada, que lhe pediu que tomasse conta da leccionação de dois alunos seus, com a condição expressa de receber honorários pelo seu trabalho.

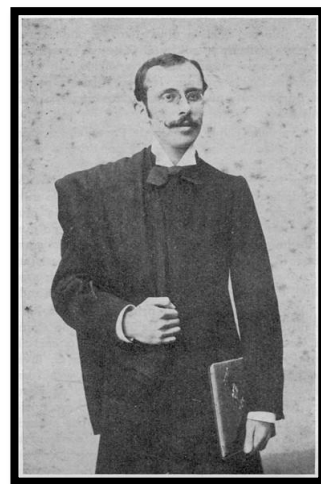


Fig. 6: Raul Dória nos tempos de estudante no Instituto Industrial e Comercial do Porto.

⁶⁴ Pessoa que tem por profissão registar, em livros próprios, os movimentos comerciais de uma ou mais casas de comércio. Retirado do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. II. Lisboa: Editorial Verbo, 2001, p. 1946.

⁶⁵ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 16-18. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Luz do Comércio" de 23 de Setembro de 1906.]

⁶⁶ *Ibidem*.

⁶⁷ *Ibidem*.

⁶⁸ *Ibidem*.

⁶⁹ *Ibidem*.

Depois de procurar o *conselho* e o *consentimento* de seu pai, José Maria da Silva Dória,⁷⁰ Raul Dória aceitou o pedido de Santos Pousada, para assim dar início ao ensino de Escrituração Comercial. Sendo o espaço físico escasso de que dispunha, reduzido apenas ao seu quarto de estudante, na rua de Santa Catarina, em pouco tempo viu-se obrigado a aumentar o espaço para as suas aulas, pois o número de alunos aumentava significativamente. Raul Dória solucionou a dificuldade do espaço, deitando abaixo uma parede divisória do seu quarto com a sala, para fazer uma sala maior.

Em 1899 e com o aumento acentuado de alunos inscritos nas disciplinas de Comércio e Caligrafia, arte em que Raul Dória era notável, criou o Curso Comercial e Caligráfico. Forçado, pelo motivo referido, estabeleceu-se em casa própria, alugou um andar na rua de Santo Ildefonso, nº 428.⁷¹ Com esta mudança de instalações, originada pela cada vez maior afluência do número de alunos, aumentaram também as disciplinas a leccionar.

Passou-se a leccionar Francês, Inglês, Geografia e Estenografia⁷², bem como as que anteriormente já leccionava Raul Dória, sendo também necessária a contratação de novos professores para as diferentes áreas.

Com um número sempre crescente de alunos e depois de ter procedido a reparos numa nova casa que alugara, é inaugurada a sede da Escola a 30 de Novembro de 1902⁷³, data da sua fundação Raul Dória estabeleceu a Escola Prática



Fig. 7: Edifício da Escola na rua do Bonjardim, onde foi fundada em 1902.

⁷⁰ Nasceu na freguesia de São Bartolomeu em Coimbra, a 15 de Fevereiro de 1854 e faleceu no Porto na tarde de Sábado de 17 de Março de 1917, com 63 anos de cirrose. Ver biografia mais completa nos anexos. Retirado dos Jornais *O Comércio do Porto*. Ano LXIV, nº 65. Domingo, 18 de Março de 1917, p. 3 e de *O Primeiro de Janeiro*. Ano 65. Domingo, 18 de Março de 1917, p. 3.

⁷¹ DÓRIA, António Álvaro – *Prof. Raul Dória*. “Tripeiro”, VI série, Ano XII, nº 9, Setembro de 1972, p. 272.

⁷² Esta disciplina consistia no estudo do alfabeto: vogais e consoantes. Formação das palavras. Terminações. Abreviaturas. Exercícios de velocidade de ditados de 10 a 100 palavras por minuto. Retirado do *Anuário da Escola Raul Dória. Ano Lectivo 1912/1913*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1913, p. 52.

⁷³ Face à constante referência em documentação da fundação da Escola Prática Comercial a 30 de Novembro de 1902, realizou-se uma pesquisa no “Diário do Governo” de 1902, com a finalidade de verificar o *decreto* que institucionaliza a mesma. Esta pesquisa inicialmente compreendeu o período de vinte e oito de Novembro a três de Dezembro do mesmo ano, vindo-se a constatar que nada foi publicado. Alargada a mesma pesquisa ao

Comercial, nome pela qual ficou designada, numa casa de dois andares da rua do Bonjardim, no nº 235. O edifício da Escola já não existe actualmente, tendo sido demolido aquando do alargamento das vias de comunicação de acesso à Avenida dos Aliados, bem como à construção do actual edifício dos CTT. Vocacionando-a para o ensino técnico comercial, foi organizado “um programa, para perfeita orientação do ensino a seguir, preparando vários indivíduos para a profissão de guarda-livros.”⁷⁴

Correspondendo a Escola às necessidades do meio, pouco tempo depois era pequena para que nela coubessem todos aqueles que procuravam Raul Dória, para o ensino das matérias a todos os indivíduos que se destinassem à vida comercial.

Dois anos depois da Escola se ter instalado na rua do Bonjardim, Raul Dória mudou-a em 1904 para o nº 422/442, da rua de Fernandes Tomás, prédio também de dois andares.⁷⁵

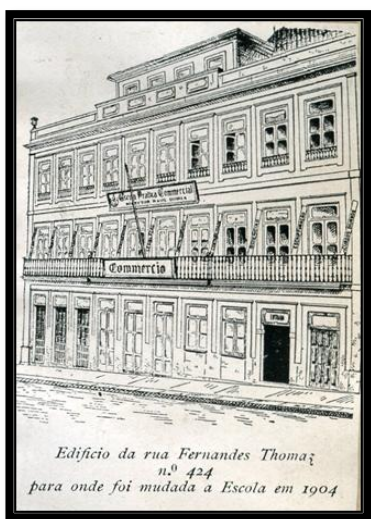


Fig. 8: Edifício da Escola na rua Fernandes Tomás, para onde foi mudada em 1904.

Segundo descreve o jornal *O Correio do Norte* a 2 de Outubro de 1906, as novas instalações eram compostas pelo *gabinete de leitura*, onde aluno encontrava uma biblioteca composta de obras relacionadas com os conteúdos disciplinares, tratados comerciais, jornais de ensino comercial e doméstico, pela *sala de dactilografia*, onde existiam cinco tipos diferentes de máquinas de escrever, podendo os alunos escolher a máquina específica para o seu trabalho, pela *sala de comércio*,⁷⁶ a mais importante da Escola,⁷⁷ pela *sala de*

último trimestre de 1902, confirmou-se que nenhuma referência se fez em relação à Escola. O objectivo desta pesquisa tinha como finalidade saber quais os cursos e as disciplinas que os compunham e que eram leccionados na Escola Prática Comercial.

⁷⁴ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 16-18. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Luz do Comércio." de 23 de Setembro de 1906.]

⁷⁵ Actualmente o edifício da Escola na rua Fernandes Tomás já não existe. O mesmo situava-se junto à esquina da rua Fernandes Tomás com a rua Dr. Alves da Veiga, perto do actual Hotel São José.

⁷⁶ Da *sala de comércio* faziam parte cinco compartimentos, (Caixa, Banco de Comércio, Câmbios, Expediente e Correspondentes) por cada compartimento eram distribuídos dois alunos, um era responsável pela escrituração e o outro era auxiliar, sendo estes cargos atribuídos aos principiantes.

⁷⁷ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 21-22. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Correio do Norte" de 2 de Outubro de 1906.]

aritmética, sistema métrico e estenografia,⁷⁸ pelas espaçosas *salas de línguas e ciências* e pelas *salas* destinadas ao *curso de economia doméstica* (sala de corte e confecções, sala de brunidos, cozinha prática e sala de desenho e bordados) devidamente equipadas.⁷⁹

Três anos decorridos sobre esta última instalação na rua Fernandes Tomás, o prédio tornou-se novamente pequeno para o fim a que o haviam destinado, devido ao aumento anual de alunos candidatos aos diferentes cursos. A velha ideia surgida no pequeno quarto da rua de Santa Catarina, era como uma bola de neve a aumentar de volume. Mas onde instalar a Escola? Era este o problema que preocupava Raul Dória, lançando-se novamente à procura da terceira casa para a instalar. Deparou-se com um edifício composto pelo rés-do-chão, primeiro e segundo andares, que lhe parecia vir ao encontro dos seus desejos na rua de Gonçalo Cristóvão, nº 189/191, um palacete com um jardim à frente, um

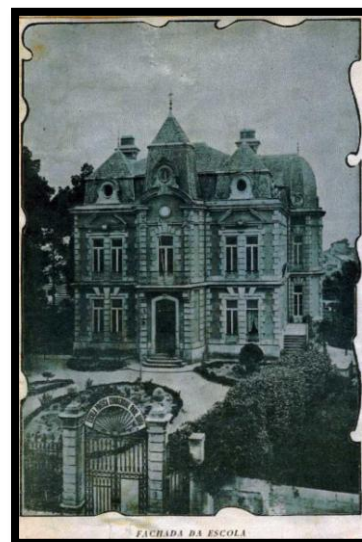


Fig. 9: Edifício da Escola na rua Gonçalo Cristóvão, para onde foi mudada em 1907.

enorme quintal nas traseiras e ladeado a poente pelo Horto Municipal. Raul Dória gostou do Palacete das Lousas, designação pela qual era conhecido e rapidamente entrou em negociações para o seu arrendamento.⁸⁰ Feitas as obras necessárias de adaptação daquele edifício, no dia 9 de Outubro de 1907, ladeado por seu Pai, Silva Dória, industrial portuense de alfaiataria e pelos professores, recebeu a imprensa jornalística que fora por si convidada para assistir à inauguração das novas instalações da Escola. Marcaram presença: *O Primeiro de Janeiro*; *O Diário Nacional*; *A Palavra*; *O Jornal de Notícias*; *O Correio do Norte*; *A Voz Pública*; *O Comércio do Porto*; *O Diário da Tarde*; *O Norte*; *O Mundo*, de Lisboa; *A Vanguarda*, de Lisboa e *O Progresso da Foz*.



Fig. 10: Vista lateral da Escola (rua de Camões).

⁷⁸ Na *sala de aritmética, sistema métrico e estenografia* encontravam-se aparelhos para as aulas de sistema métrico, tais como: medidas, pesos e balanças e uma grande lousa para o ensino da estenografia.

⁷⁹ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 21-22. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Correio do Norte" de 2 de Outubro de 1906.]

⁸⁰ D Ó R I A, António Álvaro – *O Prof. Raul Dória e a sua Escola*. Porto: Janeiro de 1968, p. 8-12.

Segundo descreve Álvaro Dória, com as novas instalações da Escola “abriu-se uma nova e brilhantíssima era na história da Escola Prática Comercial Raul Dória, iniciando-se uma série de conferências e palestras a cargo de professores da Escola, inaugurando-se com uma de [seu] pai acerca das *Vantagens da Escrituração Comercial*.”⁸¹ Estas conferências na opinião de Álvaro Dória, serviram para legitimar a Escola na comunidade local, nacional e até internacional, mas também por chamar à atenção do poder político para lhe conceder a oficialização dos seus diplomas que tanto a Escola pretendia pelo trabalho desenvolvido até à altura.

No fim da cerimónia de inauguração, Raul Dória ofereceu aos convidados uma taça de champanhe, como era hábito quando se realizavam festas, para troca de saudações, convidando-os a visitar de novo a Escola sempre que o desejassem.⁸² A opinião da imprensa sobre a Escola foi unânime referindo que era “admirável, deixando o visitante perplexo perante aquela magnificência comparada com a pobreza, pelintrice quase de uma grande parte dos estabelecimentos de instrução oficial.”⁸³

Em 1908 a Escola concorreu à Exposição Nacional do Rio de Janeiro, no Brasil, aquando da comemoração do primeiro centenário da abertura dos seus portos ao comércio

Fig. 10: Vista lateral da Escola (rua de Camões).

internacional, enviando quadros com fotografias das suas instalações, programas e publicações editadas pela Escola. Trata-se de um concurso a uma exposição em que Raul Dória viu a sua Escola com apenas seis anos ser premiada internacionalmente com a medalha de ouro e diploma de honra e ele com a medalha de prata.⁸⁴ A este propósito Raul Dória afirmou que “se o facto em si pode constituir vaidade, nem a sinto pelo prémio, nem pela distinção entre os concorrentes congéneres, nem tão simplesmente pela certeza de que os trabalhos, a organização, o ensino, os métodos seguidos, mereceram a plena aprovação de júris competentes e imparciais. Este facto nada mais constituiu para mim do que o reconhecimento dos alicerces em que assentava a Escola, que eu não queria tomar como tão fortes, se bem que os suspeitasse suficientemente seguros.”⁸⁵ Aproveitando este reconhecimento internacional, pas-

⁸¹ Idem, p.13-15.

⁸² *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 37-38. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Norte" de 3 de Novembro de 1907.]

⁸³ Ibidem.

⁸⁴ *Programa da Escola Prática Comercial Raul Dória*. Porto: Tipografia A. F. Vasconcelos, Outubro de 1909, p. 1-2

⁸⁵ D Ó R I A, António Álvaro – *O Prof. Raul Dória e a sua Escola*. Porto: Janeiro de 1968, p.14.

sou a fazer uma divulgação no seu *Programa* publicado em Outubro de 1909 e nos seus *Anuários* dos anos lectivos de 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918, 1918/1919 e 1927/1928 com o objectivo de reforçar a sua fama junto da sociedade, das suas homólogas nacionais e estrangeiras e trazer mais alunos quer nacionais quer estrangeiros à Escola.

A 5 de Setembro de 1912, em Ville de Joinville le Pont, em França, na *Exposition Internationale de Sports et d' Hygyene*, recebeu Raul Dória o diploma comemorativo e no dia 20 de Dezembro do mesmo ano a *Société des Études Portugaises* conferiu-lhe o diploma de membro de honra. Acontecimentos que a Direcção da Escola aproveitou para publicar no seu *Anuário* do ano lectivo de 1912/1913.⁸⁶

Segundo António Nóvoa, no *Dicionário de Educadores Portugueses*, a Escola foi ainda agraciada com o grau de Oficial da Ordem de Instrução Pública, bem como na Internacional do Rio de Janeiro, em 1923.⁸⁷

Se em 1908 e em 1912 Raul Dória e a Escola passavam por um período de alguma prosperidade, com a atribuição de diplomas/medalhas por diversas entidades internacionais, em reconhecimento dos seus méritos, os anos de 1917 e sobretudo o de 1922, marcaram a Escola pela dor. Primeiro com o falecimento do administrador da Escola, Silva Dória e depois pelo falecimento do seu fundador, com apenas 44 anos. Raul Dória faleceu numa sexta-feira, 15 de Setembro de 1922 na sua residência familiar na rua Gonçalo Cristóvão, de tuberculose pulmonar, sendo os seus restos mortais transportados da residência para a Escola onde esteve em câmara ardente. O funeral realizou-se no Domingo dia 17 de Setembro, saindo o féretro da Escola pelas 17 horas⁸⁸ para o cemitério do Prado do Repouso.⁸⁹ Raul Dória foi sepultado em jazigo de família, secção 35, jazigo 592, onde seu pai, Silva Dória, foi sepultado em 1917 e em Setembro de 1990, seu filho, Álvaro Dória.⁹⁰ Por obra do desti-

⁸⁶ *Impressos informativos e de divulgação, 1910 a 1917 e Anuário da Escola Raul Dória. Ano Lectivo 1912/1913*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1913, p. 11 e 13.

⁸⁷ NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003, p. 505.

⁸⁸ Segundo refere o *Jornal de Notícias* de 16 de Setembro de 1922, o funeral foi às 17 horas, no entanto, o jornal *O Comércio do Porto* também do mesmo dia, refere que se realizou às 3 horas.

⁸⁹ *Jornal de Notícias*. nº 218. Porto: 16 de Setembro de 1922, p. 1.

⁹⁰ A informação obtida sobre a localização onde Silva Dória, Raul Dória e Álvaro Dória foram sepultados foi obtida em primeiro lugar de forma oral na secretaria do referido Cemitério e depois confirmada por nós no local.

no a escritura de compra do edifício da Escola na rua Gonçalo Cristóvão foi assinada um mês após o seu falecimento,⁹¹ “depois de longas, fastidiosas e quezilentas negociações”⁹² como refere Álvaro Dória em *O Tripeiro*.

Em Abril de 1938 a Escola comemorou as Bodas de Prata com José Campos Vaz à frente da direcção, sendo noticiada pelos jornais *O Comércio do Porto* e *Jornal de Notícias* de 2 de Abril e *O Primeiro de Janeiro* de 3 do mesmo mês. A homenagem foi presidida por Semeão Pinto de Mesquita, vogal da Câmara Municipal, em representação do Presidente da Câmara do Porto. Marcaram ainda presença Luís Mourão, do Sindicato dos contabilistas; Silvério de Magalhães, da Associação Protectora da Infância e Marta Mesquita da Câmara, escritora. Em representação dos professores da Escola estiveram presentes Júlio Cardoso, Gonçalves Braga, José Valente, Mário de Carvalho e Jaime Vieira Coelho, este último era médico da Escola. Aureliano Gonçalves Braga Júnior, representou os “antigos” alunos e Artur Nascimento, os “actuais” e Armindo Lopes ofereceu ao homenageado um álbum.⁹³

Desta comemoração fez parte um programa que decorreu de 1 a 8 de Abril e compreendeu uma sessão solene de homenagem ao director; baile de honra no salão nobre da Escola; banquete no Grande Hotel do Porto; sarau literário-musical no salão teatro da Escola; conferência no pavilhão grande da Escola, sessão cinematográfica no cinema da Escola; distribuição de um bodo aos pobres, das juntas de freguesia do Porto e uma exposição ao público, das várias dependências da Escola.⁹⁴

Apesar de estar a funcionar há 41 anos, a Escola obteve apenas em 14 de Dezembro de 1943 a oficialização como “um estabelecimento de ensino particular denominado de Escola Prática Comercial Raul Dória [...] em régimen de planos e programas próprios”.⁹⁵ A referida oficialização determinada pelo *Alvará nº 806*, composto de uma folha frente e verso, con-

⁹¹ D Ó R I A, António Álvaro – *O Prof. Raul Dória e a sua Escola*. Porto: Janeiro de 1968, p. 3-29.

⁹² DÓRIA, António Álvaro – *Prof. Raul Dória*. “Tripeiro”, VI série, Ano XII, nº 9, Setembro de 1972, p. 273.

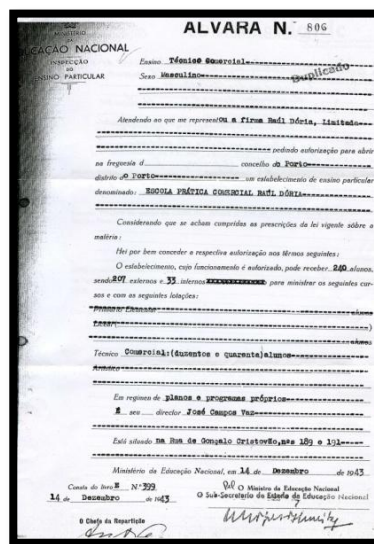
⁹³ Dados obtidos nos jornais: *O Comércio do Porto*. Ano LXXXIII, nº 89. Sábado, 2 de Abril de 1938, p. 3, *Jornal de Notícias*. Ano 49, nº 89. Sábado, 2 de Abril de 1938, p. 6 e *O Primeiro de Janeiro*. Ano 70, nº 90. Domingo, 3 de Abril de 1938, p. 6.

⁹⁴ *Álbum – Bodas de Prata do Director da Escola Comercial Raul Dória, Exmo Sr. José Campos Vaz*. [s.l.]: [s.e.], 1 de Abril de 1913 a 1 de Abril de 1938, p. 17.

⁹⁵ Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação Nacional: Inspeção do Ensino Particular. *Escola Prática Comercial Raul Dória – Alvará nº 806*. Livro E, nº 399, de 14 de Dezembro de 1943.

cedido pelo Ministério da Educação Nacional – Inspeção do Ensino Particular, estabeleceu o ensino comercial para o sexo masculino, estando autorizado a receber 240 alunos, dos quais, 207 externos e 33 internos.⁹⁶ O *Alvará* foi assinado pelo Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional e pelo Chefe da Repartição.⁹⁷

No seu verso consta um averbamento datado de 26 de Julho de 1963, onde por despacho ministerial do dia 9 do mesmo mês, se refere que a Escola passa a “ministrar o seguinte ensino, [...] ciclo preparatório, 80 alunos” e “curso comercial (planos próprios), 160 alunos,”⁹⁸ num total de 240 alunos. O averbamento termina referindo que “mantém-se as restantes condições do alvará”,⁹⁹ anteriormente referidas, sendo o mesmo assinado pelo Inspector Superior do ensino particular, em 26 de Julho de 1963.



No decorrer dos anos quarenta deflagrou um incêndio na Escola, que destruiu parte da parte superior, em consequência do qual se levaram a cabo obras de alteração no edifício, conforme consta dos “projectos para a alteração do edifício: alçada principal e posterior, lateral esquerda e lateral direita”¹⁰⁰ datado de 1949. A Escola Prática Comercial Raul Dória fechou as suas portas no final do ano lectivo de 1963/1964, ao fim de 62 anos de actividade. Com o encerramento da Escola, o Palacete das Lousas que albergou a Escola durante 57 anos, foi demolido para dar lugar ao actual edifício do Jornal de Notícias, nas imediações da Trindade. Após o encerramento da Escola a documentação foi incorporada no Arquivo Distrital do Porto em 1965, por doação de Dona Luísa

Fig. 11: *Alvará* nº 806 a oficializar a Escola Prática Comercial Raul Dória.
Fonte: Arquivo Histórico do Ministério da Educação Nacional.

⁹⁶ O *Alvará* pode ser consultado nos anexos e no CD.

⁹⁷ Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação Nacional: Inspeção do Ensino Particular. *Escola Prática Comercial Raul Dória – Alvará* nº 806. Livro E, nº 399, de 14 de Dezembro de 1943.

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰ Informação obtida no Arquivo Distrital do Porto, através do levantamento das fontes na secção da Direcção, Projectos e obras de 1949.

Natércia Gomes Vaz, esposa do director José Campos Vaz e em 28 de Julho de 1994, foi feita nova doação de um conjunto documental referente à Escola.¹⁰¹

A Questão dos *Projectos de Lei* sobre a Escola

A desenvolver a sua prática lectiva há dez anos, Raul Dória mostrou interesse que o Estado concedesse à sua Escola a oficialização dos diplomas dos cursos ministrados, mas também a sua fiscalização no que diz respeito aos exames efectuados. Neste sentido, em 1912 foi elaborado um documento a solicitar a respectiva oficialização e fiscalização.

O jornal *O Primeiro de Janeiro* de 8 de Maio de 1912, publica uma notícia relacionada com um *Projecto de Lei* sobre a Escola Prática Comercial Raul Dória, reproduzindo um outro publicado no dia 6 de Maio de 1912 no “Diário do Governo”, abordando as *Escolas Profissionais*. *O Primeiro de Janeiro* menciona que o *Projecto de Lei* referido tinha sido apresentado à Câmara dos Deputados no dia 2 de Maio de 1912, com a finalidade de o Estado oficializar os diplomas emitidos pela Escola Raul Dória.¹⁰² O *Projecto de Lei* era

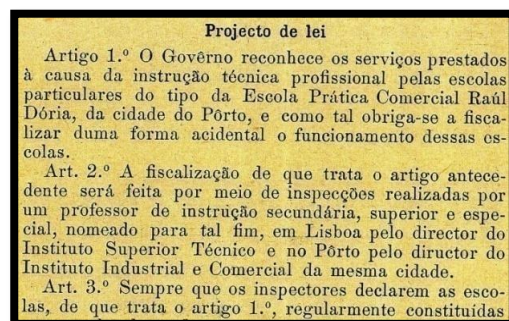


Fig. 12: *Projecto Lei* sobre a Escola Prática Comercial Raul Dória. **Fonte:** “Diário do Governo”. nº 105, Segunda-feira, 6 de Maio de 1912.

composto por cinco artigos e dizia respeito aos estabelecimentos de instrução comercial particular do tipo da Escola Prática Comercial Raul Dória. Nesse documento pretendia-se que: no primeiro artigo, o Governo reconhecesse os serviços prestados à causa da instrução técnica profissional pelas escolas particulares do tipo da Escola Prática Comercial Raul Dória, da cidade do Porto, e como tal se obrigasse a fiscalizar de uma forma imprevista e aleatória o funcionamento dessas escolas; no segundo artigo, a fiscalização a que se refere no primeiro artigo, fosse feita por meio de inspecções realizadas por um professor de instrução secundária, superior ou especial, nomeado, em Lisboa pelo Director do Instituto Superior Técnico e no Porto pelo Director do Instituto Industrial e Comercial da mesma cidade; no terceiro artigo, sempre que os inspectores declarassem as escolas, regularmente constituídas e preenchessem o fim a que se destinassem, poderiam os directores dessas escolas pedir a assistên-

¹⁰¹ Informação obtida na descrição do Arquivo Distrital do Porto.

¹⁰² *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 69-70. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Primeiro de Janeiro" de 8 de Maio de 1912.]

cia de um inspector, que poderia ser um professor de instrução secundária, superior ou especial, aos seus exames e desde que se conformassem com as decisões do júri deviam autenticar as certidões e no quarto artigo, a inspecção fosse gratuita, mas pelo serviço de assistência de exames, a que se refere o artigo 3º, o emolumento a cobrar pelo inspector seria de 2\$000 réis diários, que era pago pelo director da Escola. No quinto revoga-se a legislação em contrário.¹⁰³

O *Projecto de Lei* foi subscrito por 31 deputados, à cabeça dos quais figurava o português Ângelo Vaz,¹⁰⁴ médico e político.¹⁰⁵ Segundo o conteúdo do documento, o mesmo beneficiava qualquer escola técnica, desde que a sua organização se equiparasse à da Escola Raul Dória.¹⁰⁶

Tendo conhecimento o poder político da vontade da direcção da Escola em tornar os seus diplomas oficialmente reconhecidos pelo Estado, o Ministro da Instrução, Sobral Cid, após ter visitado a Escola e no seu regresso a Lisboa no dia 7 de Abril de 1914, em entrevista ao jornal *A Capital*, sobre o assunto refere que iria “ser feito reconhecimento pelo Estado dos diplomas das escolas práticas de comércio fundadas por iniciativa particular que satisficam as condições de ensino [...]”.¹⁰⁷ Na expectativa das palavras proferidas pelo Ministro da Instrução, a direcção da Escola estava confiante que o Estado desse a sanção oficial aos seus diplomas, verificando-se contudo que o referido *Projecto de Lei*, nunca chegou a ser discutido.¹⁰⁸ Sobre esta questão dos diplomas, também o Ex-Ministro dos Estrangeiros e da Justiça, António Macieira, aquando de visita à Escola a 11 de Fevereiro de 1916, referiu que “seria de toda a justiça que os seus diplomas tivessem sanção oficial.”¹⁰⁹

¹⁰³ *Projecto de Lei*. “Diário do Governo”. n.º 105, Segunda-feira, 6 de Maio de 1912, p. 4. Ver o *Projecto de Lei* mais completo nos anexos.

¹⁰⁴ De seu nome, Ângelo Alves de Sousa Vaz, nasceu em Lisboa em 16 de Novembro de 1879 e faleceu no Porto, a 6 de Dezembro de 1962. Ver biografia mais completa nos anexos. Retirado de NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003, p. 1418-1419.

¹⁰⁵ *Projecto de Lei*. “Diário do Governo”. n.º 105, Segunda-feira, 6 de Maio de 1912, p. 4.

¹⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁷ DÓRIA, António Álvaro – *Prof. Raul Dória*. “Tripeiro”, VI série, Ano XII, n.º 9, Setembro de 1972, p. 275.

¹⁰⁸ *Ibidem*.

¹⁰⁹ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1915/1916*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1916, p. 7.

Cinco anos depois de ter apresentado o *Projecto de Lei*, o Deputado Ângelo Vaz apresentou no dia 26 de Junho de 1917, novo documento, composto por quatro artigos, à Câmara dos Deputados e publicado no dia 29 do mesmo mês, a reivindicar sobretudo a oficialização dos diplomas e a fiscalização dos exames.¹¹⁰

A essência do presente *Projecto de Lei* era a mesma que o anterior, em ambos se salienta que sobre o Estado não iriam cair quaisquer encargos com a fiscalização dos exames. No entanto, a novidade presente no segundo *Projecto de Lei* está no terceiro artigo. Neste, pretendia-se que se desse legalidade aos diplomas dos cursos de Guarda-livros e Superior de Comércio da Escola, para que os alunos se pudessem matricular no primeiro ano do Curso Superior de Comércio dos Institutos de Lisboa e Porto.¹¹¹

Segundo Álvaro Dória, o *Projecto de Lei* de 26 de Junho de 1917, nunca chegou a ser discutido por razões de ordem política: em Dezembro de 1917 subiu ao poder o major Sidónio Pais, o Parlamento foi encerrado e o *Projecto de Lei* para sempre ficou esquecido. Álvaro Dória reconhece que, a realizar-se a oficialização dos diplomas da Escola, “teria sido um erro, se se atender ao sistema centralista que o Estado português sempre revestiu neste século. Isto não poderia, no futuro, deixar de provocar atritos entre a Direcção da Escola e a Direcção Geral de que viesse a depender por efeito dessa oficialização, quando se tratasse de alterar ou substituir os programas, o que não poderia fazer-se com a facilidade com que se fizera no decurso dos quinze anos de existência da Escola. Se o Estado conferisse a categoria de oficiais aos diplomas da Escola Raul Dória, isso só o beneficiaria, porque sem os encargos com o mantimento dum estabelecimento [...], obteria um Instituto de primeira ordem, que honrava o país.”¹¹²

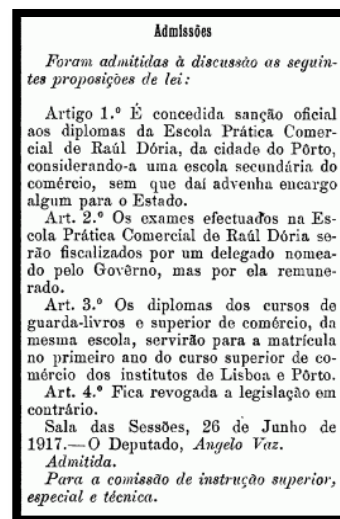


Fig. 13: Segundo *Projecto Lei* sobre a Escola Prática Comercial Raul Dória. **Fonte:** *Diário da Câmara dos Deputados*, nº 94, 26 de Junho de 1917.

¹¹⁰ Debates Parlamentares; Primeira República – 1910/1926. Diário da Câmara dos Deputados, nº 94, 29 de Junho de 1917, p. 8.

¹¹¹ Ibidem.

¹¹² DÓRIA, António Álvaro – *O Prof. Raul Dória e a sua Escola*. Porto: 1968, p. 36.

Debates Parlamentares sobre o *Projecto de Lei* de 26 de Junho de 1917

Aquando da apresentação do *Projecto de Lei* no dia 26 de Junho de 1917 à Câmara dos Deputados por Ângelo Vaz, este referiu que o documento não trazia nenhuma despesa para o Estado, contudo representava “uma prova de consideração e um auxílio considerável a uma escola de iniciativa particular, que tantos serviços presta à educação técnica do país.”¹¹³ O autor do documento acrescenta que “em todas as nações o Estado tem dado a sua solidariedade e o seu apoio a escolas comerciais deste género. No nosso país [...] também a Escola Comercial Infante D. Henrique, do Porto, mereceu o apoio do Estado [...] em França, a Escola Prática de Comércio e Indústria, que pertence a uma sociedade bancária e comercial, o Estado, reconhecendo a sua utilidade, deu sanção especial aos diplomas conferidos nessa escola. Mas não foi só a esta escola; foi também à escola Pigier.”¹¹⁴

Com a divulgação do teor do *Projecto de Lei*, houve grande contestação, irritando mesmo alguns directores de escola comerciais que se tinham lançado na fundação de escolas do mesmo género da Escola Raul Dória. Contra o documento muitas foram as instituições escolares que se manifestaram, solicitando no essencial que não se discutisse o *Projecto de Lei* nem que se desse sanção oficial aos seus diplomas, tal como de seguida se demonstrará através das várias sessões que ocorreram entre os meses de Julho e Agosto de 1917, na Câmara dos Deputados.

Na sessão do dia 4 Julho, o director da Escola Académica do Porto, António Domingos dos Santos, remeteu o seguinte comunicado ao presidente da Câmara dos Deputados, “Os directores dos colégios e escolas com cursos comerciais, [...] protestam contra o [...] *Projecto Lei*, por ser injusto, representar um favoritismo e ser prejudicial aos interesses do Estado ao dar sanção oficial aos seus diplomas.”¹¹⁵ Ainda na mesma sessão foi lida uma comunicação, que fora dirigida por correio, do director da Escola Comercial Pereira de Sou-

¹¹³ Debates Parlamentares; Primeira República – 1910/1926. Diário da Câmara dos Deputados, nº 91, 26 de Junho de 1917, p. 6 e 7.

¹¹⁴ Ibidem.

¹¹⁵ Idem, nº 95, 4 de Julho de 1917, p. 7.

sa,¹¹⁶ João Pereira de Sousa, da cidade do Porto, apelando que se recusasse o *Projecto de Lei*,¹¹⁷ pelos motivos anteriormente referido.

A 9 de Julho, Ermesinde Humberto Bessa, comunicou na sessão da Câmara dos Deputados o protesto ao *Projecto de Lei* dos seguintes estabelecimentos de ensino: Colégio Gonzaga, de Guimarães; Colégio Barreiros, de Viseu; Colégio Viense, de Elvas; Colégio Provence; Escola Académica de Braga, Guimarães e Lisboa; Colégio Olímpio Cruz e Colégio Mondego, ambos de Coimbra; Instituto Comercial Pereira de Sousa, do Porto; Colégio Arriaga, de Lisboa; Colégio Alexandre Herculano, de Espinho; Colégio Bracarense, de Braga e o Colégio de Santarém.¹¹⁸

Posteriormente, na sessão de 14 de Julho, os alunos do Instituto Industrial e Comercial do Porto, apresentaram o seu protesto contra o *Projecto de Lei*, por ser “atentatório aos interesses dos Instituto e por colocar o ensino oficial”¹¹⁹ em flagrante desigualdade com o ensino. No entanto, na mesma sessão foi apresentado um documento de vários cidadãos, a solicitar que fosse aprovado o *Projecto de Lei*, que concedesse a sanção oficial aos diplomas da Escola Raul Dória.¹²⁰

Ainda na sessão de 21 de Julho, a direcção da Associação dos Comercialistas Portugueses¹²¹ e o Conselho da Escola Oliveira Martins, esta da cidade do Porto, solicitaram que não se discutisse o *Projecto de Lei*, referindo esta última que o mesmo era “prejudicial ao ensino comercial”.¹²² Das mesmas reivindicações partilhou o director da Escola Preparatória Rodrigues Sampaio, na sessão de 11 de Agosto, ao solicitar que não fosse aprovada a proposta de lei.¹²³

No dia 15 de Agosto, a direcção da Associação Académica do Instituto Superior de Comércio de Lisboa, protestou na referida sessão contra a designação de curso superior de

¹¹⁶ A referência à escola Pereira de Sousa, na cidade do Porto, apareceu-nos de duas formas: na sessão do dia 4 Julho de 1917 apareceu-nos com a designação de “Escola Comercial Pereira de Sousa” e no dia 9 de Julho do mesmo ano “Instituto Comercial Pereira de Sousa”.

¹¹⁷ Debates Parlamentares; Primeira República – 1910/1926. Diário da Câmara dos Deputados, nº 95, 04 de Julho de 1917, p. 7.

¹¹⁸ Idem, nº 98, 9 de Julho de 1917, p. 5.

¹¹⁹ Idem, nº 100, 14 de Julho de 1917, p. 4.

¹²⁰ Idem, nº 100, 14 de Julho de 1917, p. 3.

¹²¹ Idem, nº 109, 2 de Agosto de 1917, p. 4.

¹²² Idem, nº 103, 21 de Julho de 1917, p. 5.

¹²³ Idem, nº 117, 11 de Agosto de 1917, p. 4.

comércio dada a um dos cursos da Escola Raul Dória e solicitou para não ser transformado em lei o projecto apresentado,¹²⁴ reiterando posteriormente na sessão de 18 de Agosto, o solicitado na sessão de 15 de Agosto.¹²⁵

A 7 de Agosto de 1917 e face à recusa do *Projecto de Lei*, o deputado Ângelo Vaz refere que “[...] ao apresentar a esta Câmara um projecto de lei referente à Escola Raul Dória, não quis criar nenhum monopólio ou favoritismo como para aí se disse ou escreveu. A matéria do projecto referente à Escola Raul Dória, se é nova em Portugal, lá fora, já é velha, porque há muito está adoptado. Quando vier à discussão esse projecto de lei, apresentarei um aditamento que torne extensivas as suas regalias a outras escolas, quer adoptem o plano geral da Escola de Raul Dória, quer outro diferente. [...] o ensino, em Portugal, não depende apenas da organização, do professorado, dos programas, mas também, das instalações onde é ministrado. Melhorem-se as instalações materiais de todas as escolas, dotando-as com tudo que é necessário e indispensável e a causa do ensino terá feito um enorme progresso no nosso país. A sanidade escolar também é um outro importante problema que necessita ser encarado de frente, de modo a dar-lhe uma solução ampla [...] completa e perfeita.”¹²⁶

Concluindo, os argumentos utilizados por parte da Escola Raul Dória para que se aprovasse o *Projecto de Lei* foram: sobre o Estado não recaia qualquer despesa com a Escola, nem mesmo com a fiscalização dos exames; qualquer escola técnica beneficiava do teor do *Projecto de Lei*, desde que a sua organização se equiparasse à da Escola Raul Dória; oficializando os diplomas do curso Superior de Comércio da Escola, os alunos podiam matricular-se no Curso Superior de Comércio dos Institutos de Lisboa e Porto; com a oficialização dos restantes diplomas da Escola Raul Dória, o Estado óbtia um Instituto de primeira ordem e sem os encargos com um estabelecimento de ensino e noutros países o Estado deu apoio a escolas comerciais do género da Escola Raul Dória. Contra a aprovação do *Projecto de Lei* os argumentos utilizados foram os seguintes: criava um monopólio e favorecia a Escola Raul Dória; era injusto, prejudicial ao ensino comercial e aos interesses do Estado e era atentatório aos interesses dos Institutos por colocar o ensino oficial em flagrante desigualdade com o ensino particular.

¹²⁴ Idem, nº 120, 15 de Agosto de 1917, p. 3.

¹²⁵ Idem, nº 123, 18 de Agosto de 1917, p. 3.

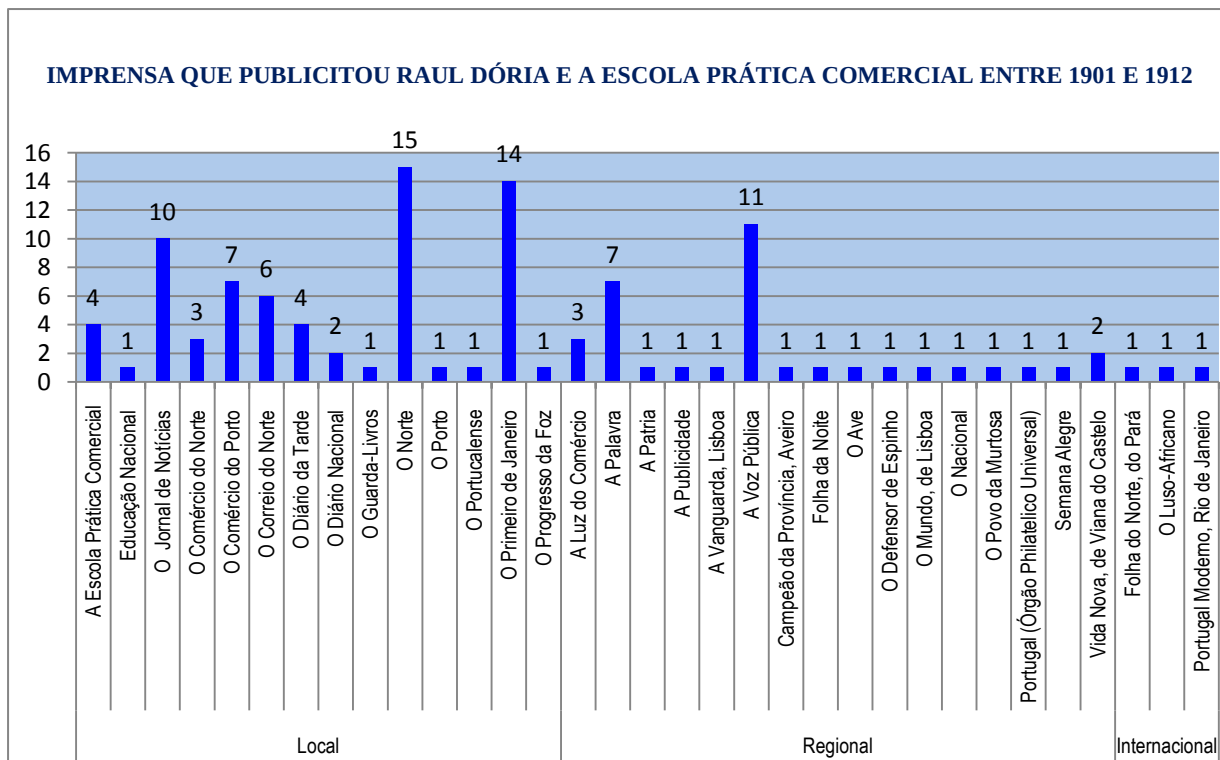
¹²⁶ Idem, nº 113, 7 de Agosto de 1917, p. 16.

A opinião da imprensa jornalística

Com a intenção de fazer publicidade da Escola junto da população quer local quer nacional e até internacional, a sua direcção enviava os programas de ensino e estudos e um respectivo convite à imprensa jornalística, sobretudo portuense, para visitar as suas instalações. Depois de efectuarem a visita à Escola, a imprensa publicava nos respectivos jornais, notícias daquilo que tinham observado sobre as instalações, bem como a sua opinião sobre os programas de ensino que a direcção da Escola lhes tinha enviado.

Mas que imprensa jornalística publicou sobre a Escola Prática Comercial Raul Dória? Através da análise do Gráfico I, podemos observar a imprensa jornalística (trinta e três jornais que publicitaram Raul Dória e a Escola Prática Comercial entre 1901 e 1912) e o número de notícias por si publicadas.

GRÁFICO 1

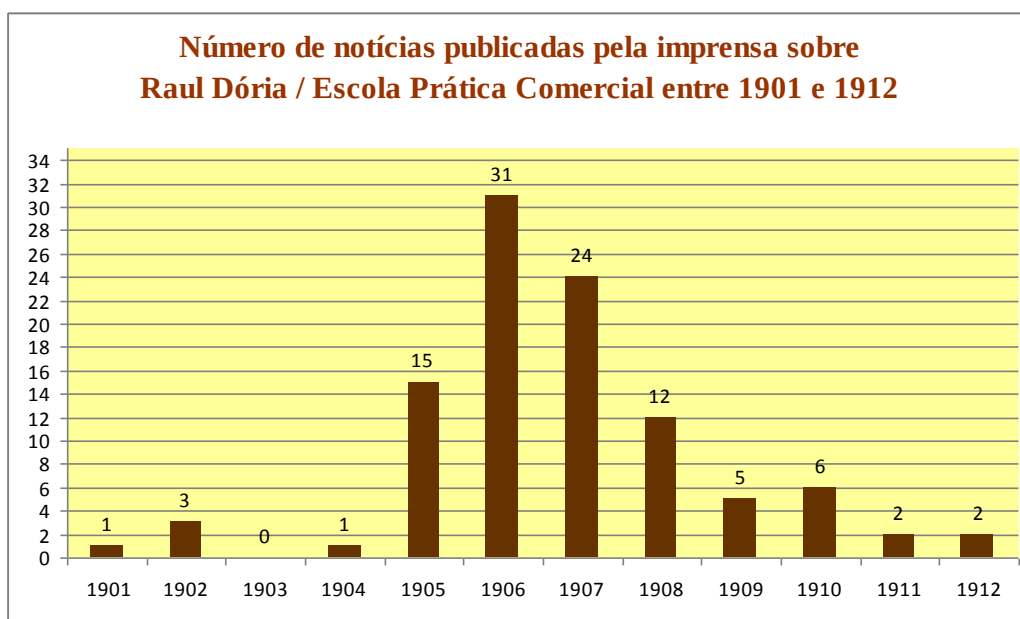


Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Livraria. Publicações. *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912.

Quanto à área geográfica de publicação, esta ocorreu a nível local, regional e internacional, sendo que a nível local, região do grande Porto, foram publicadas setenta notícias em catorze jornais, a nível regional foram publicadas trinta e cinco notícias em dezasseis jornais e a nível internacional foram publicadas três notícias, uma em cada jornal. A selecção da referida imprensa por área geográfica, foi possível através da consulta do site: <http://observatóriodaimprensa.pt/periodicos.portugueses>, sendo que o mesmo, dá-nos a informação quanto à localidade, sede de publicação, à periodicidade, à data do início e do fim da publicação, o director, o título e o subtítulo de cada jornal.

Após a demonstração da imprensa jornalística e do número de notícias publicadas, o Gráfico II demonstra-nos como podemos observar, o número de notícias publicadas, mas agora em cada ano, ou seja, entre 1901 e 1912, sobre Raul Dória e a Escola Prática Comercial.

GRÁFICO 2



Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Livraria. Publicações. *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912.

Mas que assuntos a imprensa jornalística noticiou sobre Raul Dória / Escola Prática Comercial? Ao longo dos anos aqui apresentados a imprensa dá destaque a variadíssimos assuntos relacionados com a vida da Escola. Começou em 1901/1902 a abordar os trabalhos realizados por Raul Dória, e que o mesmo expôs na sala Almeida Garrett do Ateneu Comercial do Porto, ainda antes da fundação da Escola. Depois da sua fundação a imprensa noticia as várias visitas que fez às suas instalações; emite uma opinião sobre Raul Dória enquanto

professor e sobre a sua Escola; fez uma breve descrição da História da Escola; à semelhança dos trabalhos realizados por Raul Dória abordou um trabalho de um aluno; descreveu as viagens realizadas por Raul Dória ao Estrangeiro e as visitas de estudo dos alunos; os cursos e as disciplinas professadas na Escola, (nomeadamente o curso comercial, curso de Economia Doméstica, ambos para senhoras e o curso por correspondência); abordou a questão das matrículas; o corpo docente e não docente da Escola; os métodos por si adoptados; a comemoração dos seus aniversários; os *Projectos de Lei* apresentados à Câmara dos Deputados e os convívios de antigos alunos, entre outros assuntos, como de seguida se descreverá.

Visitas da imprensa às instalações da Escola

Com a instalação da Escola, quer na rua Fernandes Tomás, quer posteriormente na rua Gonçalo Cristóvão, a imprensa jornalística fez disso notícia, mas também das suas instalações à medida que a ia visitando. A sua opinião a determinado momento passou a ser muito repetitiva, no conteúdo das suas notícias que publicava quanto à descrição daquele estabelecimento de ensino. Por isso e de uma forma muito breve, apresentar-se-á as considerações essenciais.

Assim, o jornal a *Folha da Noite* de 2 de Janeiro de 1905 referiu que a Escola se encontrava instalada com todas as condições requeridas pela higiene e pelo conforto.¹²⁷ Igual opinião teve o jornal *A Voz Pública* de 4 de Janeiro de 1905, que depois de ter visitado a Escola no dia anterior, noticia que a mesma se encontrava instalada num magnífico prédio. *A Voz Pública* refere que já tinha visitado a Escola no ano anterior, quando se encontrava na rua do Bonjardim. Na rua Fernandes Tomás a sua opinião não difere, pelo contrário, refere que é um “verdadeiro assombro, a sua transformação é completa e radical [...] amplas salas, cheias de ar e de luz, magnifica mobília escolar, aparelhos variados, quadros, máquinas de escrever, livros de Escrituração Comercial e Contabilidade, [...] tudo numa bela disposição de ordem, [...] e bom gosto, [...] que encantam o visitante”.¹²⁸ O jornal, considerava a Escola um estabelecimento modelo no seu género, que honrava o Porto e o país, sendo considerado o primeiro estabelecimento de ensino particular na cidade.¹²⁹ O mesmo jornal volta a publi-

¹²⁷ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 3. [Transcrição do artigo publicado no jornal "Folha da Noite" de 2 de Janeiro de 1905.]

¹²⁸ Idem, p. 3-4. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Voz Pública" de 4 de Janeiro de 1905.]

¹²⁹ Ibidem.

car a 3 de Outubro do mesmo ano, uma outra visita que fez às instalações da Escola, descrevendo sobretudo a sala comercial, a que mais prendia, segundo a opinião deste jornal, a atenção do director. Raul Dória mandou cunhar *dinheiro* [moedas e notas], para se constituir capital fictício, onde os alunos de uma forma prática pudessem efectuar as transacções comerciais.¹³⁰ Ainda no que diz respeito às salas de aula, o jornal *O Comércio do Porto* de 3 de Outubro de 1905, descreve que numa das salas do primeiro andar, onde se adquiriam conhecimentos de Escrituração Comercial, estavam instaladas escrivaninhas numeradas, representando cada uma, uma praça comercial do país, dando a ideia de uma casa bancária de grande movimento.¹³¹ Com esta organização/metodologia, o aluno não só se habilitava a aprender tudo o que lhe era indispensável pela vida fora, quer fosse empregado de uma casa comercial ou bancária, quer fosse director de um banco ou companhia.¹³²

No dia 2 de Outubro de 1905, aquando da visita à Escola pelo jornal *Educação Nacional*, o mesmo pensava que esta era como muitas outras onde o ensino era ministrado por processos rotineiros. Contudo, refere que se enganou, dizendo que “Ali, todo o ensino é prático e ministrado pelos mais modernos métodos, servindo de base à sua organização o que de melhor há no estrangeiro.”¹³³ Segundo este jornal, na sala de comércio funcionavam quatro estabelecimentos diferentes, podendo os alunos realizar operações comerciais.¹³⁴ Este órgão de imprensa, à semelhança do jornal *O Norte*, refere que a direcção da Escola desejava “pôr um dique à emigração que os portugueses fornecem às escolas congéneres da Bélgica, Suíça e França, para onde mandamos rios de dinheiro [...] prestado um grande serviço à Pátria.”¹³⁵

O *Jornal de Notícias* acrescentou que esta era uma Escola moderna para o seu tempo, “visava um fim prático e omitia as teorias, inúteis sobretudo para quem se destinava à vida comercial”¹³⁶; o jornal *O Primeiro de Janeiro* conta que a Escola serviu de “modelo aos mais perfeitos estabelecimentos que no género existiam no estrangeiro”¹³⁷; o jornal *O Norte* diz que “não sabíamos que mais admirar, se o acertado critério que presidiu à instalação, se

¹³⁰ Idem, p. 5-6. [Transcrição do artigo publicado no jornal “A Voz Pública” de 3 de Outubro de 1905.]

¹³¹ Idem, p. 8. [Transcrição do artigo publicado no jornal “O Comércio do Porto” de 3 de Outubro de 1905.]

¹³² Idem, p. 7-8. [Transcrição do artigo publicado no jornal “O Norte” de 4 de Outubro de 1905.]

¹³³ Idem, p. 9. [Transcrição do artigo publicado no jornal “Educação Nacional” de 8 de Outubro de 1905.]

¹³⁴ Ibidem.

¹³⁵ Ibidem.

¹³⁶ Idem, p. 5. [Transcrição do artigo publicado no jornal “Jornal de Notícias” de 3 de Outubro de 1905.]

¹³⁷ Idem, p. 9. [Transcrição do artigo publicado no jornal “O Primeiro de Janeiro” de 5 de Outubro de 1905.]

os trabalhos expostos dos alunos que terminaram o seu curso de caligrafia, [...]”¹³⁸ e por último o jornal *A Luz do Comércio* de 8 de Outubro de 1905, noticia que se visitasse de novo a Escola, não iria acrescentar nada de novo, confirmaria o conceito que já tinham há muito, não só pelas referências que já tinham ouvido de numerosos colegas da imprensa que a frequentaram, como pela competência de Raul Dória, adquirida em muitos anos de ensino comercial. Este jornal, bem como o jornal *Educação Nacional* recomendaram a Escola aos seus colegas que desejassem “aprender bem, depressa e barato, coisa que não era fácil de encontrar”.¹³⁹

Em Outubro de 1905 a imprensa anteriormente citada refere que foram 267, o número de alunos inscritos na Escola no início do ano lectivo de 1904-1905. Destes, saíram 27 diplomados e 54 aprovados nas diferentes disciplinas.¹⁴⁰ A mesma imprensa faz ainda referência no final das suas notícias sobre a Escola, ao arranque do ano lectivo de 1905/1906, para segunda-feira dia 9 de Outubro.¹⁴¹ O jornal *A Palavra* de 2 de Outubro de 1906, refere que no final do ano lectivo 1905-1906, tinham passado pela Escola 431 alunos,¹⁴² consequência que obrigou a direcção da Escola a ampliar consideravelmente as suas instalações.¹⁴³

Quanto às instalações da Escola na rua Gonçalo Cristóvão, a imprensa jornalística faz uma descrição semelhante, quando a mesma se encontrava na rua Fernandes Tomás, como sendo um edifício confortável, higiénico, banhado de ar e de luz e com capacidade para as variadas secções de ensino que eram ministradas.¹⁴⁴ Na edição do jornal *A Palavra* de 10 de Outubro de 1907, é feita uma descrição das suas instalações pelos jornalistas, sobretudo da sala de Contabilidade e Actos grandes, esta com bancadas colocadas em anfiteatro num estrado em escadaria com 84 cadeiras, das salas de Ciências, de Línguas, de Comércio, (onde nesta se observava as dependências do correio, do telégrafo, da companhia de seguros

¹³⁸ Idem, p. 7-8. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Norte" de 4 de Outubro de 1905.]

¹³⁹ Idem, p. 10. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Luz do Comércio" de 8 de Outubro de 1905.]

¹⁴⁰ Idem, p. 6-7. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Palavra" de 3 de Outubro de 1905.]

¹⁴¹ Ibidem.

¹⁴² Idem, p. 20. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Palavra" de 2 de Outubro de 1906.]

¹⁴³ Idem, p. 8. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Comércio do Porto" de 3 de Outubro de 1906.]

¹⁴⁴ Idem, p. 31. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Primeiro de Janeiro" de 12 de Setembro de 1907.]

e dos bancos) de Escrituração e Caligrafia, o Laboratório, o Ginásio, a Secretaria e o Gabinete da direcção.¹⁴⁵

A Escola à Luz da imprensa internacional

À semelhança da imprensa nacional, também a imprensa internacional fez alusão à Escola. O jornal *O Luso-Africano* de Lourenço Marques, actual Maputo, Moçambique, publicou no dia 20 de Dezembro de 1904, uma notícia relacionada com Raul Dória, referindo-se a ele com sendo filho de um industrial portuense, destacou a sua fama como empregado do comércio e como professor de caligrafia, sendo que “nesta última condição haverá poucos tão hábeis e competentes.”¹⁴⁶ *O Luso-Africano* considerava a Escola um dos institutos particulares mais acreditados do Porto, no ensino do comércio, com um número de alunos *considerável*.¹⁴⁷

Também o jornal *Portugal Moderno*, publicado no Rio de Janeiro no dia 8 de Dezembro de 1906 noticia a Escola, pelo facto, deste órgão de imprensa ter recebido um exemplar do programa da Escola Prática Comercial Raul Dória. Este facto por si só, não seria motivo de grande destaque, se não fosse uma folha solta com apreciações da imprensa do Porto acompanhar o referido programa. Sobre as mesmas publicou o jornal *Portugal Moderno* o seguinte: “Não podem ser mais lisonjeiras e expressivas na sua unanimidade essas apreciações, relatando a impressão das visitas feitas àquele [...] estabelecimento de instrução e educação. A leitura do programa basta para o convencimento” [...].¹⁴⁸

Poderá deduzir-se que não foi de uma forma inocente que a Escola juntou a folha solta com as apreciações da imprensa portuense, ao seu programa que enviara ao jornal *Portugal Moderno*. Em nosso entender a mesma tinha um triplo objectivo: evidenciar-se internacionalmente; cativar público de outras paragens e quem sabe, chamar à atenção do poder político nacional quanto à futura oficialização dos seus diplomas.

¹⁴⁵ Idem, p. 32-33. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Palavra" de 10 de Outubro de 1907.]

¹⁴⁶ Idem, p. 2-3. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Luso-Africano" de 20 de Dezembro de 1904.]

¹⁴⁷ Ibidem.

¹⁴⁸ Idem, p. 24-25. [Transcrição do artigo publicado no jornal "Portugal Moderno, Rio de Janeiro" de 8 de Dezembro de 1906.]

Trabalhos realizados por Raul Dória e por um aluno

A primeira notícia que tivemos conhecimento e que divulgou Raul Dória foi publicada no jornal *A Voz Pública* no dia 15 de Setembro de 1901. A mesma surge na sequência de um trabalho efectuado por Raul Dória ao que este jornal se referiu que *revelava inteligência, elegância e muita perfeição*.¹⁴⁹ Raul Dória mostrou a este jornal o seu quadro desenhado à pena que representava um soneto de António Costa e Silva, intitulado de *Sombras*, sendo o mesmo ladeado por *artística e simbólica decoração* e guarnecido por um quadro aveludado e moldura dourada. O jornal destacou ainda o traço firme e rigoroso da caligrafia, qualidade evidenciada e o seu lindíssimo aspecto.¹⁵⁰

Em Dezembro de 1902 os jornais *A Voz Pública*, o *Jornal de Notícias* e *O Norte*, noticiaram a inauguração de uma exposição dos trabalhos de caligrafia e desenhos à pena, que Raul Dória expôs de 6 a 20 de Dezembro de 1902, na sala Almeida Garrett do Ateneu Comercial do Porto, podendo ser visitada todos os dias úteis.

A exposição foi visitada no dia 6 de Dezembro pelo jornal *A Voz Pública*, sendo composta por vinte trabalhos. Segundo a opinião do jornal, os mesmos revelavam muita paciência e delicadeza do autor, sendo os de caligrafia, principalmente, os mais notáveis pela sua correcção. Nos trabalhos de desenho destacaram-se os de “Artes plásticas, retrato de Vitor Hugo, Sombras, Natal dos Velhos e uma nota de vinte mil réis”¹⁵¹, esta de um acabamento tão perfeito que chegaria a iludir e a estabelecer dúvidas no confronto com uma autêntica. Sobre a exposição o jornal refere que merecia ser visitada pelos que gostassem de ver bons trabalhos, muitos dos quais vendidos ainda durante o decorrer da mesma.¹⁵²

Também o *Jornal de Notícias* de 9 de Dezembro, refere que quando visitou a exposição no dia 8 de Dezembro, observou “verdadeiros primores caligráficos, entre os quais [...] a imitação de uma nota de 20\$000 réis, [...] que parece saída da Casa da Moeda.”¹⁵³

¹⁴⁹ Idem, p. 1. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Voz Pública" de 15 de Setembro de 1901.]

¹⁵⁰ Ibidem.

¹⁵¹ Idem, p. 1. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Voz Pública" de 7 de Dezembro de 1902.]

¹⁵² Ibidem.

¹⁵³ Idem, p. 1-2. [Transcrição do artigo publicado no jornal "Jornal de Notícias" de 9 de Dezembro de 1902.]

A convite de Raul Dória e à semelhança dos jornais anteriores, o jornal *O Norte* visitou a exposição, publicando no dia 14 de Dezembro uma notícia elogiando o seu trabalho com as seguintes palavras: “maravilhou-nos a correcção dos desenhos e a beleza dos trabalhos caligráficos, as aptidões de Raul Dória eram conhecidas; mas o que estávamos era longe [...] de supor que ele tivesse atingido tal perfeição em trabalhos desta natureza.”¹⁵⁴

A nível internacional, coube ao jornal *Luso-Africano* noticiar a exposição. O mesmo publicou na sua totalidade as apreciações da imprensa portuense, entre as quais as notícias publicadas, quer na *Voz Pública* de 7 de Dezembro, quer no jornal *O Norte* de 14 de Dezembro.¹⁵⁵

Do mesmo modo que a imprensa jornalística fez com os trabalhos elaborados por Raul Dória, a mesma também noticiou um trabalho de um aluno da Escola. Os jornais *Primeiro de Janeiro*, *A Voz Pública*, o *Jornal de Notícias* e *O Norte*, todos de 4 de Abril e *A Luz do Comércio*, de 15 de Abril de 1906, fazem referência a um *trabalho caligráfico* desenhado à pena por um aluno da Escola Prática Comercial Raul Dória, Eduardo da Silva Barbosa, de 13 anos, filho de Joaquim Victor Barbosa. O trabalho era composto por um quadro escrito em variados caracteres, a fábula de Moura Cabral «*A Raposa e o busto*», em verso, desenhado em letras de fantasia de vários tipos, e em volta uma bela cercadura em estilo moderno. Segundo a opinião do jornal *Primeiro de Janeiro* era um trabalho que revelava da parte do seu autor um notável talento precoce.¹⁵⁶ O trabalho, encaixilhado numa moldura dourada, esteve no dia 4 de Abril de 1906, exposto na Camisaria Confiança, no Porto.¹⁵⁷

Viagens de Raul Dória ao estrangeiro / Visitas de estudo dos alunos

Lucinda Ribeiro escreveu no jornal *Vida Nova*, de Viana do Castelo, a 19 de Maio 1906, um artigo intitulado *Crónicas Portuenses*, relacionado com uma possível *viagem de estudo* que Raul Dória iria fazer às capitais da França e da Alemanha. O director da Escola planeava introduzir melhoramentos consideráveis, sendo por isso necessário visitar estabele-

¹⁵⁴ Idem, p. 2. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Norte" de 14 de Dezembro de 1902.]

¹⁵⁵ Idem, p. 2-3. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Luso-Africano" de 20 de Dezembro de 1904.]

¹⁵⁶ Idem, p. 12. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Primeiro de Janeiro" de 4 de Abril de 1906.]

¹⁵⁷ Idem, p. 12. [Transcrição do artigo publicado no jornal "Jornal de Notícias" de 4 de Abril de 1906.]

cimentos congéneres, para daí colher elementos valiosos e indispensáveis ao desenvolvimento daquele estabelecimento de ensino comercial.¹⁵⁸

Raul Dória foi a Paris pela primeira vez em Maio de 1906 onde durante vinte dias, estudou os métodos dos estabelecimentos de ensino prático comercial da capital francesa.¹⁵⁹

O jornal *A Voz Pública* de 5 de Junho de 1906 publica uma descrição da *viagem de estudo* e o discurso de agradecimento feito por Raul Dória, aquando da sua chegada à estação de São Bento, no Porto. Quanto à *viagem de estudo* a Paris, o mesmo refere que quando saiu do Porto tinha como intenção visitar, em França e na Bélgica, os estabelecimentos congéneres à sua Escola, no entanto, limitou a sua visita aos de Paris, porque, e segundo Raul Dória: “o que [aí] vi satisfez-me por completo, e reconheci que seria desnecessário ir mais longe, pois dificilmente poderia encontrar nada superior ao que existe naquela cidade, que com toda a justiça é apontada de cérebro do mundo.”¹⁶⁰ Em Paris, visitou oito escolas: L'école Pigier, L'école des Hautes E'tudes Commerciales, L'école Supérieure du Commerce, L'école Supérieure d'Enseignement Commercial, L'école de Comptabilité, Cours Pratique de Commerce et Comptabilité, L'école Professionnelle et Ménagère, L'école et Cours de Cuisine du Cordon Bleu e Institut Comptable Leautry. Destas escolas que visitou, três mereceram a sua atenção e aplicação pelo facto de “encheram-me por completo as medidas da minha ambição de saber”¹⁶¹, sendo elas: L'école Pigier, L'école des Hautes E'tudes Commerciales, do género comercial e a L'école et Cours de Cuisine du Cordon Bleu, na economia doméstica, cujo estudo Raul Dória desejava implantar na sua Escola.

A acompanhar Raul Dória nesta *viagem de estudo* a Paris, foram os representantes dos *O Primeiro de Janeiro* e do *Jornal de Noticias*, respectivamente, António de Sousa e Xavier de Carvalho. A estes dois jornalistas, Raul Dória prestou-lhes a sua “indelével gratidão e perdurável reconhecimento”¹⁶², devido aos seus esforços e dedicação pela forma como o acompanharam nas visitas que fizera às escolas de Paris. Acrescenta ainda Raul Dória, “consegui ver detalhadamente todos aqueles estabelecimentos, num curto espaço de tempo, o que, do contrário, só conseguiria em longo prazo, se não fosse tão obsequiosa e distintamen-

¹⁵⁸ Idem, p. 12-13. [Transcrição do artigo publicado no jornal "Jornal Vida Nova, de Viana do Castelo" de 19 de Maio 1906.]

¹⁵⁹ D Ó R I A, António Álvaro – *O Prof. Raul Dória e a sua Escola*. Porto: Janeiro de 1968, p. 7.

¹⁶⁰ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 13. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Voz Pública" de 5 de Junho de 1906.]

¹⁶¹ Ibidem.

¹⁶² Ibidem.

te acompanhado.”¹⁶³ Graças à análise pormenorizada que fizera dos estudos teóricos durante a sua visita, Raul Dória implementou na sua Escola ano lectivo 1906/1907, cursos do género, dos que viu em Paris, nomeadamente o curso de economia doméstica.

No que diz respeito ao discurso de agradecimento à sua chegada ao Porto, vindo de visitar em Paris escolas comerciais, Raul Dória agradeceu publicamente à sua família, aos colegas / corpo docente da sua Escola, amigos e aos seus alunos, o eterno reconhecimento e profunda gratidão pela forma carinhosa e generosa como o receberam na “gare” da Estação de São Bento, no Porto. Perante tal recepção, referiu Raul Dória as seguintes palavras, “tão fundamente calaram na minha alma, e cumpre-me declarar que já mais olvidarei esse instante de momentosa felicidade, em que me vi alvo das mais primorosas provas de afecto que a alma humana pode ambicionar [...] nunca supus que tivesse, nuns e noutros, tantos amigos sinceros, pois só em amigos sinceros se encontra a grandeza de alma de que dimanaram esses sentimentos de devotada estima e acrisolado afecto cujo indiscutível testemunho acabo de recolher.”¹⁶⁴

Quatro anos depois de ter visitado várias escolas na capital francesa, Raul Dória deslocou-se a Espanha. O jornal *A Pátria* noticia a 2 de Junho de 1910, que Raul Dória foi a Madrid visitar diversos estabelecimentos de instrução. Na capital espanhola Raul Dória visitou a Escola Superior de Comércio de Madrid, estabelecimento cujo director era Vítor P. Brugada e conheceu o director da Escola Superior de Comércio de Bilbao, Cirilo Valejo y Rodriguez com quem decidiu trocar correspondência comercial. A mesma permuta ficou ainda estabelecida entre os alunos daquelas duas Escola Superiores de Comércio e os da Escola Raul Dória.¹⁶⁵

No que diz respeito à realização de visitas de estudo dos alunos, o *Jornal de Notícias* noticia uma visita de estudo realizada no dia 22 de Fevereiro de 1911, dos alunos da Escola Raul Dória, à fábrica do gás, ao Ouro, assim como era designada. Durante a visita de estudo, acompanharam os alunos, o director da Escola, Raul Dória, o redactor do jornal *O Guarda-Livros*, (propriedade da Escola) Humberto Beça, e por parte da fábrica, o técnico João Batista Lima, que segundo o *Jornal de Notícias* ministrou aos alunos as informações e explicações daquela indústria de iluminação. Esta visita teve início às duas horas da tarde e terminou depois das cinco horas, tendo sido organizada por turnos de vinte alunos por indicação

¹⁶³ Ibidem.

¹⁶⁴ Ibidem.

¹⁶⁵ Idem, p. 62. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Pátria" de 2 de Junho de 1910.]

da direcção.¹⁶⁶ Também o *Anuário* do ano lectivo 1912/1913 descreve duas visitas de estudo dos alunos, que por sua vez foram publicadas no jornal portuense *A Montanha*, no dia 21 de Julho de 1913. Uma realizou-se à cidade de Braga no dia 19 de Junho, sendo a viagem efectuada de comboio da estação de São Bento, no Porto até Braga e a outra à cidade de Viana do Castelo no dia 20 de Julho. O presente *Anuário* refere que *apesar de recreativa* os alunos adquiriram conhecimentos, *sendo frequente ouvi-los discutir, na Escola, sobre a importância duma e doutra cidade, [...] pelo lado estético, científico e histórico, quer pelo lado industrial e comercial.*¹⁶⁷ Também o *Anuário* do ano lectivo 1917/1918, faz referência a duas visitas de estudo, realizadas no ano lectivo anterior: uma ao *Laboratório Sano* e a outra à *Fábrica Portugal*, fabrica de calçado, sendo esta última noticiada pelo jornal *Alma Nova*, no dia 15 de Março de 1918.¹⁶⁸

Convívio de antigos alunos da Escola

A 6 de Setembro de 1921, o jornal *A Pátria* noticiou um convívio de antigos alunos da Escola Prática Comercial Raul Dória, que trabalhavam em Lisboa. O convívio teve lugar às 14 horas do dia 4 de Setembro de 1921, na Quinta da Boa Vista, junto ao portão da Avenida Pedro Ivo, com uma tripla finalidade: homenagear Raul Dória, confraternizar e tirar uma fotografia com todos os alunos presentes. A Quinta foi descrita pelo jornal acima citado, como sendo um lugar aprazível e muito frequentado por “senhoritas dos bairros adjacentes, local de interesse para os rapazes.”¹⁶⁹ Segundo o jornal, a este convívio apareceram um número reduzido de ex-alunos que eram naturais de várias localidades do país e até do estrangeiro: 3 de Águeda, 6 de Lisboa, 1 de Caldas de Arêgos, 1 da Póvoa de Varzim, 1 de

¹⁶⁶ Idem, p. 64-65. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Jornal de Notícias" de 24 de Fevereiro de 1911.]

¹⁶⁷ *Impressos informativos e de divulgação, 1910 a 1917 e Anuário da Escola Raul Dória. Ano Lectivo 1912/1913.* Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1913, p.170-176.

¹⁶⁸ *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória. Ano Lectivo 1917/1918.* Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1918, p. 87-88.

¹⁶⁹ Jornal *A Pátria*, Secção Portuguesa. [s.l.]: Sábado, 6 de Setembro de 1921. [Esta notícia, obtida no Arquivo Distrital do Porto, no fundo da Escola Prática Comercial Raul Dória, secção da Direcção, é um recorte do jornal, do qual foi impossível obter mais informação para a citação bibliográfica.]

Paços de Ferreira e 1 de Rio Tinto, Gondomar. De África estava 1, nomeadamente da província de Angola, Mossamedes. Naturais do Brasil estavam, 2 do Estado de Minas Gerais, 1 do Rio de Janeiro e 1 de Santos. O jornal *A Pátria* calculava que o número de ex-alunos da Escola a residir e a trabalhar em Lisboa fossem à volta de 100 a 120.¹⁷⁰

Comemorações dos aniversários da Escola

A primeira festa comemorativa do aniversário da Escola de que se teve conhecimento, ocorreu nos inícios de Dezembro de 1905, comemorando-se o terceiro aniversário. Foi o primeiro de uma série de comemorações, sempre organizadas por comissões de alunos externos e internos e que durou *ininterruptamente* até ao falecimento do seu fundador, sendo no entanto, impossível aqui apresentar informação de todos eles. Por norma os aniversários da Escola eram noticiados na imprensa jornalística, ou então, eram noticiados nos jornais editados pela Escola, *A Escola Prática Comercial*¹⁷¹ e *O Guarda Livros*¹⁷², onde escreviam professores da casa.¹⁷³

Do programa dos aniversários da Escola constavam várias iniciativas: banquetes, umas vezes extra Escola, como aconteceu no quarto aniversário, outras vezes nas próprias instalações da Escola, como aconteceu no quinto aniversário; discursos (do ou dos directores, de professores, de convidados e de alunos); atribuição de medalhas de ouro, prata e cobre, diplomas de mérito, livros de valor e prémios a alunos que se tinham distinguido no ano lectivo anterior; exposições de trabalhos patentes nas instalações da Escola; actividades desportivas; desfiles; fogo-de-artifício, entre outras. De salientar que a determinado momen-

¹⁷⁰ Ibidem.

¹⁷¹ A referência que encontramos sobre o jornal *A Escola Prática Comercial*, foi uma transcrição de um artigo publicado no dia 3 de Dezembro de 1905.

¹⁷² Sobre o jornal *O Guarda Livros*, cujo Director era Raul Dória, encontramos um recorte do cabeçalho datado de 15 de Novembro de 1910 e uma transcrição de um artigo publicado a 1 de Janeiro de 1912.

¹⁷³ Segundo uma transcrição do *Jornal de Notícias* do dia 2 de Dezembro de 1906, o professor de Caligrafia e Desenho Industrial, Hugo de Noronha, aquando das comemorações do quarto aniversário, escreveu no jornal *A Escola Prática Comercial*.

to o programa dos seus aniversários passou a ser muito repetitivo, por isso, e de uma forma muito sucinta, apresentar-se-ão as considerações essenciais dos mesmos.

No terceiro aniversário foi oferecido ao director um banquete pelos alunos e uma mensagem de felicitação em pergaminho, onde entre outros aspectos referia que “apareceu um homem com uma energia extraordinária, [...] homem da instrução comercial a quem todos os empregados do comércio do Porto devem olhar com respeito, estima, simpatia e gratidão [...]”.¹⁷⁴

O *Jornal de Notícias*, do dia 2 de Dezembro de 1906, noticia aquando do quarto aniversário da Escola, um banquete em honra de Raul Dória servido na sala nobre do restaurante do *café Lisbonense*. Neste estiveram presentes o director da Escola, a sua esposa, Maria da Conceição Dória, a mãe, Emília Dória, o pai, José Maria da Silva Dória, o sogro de Raul Dória, Gonçalo José da Costa, o corpo docente, alunos e imprensa jornalística.¹⁷⁵

A 30 de Novembro de 1907, realizou-se o primeiro aniversário (quinto na história da Escola) celebrado no Palacete das Lousas na rua Gonçalo Cristóvão, sendo a sessão solene presidida por José Saraiva, representante da Associação Comercial do Porto.¹⁷⁶ Segundo António Álvaro Dória, aquando do jantar comemorativo do presente aniversário, prestou o corpo docente uma homenagem a Raul Dória, oferecendo-lhe o seu retrato pintado a óleo pelo mestre Júlio Ramos. Álvaro Dória refere que o referido retrato era o “Génio Tutelar do meu modesto gabinete de trabalho”.¹⁷⁷

Aquando do sexto aniversário nos dias 29 e 30 de Novembro de 1908 o jornal *O Norte* faz notícia quanto aos festejos/actividades de entre as quais destaca: abertura da Escola ao público por três dias, numa iniciativa de dar a conhecer aos cidadãos as práticas ali leccionadas; lançamento de girândolas¹⁷⁸ de foguetes; desfile do Campo da Regeneração até ao edifício da Escola acompanhado pela banda musical do Asilo do Terço;¹⁷⁹ sessão solene de

¹⁷⁴ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 11. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Escola Prática Comercial" de 3 de Dezembro de 1905.]

¹⁷⁵ Idem, p. 24. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Jornal de Notícias" de 2 de Dezembro de 1906.]

¹⁷⁶ Idem, p. 39. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Comércio do Porto" de 1 de Dezembro de 1907.]

¹⁷⁷ D Ó R I A, António Álvaro – *O Prof. Raul Dória e a sua Escola*. Porto: Janeiro de 1968, p. 11.

¹⁷⁸ Roda ou travessão com orifícios para foguetes, que sobem e estoiram ao mesmo tempo; conjunto de foguetes assim agrupados. Retirado de MORENO, Augusto – *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*. Porto: Livraria Editorial Educação Nacional, 1936, p. 659.

¹⁷⁹ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 57. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Norte" de 28 de Novembro de 1908.]

distribuição de prémios pelo director do Instituto Industrial e Comercial do Porto, Paulo Marcelino Dias de Freitas, a 17 alunos, distintos no ano lectivo anterior e um banquete para cento e dez convidados.¹⁸⁰

Nas comemorações do oitavo aniversário estiveram presentes as bandas de música dos Bombeiros Voluntários do Porto e do Asilo de São José. A sessão solene de distribuição dos prémios a 11 alunos, foi presidida à semelhança do sexto aniversário pelo director do Instituto Industrial e Comercial do Porto, estando também presente um representante da Câmara Municipal do Porto, Antero de Araújo.¹⁸¹ No segundo dia das festas foi comemorado a Restauração da Independência Portuguesa de 1640.¹⁸²

Se os aniversários da Escola eram comemorados sempre com muito entusiasmo, o nono aniversário não foi excepção. Neste aniversário fez-se alusão no jornal *O Guarda-livros* à inauguração da iluminação eléctrica na Escola, em substituição da luz Wizard, utilizada até então. Segundo descreve o jornal, reconheceu-se que a luz até então utilizada era “imprópria para um funcionamento seguro e adequado à instituição, viciando a atmosfera com o mau cheiro e fumo que emanava e com os constantes derramamentos de gasolina”.¹⁸³ O *Jornal de Notícias* do dia 1 de Dezembro de 1911 conta que das actividades no presente aniversário fizeram parte um jogo de futebol entre a equipa da Escola Raul Dória e a Escola Académica, que se realizou no campo do Boavista Futebol Clube; a inauguração da Associação Recreativa dos Alunos da Escola Raul Dória e à semelhança do aniversário anterior, também a banda de música dos Bombeiros Voluntários do Porto esteve presente.¹⁸⁴

O décimo segundo aniversário realizou-se no ano de 1914 e teve a duração de cinco dias, ou seja, teve início a 28 de Novembro e terminou a 2 de Dezembro. Neste aniversário a comissão organizadora realizou uma festa no salão do Jardim Passos Manuel; abriu a Escola à comunidade, como anteriormente já o tinha feito noutros aniversários; contou com a presença da banda de música de São Mamede; distribuíram-se prémios a alunos que se destacaram; realizou-se uma festa desportiva no campo do Futebol Club do Porto, na rua da Consti-

¹⁸⁰ Idem, p. 59. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Comércio do Porto" de 1 de Dezembro de 1909.]

¹⁸¹ Idem, p. 63. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Jornal de Notícias" de 7 de Dezembro de 1910.]

¹⁸² Ibidem.

¹⁸³ Idem, p. 66- 69. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Guarda-Livros" de 1 de Janeiro de 1912.]

¹⁸⁴ Idem, p. 65-66. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Jornal de Notícias" de 1 de Dezembro de 1911.]

tuição e um sarau no “Teatro Águia de Ouro” oferecido pela direcção da Escola às famílias dos seus alunos.¹⁸⁵

Por comunicado emitido pela direcção da Escola¹⁸⁶ a 10 de Dezembro de 1916, o décimo quarto aniversário teve lugar entre os dias 14 e 17 de Dezembro do referido ano. Ao contrário de anos anteriores este aniversário foi mais discreto em relação aos festejos, apenas se realizou uma exposição de trabalhos elaborados por alunos.

Por último, o aniversário de que dispomos de informação foi o quinquagésimo sétimo. Este realizou-se a 28 de Novembro de 1959, fazendo parte uma sessão realizada no cinema Nuno Álvares, presidida pelo Governador Civil do Porto e auxiliado pelo representante do bispo residente, P^e Valente Pombo. A presente sessão contou com a presença do director da Escola, José Campos Vaz; do Conselheiro, Joaquim Cardoso, juiz presidente do Tribunal da Relação; dos tenentes Castanheira da Costa, representante do comandante da 1^a Região Militar e Celso Faria da Polícia de Segurança Pública; de Abel Campos, Procurador da República; de Simeão Pinto de Mesquita e José Ferreira Barbosa, deputados, e ainda de Manuel de Oliveira Cabral e Armindo Lopes, professores da Escola.¹⁸⁷

¹⁸⁵ *Programas e Convites. 12º Aniversário*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1914. p. 1 a 4.

¹⁸⁶ O referido comunicado foi assinado quer por Raul Dória, director da Escola, quer por José Campos Vaz, que assumiu o cargo de director, após a morte de Raul Dória.

¹⁸⁷ Jornal [a notícia não identifica o jornal - 57º aniversário da Escola] de 1 de Dezembro de 1959. [Esta notícia, obtida no Arquivo Distrital do Porto, no fundo da Escola Prática Comercial Raul Dória, secção da Direcção, é um recorte de um jornal do qual foi impossível obter mais informação para a citação bibliográfica].

CAPÍTULO 3

AS LIDERANÇAS E AS REGRAS DE FUNCIONAMENTO DA ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA

AS LIDERANÇAS E AS REGRAS DE FUNCIONAMENTO DA ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA

Estudando no passado os que foram grandes, encontramos quási sempre na origem da sua grandeza o amor pelo trabalho, a tenacidade no esforço, o desprezo pelas contrariedades e a desconfiança imperturbável na vida. À parte algumas ínfimas excepções, não se obtém o êxito senão por este preço.

Dr. M. Rifaud.¹⁸⁸

As Lideranças da Escola Prática Comercial Raul Dória

A Escola Prática Comercial Raul Dória durante os seus 62 anos de existência, teve apenas dois directores. Primeiro, Raul Dória, fundador da Escola a 30 de Novembro de 1902, e Director até à sua morte, a 15 de Setembro de 1922, num total de 20 anos. Depois, José Campos Vaz,¹⁸⁹ de 1 de Abril de 1913, até à sua morte no ano 1963,¹⁹⁰ num total de 50 anos. Da direcção da Escola, fazia



Fig. 14: Raul Dória, Silva Dória e José C. Vaz. Directores e Administrador da Escola.

¹⁸⁸ *Álbum – Bodas de Prata do Director da Escola Comercial Raul Dória, Exmo Sr. José Campos Vaz.* [s.l.]: [s.e.], 1 de Abril de 1913 a 1 de Abril de 1938, p. 12.

¹⁸⁹ Tinha três grandes paixões: a sua Pátria, a sua Escola e a sua Família. O seu patriotismo, o amor ao ensino e a abnegação pela família, são excelsas virtudes que o impunham como grande educador. Homem de rosto moreno, inteligente, modesto, correcto e tolerante, disciplinador, amigo afável, de espírito robusto, educador afectuoso e diligente. José Campos Vaz era um homem sempre atento ao bem estar dos alunos e à formação moral do seu carácter. Retirado do *Álbum – Bodas de Prata do Director da Escola Comercial Raul Dória, Exmo Sr. José Campos Vaz.* [s.l.]: [s.e.], 1 de Abril de 1913 a 1 de Abril de 1938, p. 1-18.

¹⁹⁰ *O Rauldoriano. Órgão dos Antigos Alunos da Escola Raul Dória.* Nº 2. Porto: [s.e.], 1 de Julho de 1975, p. 4.

ainda parte outro elemento de alguma importância, que cooperava, co-dirigia e administrava com (o) ou (os) director(es), os destinos da Escola. Este tinha o cargo de administrador e era o pai de Raul Dória, de nome José Maria da Silva Dória. Silva Dória, foi então administrador da Escola, até à data da sua morte, na tarde de Sábado do dia 17 de Março de 1917. Com o seu falecimento deixou de existir qualquer referência ao cargo de administrador da Escola nos seus *Anuários*, presumindo-se que o cargo tivesse sido extinto e coubesse à direcção a função de a administrar. Segundo Álvaro Dória, seu avô, Silva Dória foi guia e conselheiro de seu pai, Raul Dória, ao indicar-lhe o melhor caminho para alcançar os seus objectivos, nunca se poupou a sacrifícios para lhe proporcionar a felicidade. Raul Dória fala de seu pai dizendo que “Em todo este trajecto, o conselho são de meu pai, foi o esteio seguro a que me amparei e que nunca me abandonou dedicada e amorosamente.”¹⁹¹ Ainda segundo o mesmo autor, seu avô, revia-se nos triunfos de Raul Dória, como que “a sua sombra tutelar que o amparou e defendeu até tombar no caminho de 1917”.¹⁹² À direcção competia a administração geral, a coordenação entre as diversas secções da Escola, a responsabilidade da sua projecção no exterior através da sua publicitação e relações públicas e a criação e estruturação dos seus cursos.



Fig. 15: Raul Dória. Director da Escola entre 1902 a 1922.

No dia 8 de Outubro de 1905, o jornal *Educação Nacional*, para além de descrever o corpo docente da Escola, refere o nome de “um rapaz inteligente e cheio de vida,”¹⁹³ o professor A. Graça, como sendo Sub-director da mesma. O *Anuário* da Escola do ano lectivo de 1918/1919, descreve também que o professor Raul Dória, era auxiliado por 4 professores-ajudantes, no movimento da Escola, cuja presença a todos os alunos e funcionários animava e encorajava, ensinando uns, auxiliando outros, orientando estes, explicando àqueles, observando e perscrutando tudo.¹⁹⁴

¹⁹¹ D Ó R I A, António Álvaro – *O Prof. Raul Dória e a sua Escola*. Porto: Janeiro de 1968, p. 4.

¹⁹² DÓRIA, António Álvaro – *Prof. Raul Dória*. “Tripeiro”, VI série, Ano XII, nº 9, Setembro de 1972, p. 273.

¹⁹³ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 9. [Transcrição do artigo publicado no jornal “Educação Nacional” de 8 de Outubro de 1905.]

¹⁹⁴ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1919, p. 74.

Raul Dória sentiu necessidade de um colaborador, enérgico, activo, desempoeirado e inteligente, que o auxiliasse na arrojada iniciativa a que se tinha abalançado, que era a direcção da Escola. Para esse fim nomeou Directora 1 de Abril de 1913, um professor efectivo da Escola, que leccionava à data Gramática Portuguesa, de seu nome José Campos Vaz. Segundo Armindo de Matos, no Álbum¹⁹⁵ aquando das comemorações das Bodas de Prata de José Campos Vaz, à frente da direcção da Escola, diz que o mesmo não só cooperou com Raul Dória, mas continuou a sua própria obra, visto que quando Raul Dória faleceu em 1922, Campos Vaz era já Director da Escola há 9 anos, em simultâneo com Raul Dória.¹⁹⁶

Com vista ao seu desenvolvimento e futura aquisição do edifício onde a Escola se encontrava instalada desde 9 de Outubro de 1907, Raul Dória sentiu a necessidade de constituir uma sociedade comercial por quotas, isto poucos anos antes de falecer, tal como referiu o *Jornal de Notícias* do dia 16 de Setembro de 1922, mencionando o nome de José Campos Vaz, como fazendo parte da referida sociedade.¹⁹⁷

A presente sociedade permitiu que se fizessem na Escola melhoramentos materiais, como: reformar os dormitórios, alargar e enriquecer o laboratório, valorizar o museu, criar novas aulas, alargar as oficinas, embelezar os pavilhões das aulas práticas e todas as dependências escolares, havendo, enfim, uma transformação, que veio corroborar melhor as palavras do ex-Ministro da Instrução, Magalhães Lima, exaradas no álbum de visitas da Escola,¹⁹⁸ aquando da sua visita a 27 de Outubro de

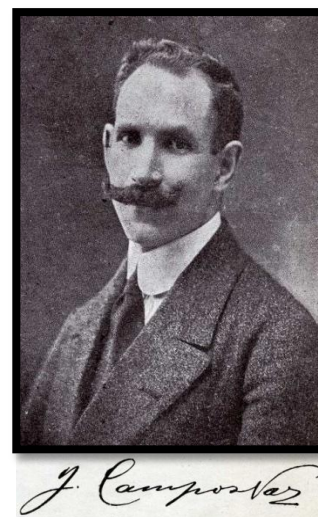


Fig. 16: José Campos Vaz. Sucessor de Raul Dória na direcção.

¹⁹⁵ O produto líquido do *Álbum das Bodas de Prata de José Campos Vaz* como Director da Escola Prática Comercial Raul Dória, reverteu em dobro a favor dos pobres da cidade, sendo distribuído no dia 7/4/1938, a um preço mínimo de 2\$50 escudos.

¹⁹⁶ *Álbum – Bodas de Prata do Director da Escola Comercial Raul Dória, Exmo Sr. José Campos Vaz.* [s.l.]: [s.e.], 1 de Abril de 1913 a 1 de Abril de 1938, p. 10.

¹⁹⁷ *Jornal de Notícias*. nº 218. Porto: 16 de Setembro de 1922, p. 1.

¹⁹⁸ A 27 de Outubro de 1915, o ex-Ministro da Instrução, Magalhães Lima, referiu-se à Escola dizendo que “«Constato com infinito prazer que a bela obra de Raul Dória e dos seus devotados colaboradores honra o país e a República. Estabelecimento único em Portugal, destinado a um largo futuro, pelo seu espírito patriótico, impõe-se por igual à consideração de nacionais e estrangeiros».” Retirado do *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1915/1916*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1916, p. 6.

1915.¹⁹⁹ Com a morte de Raul Dória a Escola deixou de pertencer à família Dória, mas manteve o nome do seu patrono até ao seu encerramento.

A 1 de Abril de 1938, aquando das referidas Bodas de Prata, Alfredo Coelho de Magalhães, refere-se a Raul Dória como um “verdadeiro criador da Escola, pela orientação que lhe deu, [...] tendo-me deixado surpreendido e encantado o funcionamento do seu Escritório Comercial,”²⁰⁰ aquando da visita à Escola a convite da direcção, com o intuito de presidir a exames. Armindo de Matos escreveu que, “Campos Vaz trabalhou a-par de Raul Dória, foi seu companheiro de trabalho na direcção [...], viveu as suas horas de entusiasmo, como sofreu os seus momentos de incerteza e adversidade [ambos] foram os obreiros insignes do *monumento nacional* que [foi] a Escola Raul Dória.”²⁰¹ Juntos desenvolveram e “grangearam, à custa de muito esforço, de muita inteligência e de muita perseverança, o lugar eminente que [a Escola ocupou] entre os estabelecimentos de ensino técnico particular do país”²⁰² e até do estrangeiro, servindo de modelo aos seus congéneres oficiais. Armindo de Matos acrescenta ainda que, “após o Amigo morto, soube, sozinho, com uma rara hombridade moral aliada a um tacto administrativo admirável, consolidar definitivamente o nome da Escola, assegurando a sua projecção para um futuro largo e próspero [...]”.²⁰³

Coelho de Magalhães fala que Campos Vaz, adaptou-se “ao pensamento de Raul Dória, [garantiu-lhe] continuidade, foi o seu valiosíssimo colaborador e o seu sucessor leal: a valia da colaboração que lhe prestou, [afirmou] o progresso da Escola e a preocupação de manter com rigoroso escrupulo, o plano e sentido que, inicialmente, lhe foram dados.”²⁰⁴ Campos Vaz, “começou a revolucionar e engrandecer [a Escola,] dando-lhe o valor e método pedagógico [procedeu a] reformas como a actualização de programas, aquisição do prédio [da Escola] e modernização dos métodos técnicos, com o auxílio de professores da especialidade”,²⁰⁵ vindo a resultar, segundo informação do *Álbum*, num aumento de grande frequência do número de alunos.

¹⁹⁹ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1919, p. 8.

²⁰⁰ *Álbum – Bodas de Prata do Director da Escola Comercial Raul Dória, Exmo Sr. José Campos Vaz*. [s.l.]: [s.e.], 1 de Abril de 1913 a 1 de Abril de 1938, p. 5.

²⁰¹ Ibidem.

²⁰² Ibidem.

²⁰³ Ibidem.

²⁰⁴ Ibidem, p. 5.

²⁰⁵ Ibidem, p. 3.

Em jeito de conclusão, e segundo as palavras do professor Joaquim Pinto, se Raul Dória fundou a Escola, José Campos Vaz continuou “com tino e capacidade à frente do estabelecimento [seguindo-lhe] fielmente as pisadas”²⁰⁶ [...] e que Oliveira Cabral refere “num trabalho incessante, revelador de tenacidade pouco vulgar em Portugal [...], a dar-nos *gerações novas, esforçadas*, com saúde moral e física.”²⁰⁷

²⁰⁶ Ibidem, p. 8.

²⁰⁷ Ibidem, p. 6.

Regras de Funcionamento da Escola Prática Comercial Raul Dória

Com o desenvolvimento do comércio nos finais do século XIX e inícios do século XX, surgiu a necessidade interna dos estabelecimentos comerciais terem um pessoal qualificado, ou seja, com conhecimentos mais abrangentes e específicos. Estes estabelecimentos comerciais, depressa sentiram a necessidade que se fundassem escolas onde os empregados de comércio pudessem adquirir todos os conhecimentos práticos da escrituração, indispensáveis aos indivíduos que se destinassem a esse ramo de actividade.

Segundo refere o jornal *A Voz Pública* de 3 de Outubro de 1905, coube a Raul Dória, “professor de escrituração e calígrafo, o papel de fundar no Porto, o que no estrangeiro ainda



Fig. 17: Escritórios Comerciais. Raul Dória ao centro a dirigir os trabalhos dos escritórios.

não era frequente e realizar à custa de um trabalho persistente em que andou empenhado muitos anos [...]” instituir uma escola que fosse a imagem da casa comercial, com os seus livros, as suas contas, as letras de câmbio, os cheques, tudo girando como numa grande casa de comércio e com o mesmo movimento que a um grande estabelecimento imprime o número de transacções realizadas dia a dia e que formavam grandes empresas.²⁰⁸

Regulamentos

Segundo a imprensa jornalística da época, nomeadamente o jornal *O Luso-Africano* de 20 de Dezembro de 1904, bem como através da consulta de alguns *Anuários* da Escola Prática Comercial Raul Dória, foi possível verificar que na Escola existiu uma inovação. As matrículas para todos os cursos efectuavam-se em qualquer altura do ano lectivo, entre o dia

²⁰⁸ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 5-6. [Transcrição do artigo publicado no jornal “A Voz Pública” de 3 de Outubro de 1905.]

1 e 15 de cada mês, sendo nos meses de Setembro e Outubro os que se verificavam um elevado número de matrículas.²⁰⁹ As matrículas dos alunos na Escola efectuavam-se em duas classes: os alunos ordinários e os alunos livres. Os ordinários frequentavam os cursos conforme a sua organização, matriculavam-se em qualquer dos seus anos curriculares, depois de terem feito os exames do ano lectivo anterior. Os livres frequentavam qualquer disciplina *Isolada/Singular*, sujeitando-se às condições de matrícula.

Através da consulta dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula*, a partir do ano lectivo de 1919/1920, até ao ano lectivo de 1923/1924, num total de cinco anos lectivos, foi possível verificar nos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula*, um selo colado no valor de 1\$00, emitido pela própria Escola. Este era relativo ao valor da propina da matrícula que os alunos tinham de pagar e tinham de assinar. Refira-se que desde o ano lectivo de 1910/1911 até ao ano lectivo de 1918/1919, bem como depois do ano lectivo de 1923/1924, não se encontrou nenhum selo *fisicamente* colado nos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula*, relativo à propina da matrícula dos alunos. Nos *Anuários* dos anos lectivos de 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918, 1918/1919, 1927/1928, verificou-se que se faz sempre referência às *Condições de Matrícula*, mas também, no verso dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula*, do ano lectivo de 1913/1914.

O regulamento das *Condições de Matrícula* era constituído por 6 artigos e algumas alíneas. Nestes pontos referia-se que eram considerados alunos da Escola, todos os indivíduos que nela recebessem instrução e gozassem dos direitos que o programa escolar estabelecesse; para admissão de qualquer aluno era indispensável que o mesmo fosse apresentado por pessoa idónea, e que se responsabilizasse pelo pagamento completo das respectivas prestações, bem como por todas as despesas relativas ao aluno e pelo cumprimento do regulamento escolar; os alunos eram obrigados a assinar o *Boletim de Inscrição / Assento de Matrícula*, mas também a pessoa por si responsável (Encarregado de Educação /Representante/Tutor), o que nem sempre acontecia, como se pode constatar nos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula* aquando do levantamento das fontes. Era ainda obrigatório o pagamento dos livros e acessórios para o estudo de qualquer disciplina, quando fossem fornecidos pela Escola; à assinatura da revista da Escola, *O Guarda-Livros*; ao pagamento por inteiro do mês de Agosto, sendo que nas férias não havia qualquer desconto, nem à

²⁰⁹ Idem, p. 2-3. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Luso-Africano" de 20 de Dezembro de 1904.]

entrada de alunos depois do mês começado ou à sua saída voluntária ou involuntariamente, antes do fim do prazo da sua matrícula.²¹⁰

Os alunos tinham de apresentar uma certidão de idade (só para os alunos internos); o certificado de instrução primária ou certificado da escola que tinha frequentado com indicação do curso e ano de frequência; fazer exame de admissão, por provas escritas; ao pagamento adiantado, sendo para os alunos internos por saque, correio ou banco e para os alunos externos, a cobrança era feita em casa dos próprios. Eram excluídas as matrículas dos alunos que no prazo máximo de 3 dias depois da matrícula não tivessem feito o seu pagamento na secretaria da Escola.²¹¹

As *Condições de Matrícula* estabelecia ainda que a saída de qualquer aluno da Escola devia ser participada à direcção 15 dias antes de terminar a sua matrícula, sendo que a falta desta formalidade obrigava ao pagamento do mês seguinte; não era restituída, qualquer que fosse o motivo, a mensalidade ou prestação recebida e as faltas dos alunos às aulas teriam de ser justificadas pela família no dia seguinte,²¹² o que muitas vezes efectivamente acontecia, conforme se pode constatar através de um simples cartão-de-visita, referindo que o aluno teria estado doente, tinha ido ao funeral de um familiar ou tinha estado a ajudar o pai na loja, num dia de muitos fregueses.

Para além das regras estabelecidas nas *Condições de Matrícula*, os alunos tinham ainda de cumprir as normas emanadas do *Regulamento do Dormitório - Deveres a Cumprir*, isto para os alunos internos, e ainda as do *Regulamento Interno, para alunos externos*.

No que diz respeito ao *Regulamento do Dormitório - Deveres a Cumprir*, faziam parte catorze pontos e era datado de 1 de Outubro de 1919. O presente *Regulamento* estabelecia que os alunos deviam mostrar “pela sua conduta que teem recebido no lar domestico uma boa educação”²¹³; deviam “ser limpos, honestos, respeitadores cumprindo escrupulosamente todos os seus deveres”²¹⁴; a hora de deitar quer de verão quer de inverno era às 22 horas, “não sendo [...] permitido [ao toque de silêncio] falar ou acender qualquer luz, seja qual for

²¹⁰ *Anuários da Escola Raul Dória. Anos lectivos de 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918, 1918/1919, 1927/1928.* Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória.

²¹¹ Ibidem.

²¹² Ibidem.

²¹³ *Regulamento do Dormitório - Deveres a Cumprir.* Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1 de Outubro de 1919.

²¹⁴ Ibidem.

o pretexto”²¹⁵. Quanto à hora de levantar, no verão era às 6.30 h e no inverno às 7.15 h, tendo os alunos de se preparar em 25 minutos, com excepção dos Domingos em que teriam 1 hora. A higiene pessoal de manhã nos lavatórios era feita em três fases: primeiro iam os alunos dos números 1 a 13, depois de 14 a 26 e por fim do 27 ao 35. Os alunos só não se levantavam “à hora marcada, por motivos de doença; e, neste caso, [permaneciam] no leito até o médico [da Escola] comparecer.”²¹⁶ Os alunos não podiam entrar nos quartos dos colegas, nem entrar de dia no dormitório, necessitando para isso de uma licença da direcção; era “absolutamente proibido: fumar ou ter tabaco, possuir bebidas ou quaisquer comestíveis, ter armas, dinheiro e jóias, sendo tudo apreendido, no caso de transgressão.”²¹⁷ O dinheiro e as jóias que eventualmente os alunos tivessem, ficavam guardados no cofre da Escola, recebendo em troca por esse motivo, um recibo.

Aos Domingos de manhã, “os alunos [internos preenchiam] um rol fornecido pela Escola, indicando a roupa que mandavam para lavar; a qual [devia] ficar dentro duma saca que o aluno [era] obrigado a ter para esse fim. Quando o rol [estivesse] errado a Escola não se [responsabilizava] pelo extravio que porventura [houvesse];”²¹⁸ os alunos de cada quarto eram “responsáveis pelo estrago que nele for feito, e todos, pelo que se [fizessem] no dormitório”;²¹⁹ os alunos com doenças contagiosas, eram tratados fora da Escola, sem responsabilidade da mesma; os que obtivessem autorização para sair aos Domingos e feriados, deviam regressar à Escola até às 20 horas, no inverno, e no verão, até às 21 horas, sob pena de ficarem fora da Escola por fim, os alunos subiam e desciam “formados as escadas do dormitório, segundo as ordens do Sr. Prefeito, a quem [deviam] respeitar e obedecer”.²²⁰

Quanto ao *Regulamento Interno, para alunos externos*, era composto por oito artigos, sendo datado de 6 de Outubro de 1921. O mesmo determinava que, a fim de “[...] garantir o correcto funcionamento dos serviços internos [...] tanto na parte relativa ao ensino, como na disciplina, [a Escola regulamentou] o seguinte para [os] alunos externos:”²²¹ os alunos não podiam “perturbar por qualquer forma o serviço da Secretaria e das aulas; entrar em qualquer aula depois da chamada, sem ir munido do cartão de admissão passado pela Direcção;

²¹⁵ Ibidem.

²¹⁶ Ibidem.

²¹⁷ Ibidem.

²¹⁸ Ibidem.

²¹⁹ Ibidem.

²²⁰ Ibidem.

²²¹ Ibidem.

sair das aulas durante o seu funcionamento, [fosse qual fosse o] pretexto, sem consentimento da Direcção; entrar nas aulas com chapéus ou bengalas; [ou nas] salas de aulas fora do seu funcionamento; fumar em qualquer parte do edifício ou assobiar; escarrar²²² nos sobrados;²²³ permanecer no recreio; riscar ou escrever nas paredes, mobiliário [e utilizar a] escadaria principal da Escola ou permanecer no seu patamar.”²²⁴ Os alunos que desobedecessem, eram punidos *rigorosamente*, sendo “as penas aplicáveis à falta de cumprimento [...] determinadas pelos Directores da Escola em face da falta cometida.”²²⁵

O *Regulamento* estabelecia ainda que as “faltas de educação cívica e de respeito cometidas pelos alunos para com qualquer dos empregados ou professores da Escola, [eram] igualmente punidos em face da gravidade da mesma falta, [sendo as] penas disciplinares a que [ficavam] sujeitos os alunos [a seguintes]: má nota; repetição escrita da lição; admoestação; repreensão; suspensão e expulsão, [sendo esta última], resolvida em conselho escolar, depois de ouvido o respectivo aluno.”²²⁶

À semelhança do que era estabelecido nas *Condições de Matrícula*, também o *Regulamento Interno, para alunos externos*, obrigava a que as famílias dos alunos justificassem no dia seguinte, perante a direcção da Escola, as faltas dos alunos às aulas.

A direcção exigia “o rigoroso cumprimento das disposições deste Regulamento [fazendo] cumprir por intermédio dos prefeitos e empregados [da Escola que], os alunos [deviam] respeitar e obedecer.” Por fim, o *Regulamento* estabelecia ainda quer para alunos externos quer para alunos internos, os dias feriados para a Escola, sendo eles: “todos os domingos e dias de gala nacional, o dia 30 de Novembro (aniversário da Escola), de 24 de

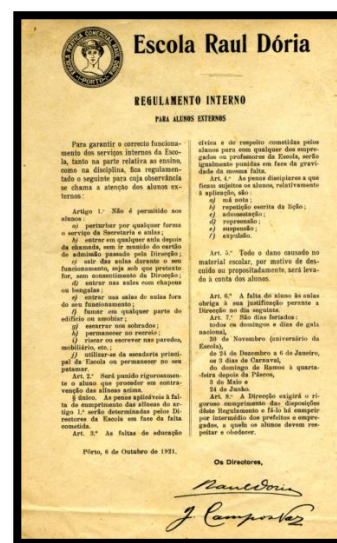


Fig. 18: Regulamento Interno para alunos externos.

²²² O termo significa cuspir no chão.

²²³ Soalho. Pavimento de madeira. Retirado de MORENO, Augusto – *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*. Porto: Livraria Editorial Educação Nacional, 1936, p. 1176 e 1177.

²²⁴ *Regulamento Interno. Para alunos externos*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 6 de Outubro de 1921.

²²⁵ Ibidem.

²²⁶ Ibidem.

Dezembro a 6 de Janeiro, os 3 dias de Carnaval, do domingo de Ramos à quarta-feira depois da Páscoa, 3 de Maio [e] 24 de Junho.”²²⁷

O corpo docente

Quando a Escola publicava o seu *Anuário* com o intuito de fazer um balanço da vida escolar do ano lectivo que terminara, assim como é referido no *Anuário* do ano lectivo de 1918/1919, a sua função passava pela divulgação do corpo docente e não docente, da organização dos seus cursos e de algum evento a realizar no ano lectivo que se iria iniciar.²²⁸ Em nosso entender, o objectivo destas publicações era projectar a Escola perante a sociedade em geral, mas também influenciar a escolha da Escola perante as famílias de possíveis alunos.

As primeiras informações que obtivemos do corpo docente da Escola Prática Comercial Raul Dória, foi através da imprensa jornalística. Segundo noticiou o jornal *A Voz Pública* a 4 de Janeiro de 1905, ainda a Escola estava sediada na rua Fernandes Tomás, “o corpo docente [era] composto por [...] nove professores portugueses e estrangeiros, incluindo o director, duas professoras para a área das línguas e dois ajudantes.”²²⁹ A 3 de Outubro de 1905, também o *Jornal de Notícias* abordou o assunto do corpo docente, mas para o ano lectivo de 1905/1906, referindo que era composto por dezasseis professores, mais sete do que em Janeiro de 1905. O jornal *O Norte*, de 4 de Outubro de 1905, referiu que o corpo docente era “escrupulosamente escolhido, entre os mais distintos professores que na cidade do Porto exerciam a sua docência particular, professores estrangeiros para o ensino dos respectivos idiomas, [...] para as cadeiras que eram nomeadas por concurso [...]”.²³⁰ O *Comércio do Porto* de 3 de Outubro de 1905, acrescenta que “a Escola apenas admitia professores que comprovassem ter habilitações necessárias, mérito reconhecido e incontestada competência.”²³¹

Após o ano lectivo 1905/1906, a fonte que nos forneceu informação sobre o corpo docente, foram os *Anuários* da Escola. Assim, em Outubro de 1913, aquando da publicação

²²⁷ Ibidem.

²²⁸ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1919, p. 8.

²²⁹ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 3-4. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Voz Pública" de 4 de Janeiro de 1905.]

²³⁰ Idem, p. 7-8. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Norte" de 4 de Outubro de 1905.]

²³¹ Idem, p. 8. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Comércio do Porto" de 3 de Outubro de 1905.]

do *Anuário* relativo ao ano lectivo de 1912/1913, para além de se descrever o corpo docente que era composto por trinta e quatro professores - vinte efectivos, sete auxiliares, três especiais e quatro substitutos - são apresentadas algumas fotografias, bem como a formação de alguns professores²³², conforme se demonstra nos anexos.

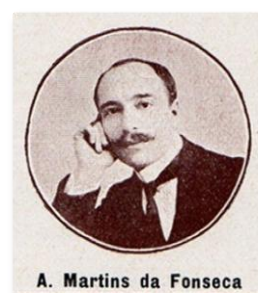
Fig. 19: Professores Efectivos, Auxiliares e Especiais do ano lectivo de 1912/1913

PROFESSORES EFECTIVOS

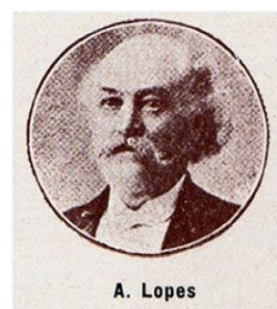
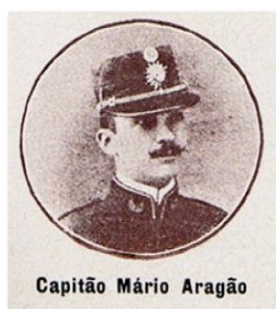


²³² Nos anexos, apresenta-se em vários quadros, os nomes dos professores por categorias relativos aos anos lectivos em estudo, mas também a formação dos do ano lectivo de 1912/1913.

PROFESSORES AUXILIARES



PROFESSORES ESPECIAIS



Em Outubro de 1916, aquando da publicação do *Anuário* do ano lectivo de 1915/1916, tinham feito parte do corpo docente trinta e sete professores - vinte e um efectivos, quatro auxiliares, cinco especiais e sete substitutos - mais três professores do que no ano lectivo de 1912/1913.

Entre outros assuntos abordados na nota introdutória do *Anuário* do ano lectivo 1917/1918, de autoria desconhecida, é referido que do corpo docente tinham feito parte “[...] livres pensadores confessos [...] católicos praticantes, [...] republicanos intemeratos e [...]

monárquicos convictos.”²³³ No mesmo *Anuário*, publicado em Outubro de 1918, tinham feito parte do corpo docente quarenta e cinco professores - vinte e seis efectivos, dois auxiliares, quatro especiais e treze substitutos - mais oito professores do que no ano lectivo de 1915/1916. O aumento consecutivo do número de professores de ano para ano, era, como facilmente se depreende, sinónimo de um aumento do número de alunos, conforme se pode verificar no quarto capítulo deste trabalho, com a representação gráfica do “número de alunos inscritos/matriculados na Escola”. Em Outubro de 1919, aquando da publicação do *Anuário* do ano lectivo de 1918/1919, faziam parte do corpo docente da Escola quarenta e oito professores - vinte e oito efectivos, três auxiliares, cinco especiais e doze substitutos²³⁴ - mais três do que no ano lectivo anterior. No ano lectivo de 1927/1928, a Escola teve vinte professores, menos dezoito do que no ano lectivo de 1918/1919, deixando de haver referência a professores efectivos, auxiliares, especiais e substitutos, passando a existir apenas a designação de professores.²³⁵ O decréscimo do número de professores, comparativamente com anos lectivos anteriormente apresentados, poderá estar directamente associada à diminuição do número de alunos, conforme também se pode verificar mais à frente através da representação gráfica, anteriormente referida.

QUADRO 3

Número de Professores por “categorias” / Totais					
	Professores Efectivos	Professores Auxiliares	Professores Especiais	Professores Substitutos	Número total de professores
Janeiro de 1905	-	-	-	-	9
Ano Lectivo 1905/1906	-	-	-	-	16
Ano Lectivo 1912/1913	20	7	3	4	34
Ano Lectivo 1915/1916	21	4	5	7	37
Ano Lectivo 1917/1918	26	2	4	13	45
Ano Lectivo 1918/1919	28	3	5	12	48
Ano Lectivo 1927/1928	-	-	-	-	20

FONTE: Jornal A Voz Pública de 4 de Janeiro de 1905, *Jornal de Notícias* de 3 de Outubro de 1905 e dos *Anuários da Escola Prática Comercial Raul Dória* dos anos lectivos de 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918, 1918/1919 e 1927/1928.

²³³ *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória. Ano Lectivo 1917/1918*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1918, p. 2.

²³⁴ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano Lectivo 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1919, p.11-12.

²³⁵ *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano lectivo de 1927/1928*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1928, p. 13.

Em jeito de conclusão, podemos dizer que desde Janeiro de 1905 o número de professores foi sempre aumentando até ao lectivo 1918/1919, verificando-se, uma descida no ano lectivo de 1927/1928. Por vezes existiam professores cuja “categoria” mudava de uns anos lectivos para outros. Entre outros exemplos, destacamos o que aconteceu com o Abade António Monteiro, José Lopes Vieira e José Manuel Sequeira que eram efectivos no ano lectivo de 1912/1913 e substitutos no ano lectivo de 1915/1916. Esta gestão dos recursos humanos por parte da Escola, no que diz respeito ao corpo docente, possivelmente deve-se a uma reestruturação e adequação, de acordo com as necessidades da Escola.

Também foi possível verificar que muitos foram os professores que se mantiveram no exercício das suas funções ao longo dos anos lectivos aqui apresentados, o que poderá significar, que a Escola tinha como objectivo principal, dar estabilidade aos seus alunos com uma continuidade sempre que possível do corpo docente. Após o ano lectivo de 1927/1928, não foi possível encontrar documentação sobre a composição do corpo docente da Escola Prática Comercial Raul Dória.

O corpo não docente

Segundo os *Anuários* da Escola dos anos lectivos de 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918, 1918/1919 e 1927/1928, do corpo não docente faziam parte a secção da inspecção



Fig. 20: José Guedes. Médico da Escola.

ção sanitária, o pessoal da secretaria, a fiscalização e o pessoal menor.²³⁶

Da secção da inspecção sanitária faziam parte dois médicos efectivos, farmacêuticos e um enfermeiro. José Guedes e Jaime Vieira Coelho, foram sempre os médicos referidos nos *Anuários* anteriormente apresentados.

Nos três primeiros *Anuários* faziam ainda



Fig. 21: Jaime Vieira Coelho. Médico da Escola.

²³⁶ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano Lectivo 1912/1913*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1913, p. 21-22; *Anuário da Escola Raul Dória - Ano Lectivo de 1915/1916*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1916, p. 10; *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano lectivo de 1917/1918*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1918, p. 3-4; *Anuário da Escola Raul Dória. Ano Lectivo 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1919, p.12-13 e *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano lectivo de 1927/1928*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1928, p. 14.

parte desta secção dois farmacêuticos, Vasco Garcia de Lima e Alcibiades de Barros e um enfermeiro, Joaquim Ferreira. O *Anuário* do ano lectivo de 1918/1919, menciona o mesmo enfermeiro, aspecto que não aconteceu com os farmacêuticos. Com estes, deixa de fazer-se alusão a Alcibiades de Barros, mas continua-se a fazer referência a Vasco Garcia de Lima e a um novo farmacêutico, de seu nome, Manuel Augusto de Barros.²³⁷ No ano lectivo de 1927/1928, apenas se faz referência a um único e novo farmacêutico, M. A. de Barros,²³⁸ deixando de existir qualquer referência a enfermeiro.

Quanto ao pessoal da secretaria era composto pelo secretário, amanuenses,²³⁹ guardalivros e ajudante. Ocuparam a função de secretário no ano lectivo de 1912/1913, João Alexandrino dos Santos; em 1915/1916, Joaquim Abelha Florentino e em 1917/1918, Joaquim Augusto Chasqueira, amanuense do ano lectivo 1915/1916 e futuro secretário dos anos lectivos de 1918/1919 e 1927/1928. Os amanuenses foram em 1912/1913, Joaquim José Moreira, Joaquim Almeida Costa e Rafael Xavier de Carvalho; em 1915/1916, António Diegues, Ernesto Cruz Soares, Joaquim Augusto Chasqueira e Júlio Faria Mourão, mais um do que no ano lectivo de 1912/1913; em 1917/1918, Georgina Soares de Oliveira, Ricardo Cruz e Severo Cruz Soares. Durante o ano lectivo de 1917/1918 apareceram os cargos de Guardalivros, este ocupado por António Álvaro da Silva Dória, filho de Raul Dória e o de ajudante, preenchido por Júlio Faria Mourão, amanuense em 1915/1916, cargos que foram também desempenhados no ano lectivo de 1918/1919. Em 1918/1919, Georgina Soares de Oliveira, continuou funções que tinha em 1917/1918 (amanuense) e António Chasqueira, passou a ser o novo amanuense. Em 1927/1928, deixa de fazer-se alusão aos amanuenses, mas passa-se a fazer referência ao cargo de “ajudante” do secretário que foi ocupado por Armindo Pereira de Matos.

Em relação à fiscalização, faziam parte o fiscal e o prefeito.²⁴⁰ Desempenharam as funções de fiscal em 1912/1913, José de Ornelas da Silva; em 1915/1916, Augusto Jorge

²³⁷ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano Lectivo 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1919, p. 12.

²³⁸ *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano lectivo de 1927/1928*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1928, p. 14.

²³⁹ Pessoas que numa repartição pública, copiavam à mão, documentos/textos e despachavam correspondência oficial. Retirado do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. I. Lisboa: Editorial Verbo, 2001, p. 202.

²⁴⁰ Empregado colegial que tem a seu cargo vigiar os estudantes. Retirado de MORENO, Augusto – *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*. Porto: Livraria Editorial Educação Nacional, 1936, p. 1023.

Garcia e em 1917/1918 e 1918/1919, António Pereira Júnior. Quanto aos prefeitos exerceram a função em 1912/1913, António Alves Júnior; em 1915/1916, Augusto Teixeira de Carvalho e Marçal de Azevedo e Silva, (mais um prefeito que no ano lectivo de 1912/1913); em 1917/1918, Marçal Azevedo e Silva e Fernando S. Pereira do Lago e em 1918/1919, Manuel Martins Coelho e A. Silva Rocha. Sobre a fiscalização, o *Anuário* da Escola do ano lectivo de 1927/1928, não faz qualquer referência.

Sobre o pessoal menor, o mesmo era constituído por contínuos,²⁴¹ porteiros, mordomo²⁴² e bedel.²⁴³ Exerceram a função de contínuos em 1912/1913, António Baptista e Manuel Teixeira da Silva; em 1915/1916, Alfredo Costa Moura, (que vai também desempenhar a mesma função nos anos lectivos de 1917/1918 e 1918/1919) e Eduardo Pinto Carvalho; em 1917/1918, José Correia Cabral e em 1918/1919, José Moraes. As funções de porteiro foram desempenhadas em 1912/1913 por, João Braga; em 1915/1916 por, António Teixeira; nos anos lectivos de 1917/1918 e 1918/1919 passaram a existir dois porteiros, Manuel Simões Guimarães e António José, o que se repetiu também em 1927/1928, com Domingos Gomes Correia e Manuel Joaquim Aires. Em 1918/1919, o pessoal menor passou a ser constituído por um mordomo, Manuel dos Santos Júnior, e no ano lectivo de 1927/1928, por um bedel, Américo Timóteo de Carvalho, deixando de existir qualquer alusão a contínuos.

Cursos leccionados

À semelhança do que referimos aquando do corpo docente, a informação de que dispomos sobre os cursos leccionados na Escola Prática Comercial Raul Dória foi obtida, em primeiro lugar através da imprensa jornalística e posteriormente através dos seus *Anuários*.

O jornal *O Luso-Africano*, de 20 de Dezembro de 1904, noticia que se leccionavam na Escola dois cursos: um era diurno e o outro nocturno. O diurno era às Segundas, Quartas e

²⁴¹ Funcionários auxiliares de um estabelecimento de ensino com funções de vigilância, manutenção de espaços, limpeza e outras funções de acção educativa. Retirado do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. I. Lisboa: Editorial Verbo, 2001, p. 949.

²⁴² Administrava, regia os bens e chefiava os empregados da Escola. Retirado do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. II. Lisboa: Editorial Verbo, 2001, p. 2526.

²⁴³ Funcionário que tinha como função marcar as faltas dos professores e dos alunos. Retirado do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. I. Lisboa: Editorial Verbo, 2001, p. 505.

Sextas-feiras, onde se ensinava Caligrafia e Escrituração Comercial. No curso noturno ministrava-se Caligrafia, Legislação e Escrituração Comercial, Aritmética e Geometria, História Comercial, Português, Inglês, Francês, teórico e prático e Alemão, Estenografia, Dactilografia e Geografia Comercial.²⁴⁴ Por sua vez, o jornal *A Voz Pública*, de 4 de Janeiro de 1905, faz referência aos cursos que eram leccionados na Escola: o Curso Elementar tinha a duração de um ano; o Curso de Guarda-livros, inicialmente tinha a duração de dois anos, mas em 1904, Raul Dória fixou a sua duração em três anos, cada um com cinco disciplinas e posteriormente alargado a sete e em 1927/1928 tinha a duração de cinco anos e os Cursos Complementar ou de Contabilidade Financeira e de Empregado de Escritório com a duração de três anos. Para além dos cursos referidos, qualquer pessoa podia matricular-se em disciplinas independentemente dos cursos.²⁴⁵ Dos quatro cursos apresentados faziam parte as seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, teórica e prática, exercícios de redacção; Correspondência Comercial; Línguas Francesa, Inglesa e Alemã, teórica e prática, versão, redacção e conversação; Escrituração Comercial, Documentos Comerciais; Contabilidade e prática de Comércio Contabilista; Cálculo Comercial e Financeiro; História e Geografia Comerciais; Direito e Legislação Comercial e Industrial; Economia Política; Físico Química; História Natural e Higiene; Caligrafia; Estenografia ou escrita rápida; Dactilografia ou escrita à máquina e Matérias-primas.²⁴⁶ Segundo o *Jornal de Notícias*, de 14 de Setembro de 1906, “as disciplinas [estavam] sob direcção de Raul Dória e [seguiram] os modernos processos de pedagogia, de forma que todos os anos [saíam] da Escola [...] um grande número de alunos habilitados com conhecimentos que os [tornavam] aptos para o mercado de trabalho.”²⁴⁷

Posteriormente, a imprensa internacional, nomeadamente o jornal brasileiro *Folha do Norte*, do Pará, de 15 de Fevereiro de 1905, noticia a Escola, referindo que “[era] um exemplo a seguir na área do ensino comercial.”²⁴⁸ Este jornal à semelhança do jornal *O Luso-Africano*, noticia também os cursos diurno e noturno leccionados na Escola, mas acrescenta uma novidade, que era o curso por correspondência, leccionado por métodos e processos

²⁴⁴ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 2-3. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Luso-Africano" de 20 de Dezembro de 1904.]

²⁴⁵ Idem, p. 7-8. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Voz Pública" de 4 de Janeiro de 1905.]

²⁴⁶ Idem, p. 7-8. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Norte" de 4 de Outubro de 1905.]

²⁴⁷ Idem, p. 14-15. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Jornal de Notícias" de 14 de Setembro de 1906.]

²⁴⁸ Idem, p. 10. [Transcrição do artigo publicado no jornal "Folha do Norte, do Pará" de 15 de Fevereiro de 1905.]

práticos.²⁴⁹ O curso por correspondência era apenas usado em Portugal pela Escola Raul Dória e muito habitual em escolas do estrangeiro, exigindo a criação de uma secção especial, ou seja, de um serviço particular para esse fim, ao qual estavam ligados vários professores especiais e um “expeditor”, que asseguravam o seu bom funcionamento.²⁵⁰ A esta inovação da Escola, o jornal *A Voz Pública*, de 4 de Janeiro de 1905, referiu que “há-de ser útil a muitas pessoas de fora do Porto, [alunos Nacionais e Internacionais] que queiram habilitar-se com conhecimentos de Comércio e Caligrafia”²⁵¹, mas por qualquer circunstância não a podiam frequentar.

Numa entrevista que Raul Dória deu ao jornal *O Norte* a 7 de Janeiro de 1905, justificou que “para se conseguir um excelente resultado, o Curso de Contabilidade por Correspondência, estava dividido em lições e não se assemelha em nada ao que se ensina nas escolas similares portuguesas atendendo a que ele é o resultado da compilação que fizemos de documentos postos à nossa disposição pelos principais estabelecimentos comerciais, industriais e financeiros do nosso país e estrangeiro.”²⁵² O seu funcionamento processava-se da seguinte forma: “o aluno recebia pelo correio a primeira remessa que continha os registos e as obras referentes ao curso em que se inscrevia. O professor dirigia-lhe juntamente por carta, as instruções necessárias para começar os trabalhos. Na mesma remessa ia um guia, [...] que continha um [...] número de modelos e ia procedido de um índice que lhe indicava o caminho a seguir, permitindo assim, ao aluno, executar na [...] ordem todos os trabalhos indicados. Os principais exercícios iam indicados na minuta que o aluno enviaria depois para a correcção. Entretanto ia fazendo os exercícios e, quando os primeiros lhe fossem devolvidos, devidamente corrigidos, o que era feito sempre com a brevidade possível, transcrevê-los-ia no seu registo. Ao mesmo tempo eram enviadas ao aluno instruções detalhadas, indicando-lhes como deviam proceder no seu trabalho e de que maneira devia estudar. A Escola possuía um registo estatístico para cada aluno, onde o professor inscrevia a data das diversas remessas, o assunto nelas tratado, os programas de estudo adoptados e as notas dadas pelos trabalhos enviados à correcção. Este registo tinha um número de ordem que o

²⁴⁹ Ibidem.

²⁵⁰ Ibidem.

²⁵¹ Idem, p. 3-4. [Transcrição do artigo publicado no jornal “A Voz Pública” de 4 de Janeiro de 1905.]

²⁵² Idem, p. 4-5. [Transcrição do artigo publicado no jornal “O Norte” de 7 de Janeiro de 1905.]

aluno deveria referir sempre no alto de cada carta ou exercício e mesmo no rótulo ou envelope de qualquer remessa que fizesse, para assim facilitar o exame e a classificação.”²⁵³

Em jeito de conclusão, o jornal *Educação Nacional*, refere que o curso por correspondência, deu “óptimos resultados [e] muito contribuiu para melhorar o ensino da escrituração mercantil”²⁵⁴, acrescentando o jornal *O Norte* “com resultados seguros de aproveitamento”²⁵⁵, não sendo no entanto possível, aquando do levantamento da informação, quantificar qualquer aluno formado por esta modalidade.

Com a instalação da Escola na rua Fernandes Tomás em 1904, sentiu a direcção condições favoráveis para a criação de um curso comercial para senhoras. O curso permitia à mulher preparar-se para desempenhar determinadas funções em variadíssimos estabelecimentos, quer no comércio, quer na indústria: no comércio a mulher podia exercer o seu trabalho em hotéis, pensões, balneários, bazares, padarias, géneros alimentícios, pastelarias, confeitarias, perfumarias, joalharias, luvarias, sapatarias, livrarias, flores naturais e na venda de objectos religiosos, e na indústria podia ser modista de vestidos, vender flores artificiais, roupa branca, chapéus e leques, sendo que existiam muitas outras profissões comerciais e industriais do agrado das mulheres.²⁵⁶

Sobre o curso comercial para senhoras, disse Raul Dória ao jornal *O Norte*, que a sua Escola “foi a primeira no país que inaugurou o curso de ensino profissional para as senhoras; mas não foi para satisfazer uma vaidade medíocre ou para cativar atenções lucrativas [...] a responsabilidade da administração e a consciência que temos dos nossos deveres não permitem que a Escola, só para sobressair pela propaganda de programas sonoros, esteja



Fig. 22: Edite Maria de Carvalho. Aluna da Escola do curso comercial.

dependente da fantasia ou sob o estímulo de vontades caprichosas. Criamos a secção do ensino comercial para senhoras porque, para o futuro da mulher portuguesa, não pode ser indiferente à educação profissional.”²⁵⁷

²⁵³ Ibidem.

²⁵⁴ Idem, p. 9. [Transcrição do artigo publicado no jornal "Educação Nacional" de 8 de Outubro de 1905.]

²⁵⁵ Idem, p. 4-5. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Norte" de 7 de Janeiro de 1905.]

²⁵⁶ Idem, p. 15. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Norte" de 15 de Setembro de 1906.]

²⁵⁷ Ibidem.

Ainda acerca do curso comercial para senhoras, o jornal *O Luso-Africano*, de 20 de Dezembro de 1904, noticia o desejo de Raul Dória em “tornar a Escola mais útil, montando uma aula comercial para senhoras”²⁵⁸; o jornal a *Folha da Noite*, de 2 de Janeiro de 1905, refere-se ao curso para senhoras como sendo de “uma inovação notável, com excelentes resultados e muito bem recebido”²⁵⁹ e o jornal *A Palavra*, de 3 de Outubro de 1905, diz que “era grande o número de senhoras que o tinha seguido.”²⁶⁰ De um modo geral, a imprensa aborda o assunto do curso comercial para senhoras, como sendo um curso destinado a quem desejasse aprender escrituração comercial.

Outra grande novidade introduzida na Escola, ocorre depois de uma visita que Raul Dória fez às escolas Parisienses. Entusiasmado com o ensino ministrado às raparigas francesas, que as preparava para a vida de casa, quando regressou ao Porto, lançou pela primeira vez em Portugal e na sua Escola, no ano lectivo de 1906-1907, um novo curso: o curso de Economia Doméstica que ficou instalado num edifício anexo à Escola Prática Comercial, na rua Fernandes Tomás. Segundo o jornal *O Comércio do Porto* de 25 de Setembro de 1906, do curso de Economia Doméstica fazia parte um “excelente serviço de ensino prático de costura em geral, corte e manufactura de vestuário, tratamento e concerto de roupas, marcas, croché, engomar, brunir, bordados a branco, cozinha prática, labores e higiene”.²⁶¹ Já o jornal *O Diário da Tarde* de 2 de Outubro de 1906, aborda a secção doméstica, referindo que “estava sob a direcção de sete *excelentes* professoras, habilitadas para ministrar a instrução das alunas,”²⁶² cujo curso completo tinha a duração de dois anos, com cinco disciplinas em cada um deles, conforme se demonstra pelo seguinte quadro.

QUADRO 4

Currículo do curso de Economia Doméstica	
1º Ano	2º Ano
Português	Escrituração Doméstica
Aritmética	Francês
Costura	Desenho
Corte	Bordados
Higiene prática	Cozinha prática

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Livraria. Publicações. *Apreciações da Imprensa*. in Jornal *O Diário da Tarde*, 2 de Outubro de 1906. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912, p. 22.

²⁵⁸ Idem, p. 2-3. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Luso-Africano" de 20 de Dezembro de 1904.]

²⁵⁹ Idem, p. 3. [Transcrição do artigo publicado no jornal "Folha da Noite" de 2 de Janeiro de 1905.]

²⁶⁰ Idem, p. 6-7. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Palavra" de 3 de Outubro de 1905.]

²⁶¹ Idem, p. 19. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Comércio do Porto" de 25 de Setembro de 1906.]

²⁶² Idem, p. 22. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Diário da Tarde" de 2 de Outubro de 1906.]

O jornal *A Palavra* de 2 de Outubro de 1906, depois de ter visitado à Escola, referiu numa notícia que publicou, que a nova secção do curso para senhoras, estava “muito bem montada [...] ninguém deixara de lhe reconhecer um largo alcance social no nosso meio onde a mulher, quando chega a ser esposa, quase nunca sabe ser uma boa dama de casa [...] na sala de costura e corte, viam-se duas máquinas Singer; na de bordados, bastidores; na cozinha, um belo fogão e todos os utensílios indispensáveis numa boa cozinha”.²⁶³

A secção do curso de Economia Doméstica, estava orientada por modelos que Raul Dória fora estudar a Paris, como se referiu, nomeadamente à *L' École et Cours de Cuisine du Cordon Bleu*, e tinha por objectivo dar à mulher *de amanhã* os conhecimentos indispensáveis de cozinha ou outras operações indispensáveis na vida doméstica. O jornal *O Primeiro de Janeiro* de 3 de Outubro de 1906, refere que foi “uma iniciativa fecunda e louvável, que [mereceu] aplausos de quantos se [interessavam] pela perfeita educação da mulher.”²⁶⁴ A par do curso de Economia Doméstica, todas as senhoras podiam inscrever-se em disciplinas para o uso do comércio, como: as Línguas, Caligrafia, Estenografia, Taquigrafia,²⁶⁵ aplicada ao comércio e Dactilografia, arte de escrever por meio de máquina.²⁶⁶



Fig. 23: Raul Dória e um grupo de alunas da Escola.

“A economia doméstica era para o lar, o que a economia política era para a sociedade. Era a ciência do governo da casa, pois tratava das receitas e despesas, do activo e passivo, economia e colocação de fundos e contabilidade do governo doméstico.”²⁶⁷ As senhoras solteiras ou casadas, não precisavam de se ocupar da economia doméstica, porque os seus pais ou maridos administravam por elas, no entanto,

²⁶³ Idem, p. 20. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Palavra" de 2 de Outubro de 1906.]

²⁶⁴ Idem, p. 22-23. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Primeiro de Janeiro" de 3 de Outubro de 1906.]

²⁶⁵ Sistema de escrita que permite, usando sinais convenientes, escrever tão depressa quanto se fala. Retirado do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. II. Lisboa: Editorial Verbo, 2001, p. 3515.

²⁶⁶ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 21. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Norte" de 2 de Outubro de 1906.]

²⁶⁷ *Escrituração e Economia Doméstica*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1919, p. 3.

tinham ao seu cargo uma parte da administração interna, como as suas despesas pessoais e a direcção do governo doméstico.²⁶⁸ Toda a mulher precisava de possuir uma instrução elementar ou superior, segundo a posição social que ocupava, e o mesmo acontecia com a hierarquia social a que pertencesse. Sem nunca abandonar a vigilância que devia exercer no interior das suas casas, isto é, do seu lar, a mulher poderia ser chamada a tratar de negócios, quando órfã, celibatária ou viúva. Por estes motivos as noções de economia doméstica deviam fazer parte da bagagem científica, não somente para as mulheres que mais tarde viessem a ter um papel a desempenhar no comércio, quer como empregadas ou donas de casas quer como comerciantes.²⁶⁹

Álvaro Dória, no “*Tripeiro*” em Setembro de 1972, sobre o curso de Economia Doméstica, diz que seu pai, habituado a triunfar sofre o “primeiro revés com o fracasso do curso [...]”.²⁷⁰ Na abertura do *Anuário* de 1909/1910, escreveu Raul Dória o seguinte: “Mal compreendidas [...], no seu acanhado meio social estas tentativas de rápido avanço, acostumado tão-somente este desventurado país de analfabetos a caminhar [...] em passo trôpego na retaguarda de todos os outros, lugar a que se habituou e de que não há estímulo que possa arrancá-lo, o novo curso não logrou as mesmas simpatias que acolheram os cursos comerciais para o sexo masculino [...]”.²⁷¹

Concluindo, o curso de Economia Doméstica tinha como objectivo dar à *administradora do lar doméstico* a segurança da sua administração e a confiança nos seus resultados em face dos processos económicos aprendidos. Encerrou ao fim de um ano de funcionamento, no final do ano lectivo 1906-1907, depois de um *grande* investimento financeiro, sobretudo na secção de culinária, cujos produtos confeccionados eram distribuídos pelos pobres da cidade.

Se o curso de Economia Doméstica jamais pôde continuar, o curso de Guarda-livros era cada vez mais frequentado. De todos os cursos ministrados na Escola era o de Guarda-livros o que maior frequência demonstrava, conforme se pode verificar no terceiro capítulo deste trabalho, através da representação gráfica sobre a “Frequência de Cursos/Disciplinas [Isoladas/Singulares] de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910/1911 a 1963/1964”. O crescimento do curso de Guarda-

²⁶⁸ Ibidem.

²⁶⁹ Ibidem.

²⁷⁰ DÓRIA, António Álvaro – Prof. Raul Dória. “Tripeiro”, VI série, Ano XII, nº 9, Setembro de 1972, p. 274.

²⁷¹ Ibidem.

livros, muito se deveu à publicidade que Raul Dória mandou fazer no Continente, nas Ilhas, no Ultramar e no Brasil. Segundo a descrição dos *Anuários* o curso de Guarda-livros destinava-se ao preenchimento de lugares de categoria das casas comerciais, com especialidade aos Guarda-livros e chefes de contabilidade.

Distribuído em três anos, as disciplinas passaram a ser em maior número, como era obviamente de esperar com o aperfeiçoamento da técnica pedagógica. Segundo Álvaro Dória, nos três anos do curso de Guarda-livros, as disciplinas de Línguas, Aritmética e Escrituração ocupavam um número razoável de tempos lectivos, “única forma de o aluno adquirir sólidos conhecimentos e, assim, impor-se pela cultura especializada.”²⁷² No ano lectivo de 1912/1913, faziam parte do curso de Guarda-livros sete disciplinas no primeiro ano, seis no segundo, menos uma que no primeiro ano e, no terceiro ano o mesmo número de disciplinas que no primeiro.

QUADRO 5

Currículo do curso de Guarda-livros – Ano Lectivo 1912/1913		
1º Ano	2º Ano	3º Ano
Comércio (teoria e prática)	Escrituração Comercial	Escrituração das Especialidades
Aritmética e Geometria plana	Contabilidade e Geometria no espaço	Cálculo Comercial e Financeiro, Álgebra e Trigonometria
Geografia Geral e Comercial	Direito Comercial	Direito Fiscal e Aduaneiro
Língua Português	Língua Francês	Economia Política e Social
Língua Francês	Língua Inglesa	História Geral e Comercial
Caligrafia	Estenografia	Língua Inglesa
Dactilografia		Higiene

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Livraria. Publicações – 1909/1952. *Anuários da Escola Raul Dória. Anos lectivos de 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918 e 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória.

No ano lectivo de 1915/1916 aperfeiçoou-se o curso de Guarda-livros, o que continuava a atrair um número cada vez maior de alunos, com a introdução de novas disciplinas no seu currículo, embora se mantivesse os três anos. O curso passou a ter o mesmo número de disciplinas, sete, em cada ano, no entanto, verificaram-se algumas alterações em relação ao ano lectivo de 1912/1913, a saber: no primeiro ano do curso deixou-se de leccionar a Dactilografia e passou-se a leccionar a Estenografia; no segundo ano deixou-se de leccionar a Escrituração Comercial e passou-se a leccionar Comércio (teoria e prática), Dactilografia e Higiene e no terceiro ano deixou-se de leccionar-se a Higiene e passou-se a leccionar Mercologia. Nos anos lectivos de 1917/1918 e 1918/1919, poucas foram as alterações, verifi-

²⁷² D Ó R I A, António Álvaro – *O Prof. Raul Dória e a sua Escola*. Porto: Janeiro de 1968, p. 16

cou-se apenas uma troca de disciplinas entre os anos, uma nova designação de uma disciplina no segundo ano (as disciplinas de Comércio e a de Escrituração Comercial, fundiram-se numa única, passando a designar-se Comércio e Escrituração Comercial) e a introdução no ano lectivo de 1918/1919 da disciplina de Ciências Físico Naturais, no segundo ano.

No ano lectivo de 1927/1928, o curso de Guarda-livros aparece-nos distribuído em cinco anos lectivos, mais dois que anteriormente. Faziam parte do curso, cinco disciplinas no primeiro ano, seis no segundo, as mesmas do primeiro mais o Inglês; oito no terceiro e quinto ano e sete no quarto.

QUADRO 6

Currículo do curso de Guarda-livros – Ano Lectivo de 1927/1928				
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
Comércio	Comércio	Comércio (teoria e prática)	Comércio e Escrituração Comercial	Comércio e Escrituração das Especialidades
Aritmética	Aritmética	Aritmética e Geometria plana	Contabilidade, Álgebra e Geometria no espaço	Cálculo Comercial e Financeiro, Álgebra e Trigonometria
Português	Português	Língua Portuguesa e Correspondência	Língua Francesa	Língua Inglesa
Francês	Francês	Língua Francesa	Língua Inglesa	História Geral e Comercial
Caligrafia	Caligrafia	Língua Inglesa	Direito Fiscal Aduaneiro,	Direito Comercial
	Inglês	Geometria Geral e Comercial,	Ciências Físico Naturais	Economia Política e Social
		Caligrafia	Dactilografia	Merceologia
		Estenografia		Higiene Geral e Colonial

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Livraria. Publicações – 1909/1952. *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1927/1928*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória.

Outro dos cursos leccionados na Escola foi o curso Preparatório. Segundo Álvaro Dória, o curso Preparatório surgiu com o “fim principal de habilitar os alunos que pela sua falta de preparação [apenas tivessem como habilitação a instrução primária elementar ou qualquer outra habilitação insuficiente] não possam matricular-se logo”²⁷³, nos primeiros anos dos cursos mais desenvolvidos e leccionados na Escola.

O curso Preparatório era publicitado, como eram todos os outros cursos da Escola, nos seus *Anuários*, facto que não aconteceu no *Anuário* do ano lectivo de 1927/1928, pois o mesmo deixa de ser anunciado, sendo o seu currículo composto por cinco disciplinas e leccionado apenas num ano.

²⁷³ Ibidem.

QUADRO 7

Currículo do curso Preparatório
Português
Francês
Comércio
Aritmética
Caligrafia

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*; Livraria. Publicações – 1909/1952. *Anuários da Escola Raul Dória. Anos lectivos de 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918 e 1918/1919.* Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória.

O curso de Empregado de Escritório habilitava alunos que, não podendo frequentar a Escola durante o tempo necessário para a conclusão da sua instrução comercial, iam para o comércio como simples empregados menores, mas também para lugares de ajudante de despachantes oficiais das alfândegas. No ano lectivo de 1912/1913 o curso estava organizado em seis disciplinas e no ano lectivo de 1915/1916, em cinco, menos uma que no ano lectivo de 1912/1913.

Nos anos lectivos de 1917/1918 e 1918/1919, a designação do curso sofreu alteração, passa a denominar-se de curso Elementar/Empregado de Comércio ou Escritório, sendo a sua organização comum aos dois anos lectivos referidos, com sete disciplinas, conforme se pode observar através do seguinte quadro.

QUADRO 8

Currículo do curso de Empregado de Escritório		
Ano Lectivo 1912/1913	Ano Lectivo 1915/1916	Ano Lectivo 1917/1918 e 1918/1919
Comércio	Escrituração Comercial	Escrituração Comercial
Aritmética e Geometria plana	Aritmética Comercial	Aritmética Comercial
Português	Caligrafia	Português
Francês	Dactilografia	Francês
Caligrafia	Estenografia	Caligrafia
Dactilografia		Dactilografia
		Estenografia

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*; Livraria. Publicações – 1909/1952. *Anuários da Escola Raul Dória. Anos lectivos de 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918 e 1918/1919.* Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória.

No ano lectivo de 1927/1928, o curso Elementar/Empregado de Comércio ou Escritório, sofreu novamente alterações na sua designação, passando a denominar-se de curso Elementar. Era leccionado em três anos, mais dois que nos anos lectivos anteriormente referidos e do currículo no primeiro ano, faziam parte cinco disciplinas, do segundo ano, seis, mais uma que no primeiro ano, e no terceiro ano, sete, mais duas que no primeiro ano.

QUADRO 9

Currículo do curso Elementar - Ano Lectivo 1927/1928		
1º Ano	2º Ano	3º Ano
Comércio	Comércio	Comércio
Aritmética	Contabilidade	Escrituração Comercial
Português	Português	Aritmética Comercial
Francês	Inglês	Português
Caligrafia	Caligrafia	Inglês
	Estenografia	Estenografia
		Dactilografia

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Livraria. Publicações – 1909/1952. *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1927/1928*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória.

Outro curso leccionado na Escola, foi o curso Complementar. Segundo a descrição dos *Anuários* dos anos lectivos de 1912/1913 e 1915/1916, destinava-se a alunos que desejassem adquirir conhecimentos gerais e comerciais, com a finalidade de irem trabalhar para as colónias portuguesas ou para o Brasil. A organização do curso era comum aos dois anos lectivos referidos, sendo o mesmo leccionado, com seis disciplinas em cada um deles.

QUADRO 10

Currículo do curso Complementar – Anos Lectivos 1912/1913 e 1915/1916	
1º Ano	2º Ano
Comércio	Escrituração Comercial
Aritmética e Geometria plana	Contabilidade e Geometria no espaço
Português	Francês
Francês	Inglês
Inglês	Dactilografia
Caligrafia	Estenografia

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Livraria. Publicações – 1909/1952. *Anuários da Escola Raul Dória. Anos lectivos de 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918 e 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória.

Nos anos lectivos de 1917/1918 e 1918/1919 ocorrem alterações na organização do curso Complementar. No primeiro ano continuou-se a leccionar as disciplinas referidas, mais a disciplina de Geografia Geral e Comercial, num total de sete e, no segundo ano para além das seis disciplinas referidas, passou-se a leccionar Higiene e Comércio e Escrituração Comercial, sendo esta última uma fusão das disciplinas de Comércio e Escrituração Comercial.

Através do *Anuário* do ano lectivo de 1927/1928, constatou-se que o curso sofreu alterações na sua organização, passou a ser leccionado em cinco anos lectivos, mais três que

anteriormente. Do primeiro ano faziam parte cinco disciplinas, do segundo ano, seis, do terceiro e quarto anos, sete disciplinas, conforme se evidencia através do seguinte quadro.

QUADRO 11

Currículo do curso Complementar - Ano Lectivo 1927/1928			
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Comércio	Comércio	Comércio (Teoria e Prática)	Comércio e Escrituração Comercial
Aritmética	Contabilidade	Aritmética e Geometria plana	Contabilidade e Geometria no espaço
Português	Português	Língua Portuguesa e Correspondência	Língua Francesa
Francês	Inglês	Língua Francesa	Língua Inglesa
Caligrafia	Caligrafia	Língua Inglesa	Higiene
	Estenografia	Geografia Geral e Comercial	Estenografia
		Caligrafia	Dactilografia

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Livraria. Publicações – 1909/1952. *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1927/1928*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória.

Segundo a descrição dos *Anuários* o curso de Caixeiro-viajante destinava-se a empregados de praça e caixeiros de amostra, que pelo trabalho especial que desempenhavam precisavam de obter conhecimentos de Línguas e de mercadorias que transaccionavam. O curso estava organizado em três anos lectivos, com cinco disciplinas nos anos lectivos de 1912/1913 e 1915/1916 e sete nos anos lectivos de 1917/1918 e 1918/1919.

QUADRO 12

Currículo do curso de Caixeiro-viajante – Anos Lectivos 1912/1913 e 1915/1916		
1º Ano	2º Ano	3º Ano
Comércio	Escrituração Comercial	Química
Aritmética e Geometria plana	Geografia Geral e Comercial	Língua Inglesa
Física	Ciências Naturais	Língua Alemã
Língua Português	Língua Francês	Esperanto
Língua Francês	Língua Inglesa	Matérias-primas

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Livraria. Publicações – 1909/1952. *Anuários da Escola Raul Dória. Anos lectivos de 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918 e 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória.

No ano lectivo de 1927/1928 o curso de Caixeiro-viajante sofreu alterações na sua organização. Passou a ser leccionado em cinco anos lectivos, com cinco disciplinas no primeiro e segundo anos, sete no terceiro e quarto anos e seis no quinto ano, constatando-se no entanto, aquando do levantamento das fontes, nomeadamente nos *Boletins de Inscrição/Assentos de Matrícula*, a inexistência de qualquer inscrição/matrícula.

O curso Secundário de Comércio, como era inicialmente designado, tinha como finalidade, segundo os *Anuários*, preparar indivíduos que se destinassem ao alto comércio e finanças, quer como empregados superiores quer como chefes de casas ou empresas comerciais. Anunciado no *Anuário* de 1912/1913, sofreu alterações na sua designação nos *Anuários* de 1915/1916, 1917/1918 e 1918/1919, para curso Superior de Comércio. Estava organizado em quatro anos lectivos, com seis disciplinas nos três primeiros e sete no último ano. Com a nova designação, a pessoa responsável da Escola que efectuava as matrículas dos alunos, passou a referi-lo nos *Boletins de Inscrição/Assentos de Matrícula* com a denominação de curso Secundário/Superior de Comércio, sendo que o mesmo, deixa de ser publicitado no *Anuário* do ano lectivo de 1927/1928.

QUADRO 13

Currículo do curso Secundário/Superior de Comércio Anos Lectivos 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918 e 1918/1919			
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Comércio	Escrituração	Escrituração das Especialidades	Economia Política
Aritmética e Geometria plana	Contabilidade e Geometria no espaço	Cálculo Comercial e Financeiro, Álgebra e Trigonometria	História Geral e Comercial
Língua Portuguesa	Direito Comercial	Geografia Geral e Comercial	Ciências Físicas (Química)
Língua Francês	Língua Francês	Direito Fiscal e Aduaneiro	Língua Alemã
Caligrafia	Língua Inglesa	Ciências Físicas (Física e Ciências Naturais)	Esperanto
Dactilografia	Estenografia	Língua Inglesa	Matérias-primas
			Desenho

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Livraria. Publicações – 1909/1952. *Anuários da Escola Raul Dória. Anos lectivos de 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918 e 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória.

Com o objectivo de dotar a Escola de novos cursos, Raul Dória criou o curso Colonial, destinado a alunos que pretendessem desenvolver a sua actividade como Guarda-livros nas ex-colónias portuguesas. O curso Colonial apareceu-nos referido pela primeira vez no *Anuário* do ano lectivo de 1917/1918 e posteriormente no ano lectivo de 1918/1919. Estava organizado em três anos lectivos, cada um deles com sete disciplinas, com matérias do curso de Guarda-livros e de várias outras disciplinas, como: Comércio Colonial, Geografia Colonial, Higiene Colonial e Colonização, conforme se pode verificar através do seguinte quadro.

QUADRO 14

Currículo do curso Colonial – Anos Lectivos 1917/1918 e 1918/1919		
1º Ano	2º Ano	3º Ano
Comércio	Comércio Colonial	Cálculo Comercial e Financeiro
Aritmética e Geometria plana	Contabilidade e Geometria plana no espaço	Direito Fiscal e Aduaneiro
Geografia Geral e Comercial	Geografia Colonial	Economia Política
Língua Português	Língua Francês	Ciências Físico-Naturais
Língua Francês	Língua Inglesa	Língua Inglesa
Língua Inglesa	Dactilografia	Merceologia
Caligrafia	Higiene Colonial	Colonização

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Livraria. Publicações – 1909/1952. *Anuários da Escola Raul Dória. Anos lectivos de 1917/1918 e 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória.

No ano lectivo de 1927/1928 o curso apareceu-nos com alterações na sua estrutura. Passa a ser leccionado em cinco anos lectivos, com o seguinte número de disciplinas por ano: cinco no primeiro, seis no segundo e sete no terceiro, quarto e quinto anos. À semelhança do que dissemos para o curso de Caixeiro-viajante, também no curso Colonial não se encontrou nos *Boletins de Inscrição/Assentos de Matrícula*, qualquer inscrição/matrícula.

Sobre o curso Colonial, Álvaro Dória disse que seu pai sofreu a segunda contrariedade com o seu fracasso. A situação política interna do país, nomeadamente “com o Sidonismo, com a Monarquia do Norte e com a Primeira Guerra Mundial, impediram que o Curso Colonial se inaugurasse. E quando a política interna permitiu condições favoráveis à sua instalação, Raul Dória, seu criador, já tinha falecido,”²⁷⁴ e segundo Álvaro Dória nunca mais se voltou a falar no curso.

Metodologias de ensino adoptadas

Raul Dória descreve no seu programa escolar do ano lectivo 1918/1919, que o método de ensino inaugurado na sua Escola, no Porto, tinha como objectivo “tomar o menor tempo possível para formar empregados, homens ou senhoras, de todas as classes e idades, para todos os lugares, tanto no comércio como na indústria.”²⁷⁵ Raul Dória refere que os alunos

²⁷⁴ DÓRIA, António Álvaro – *Prof. Raul Dória*. “Tripeiro”, VI série, Ano XII, nº 9, Setembro de 1972, p. 274.

²⁷⁵ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1919, p. 74.

ocupavam diversos cargos, segundo o ano escolar que frequentavam, “nas casas comerciais os alunos dos terceiros anos, considerados para todos os efeitos seus proprietários, dirigiam-nas e administravam-nas, fazendo toda a escrituração e toda a correspondência que com ela se relacionava. Tinham como empregados os alunos dos primeiros anos, que aprendiam a escriturar os livros principais e auxiliares e a preencher os documentos mais vulgares. Os alunos dos segundos anos, trabalhavam nas escrivadinhas, onde efectuavam diversas transacções comerciais. Todos os alunos desempenhavam os seus cargos, assumiam as suas responsabilidades e deveres, transaccionavam e promoviam a prosperidade das *suas casas comerciais* que funcionavam nos pavilhões da Escola, sendo evidente a sua satisfação [através dos seus] rostos.”²⁷⁶

Segundo noticia o jornal *O Norte* a 7 de Janeiro de 1905, “o método adoptado na explicação das disciplinas que faziam parte do curso comercial, a facilidade e brevidade com que os alunos adquiriam os conhecimentos indispensáveis para quem se destinava ao comércio e a competência do pessoal docente, explicam a numerosa afluência”²⁷⁷ ao curso referido.²⁷⁸ Também o jornal *O Diário Nacional* de 10 de Outubro de 1907, notícia que “não havia outro [método] mais aperfeiçoado: o aluno saía dali perfeitamente habilitado a desempenhar qualquer função comercial e industrial, ainda que as mais difíceis e complexas. E a demonstrar a excelência do ensino ministrado estava o êxito obtido pelos seus alunos tanto em casas comerciais portuguesas, como estrangeiras.”²⁷⁹

Também o ensino das Línguas leccionado na Escola foi notícia na imprensa jornalística. O jornal *A Voz Pública* de 4 de Janeiro de 1905, refere que o ensino das Línguas “assentava na união da teoria com a prática, pois ambas as coisas eram indispensáveis [...]”²⁸⁰ Segundo os *Anuários* da Escola dos anos lectivos de 1918/1919 e 1927/1928, a forma como devia ministrar-se o ensino prático das Línguas, foi uma questão muito debatida, “uns sustentavam que a prática devia vir depois da teoria, outros afirmam que a teoria devia ser estudada depois da prática, baseando-se em que aprendemos a falar antes de qualquer estudo. Os alunos começavam por aprender a ler e habituar o ouvido à pronúncia estrangeira, fixando

²⁷⁶ Ibidem.

²⁷⁷ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 4-5. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Norte" de 7 de Janeiro de 1905.]

²⁷⁸ Ibidem.

²⁷⁹ Idem, p. 31-32. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Diário Nacional" de 10 de Outubro de 1907.]

²⁸⁰ Idem, p. 3-4. [Transcrição do artigo publicado no jornal "A Voz Pública" de 4 de Janeiro de 1905.]

os nomes das coisas. Estudavam em seguida gramática e [começavam] com exercícios de tradução e redação. Só depois é que ficavam exclusivamente na conversação com professores estrangeiros, fazendo os exames finais na própria língua em que são examinados.”²⁸¹

António Nóvoa, no *Dicionário de Educadores Portugueses*, citando Álvaro Dória, refere que as “gerações de jovens que [passaram pela Escola, eram] de tal modo [...] preparadas que ao deixarem os seus bancos [...] para os substituírem pelas cadeiras dos escritórios, para onde [iam] trabalhar logo após a conclusão dos seus cursos, [não sentiam a] mais pequena diferença entre os trabalhos escolares, práticos mas fictícios, e as suas novas ocupações [...]”.²⁸²

²⁸¹ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1919, p. 83 e *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano lectivo de 1927/1928*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1928, p. 79-80.

²⁸² NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003, p. 504-506.

CAPÍTULO 4

A FUNÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL DA

ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA (1910-1964)

A FUNÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL DA ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA (1910-1964)

A preocupação do ensino comercial não deve ser formar comerciantes, mas sim espíritos orientados em todos os assuntos relativos ao comércio, perfeitamente capazes de tirar partido dos conhecimentos adquiridos, no dia em que deles tiverem necessidade, no exercício da sua profissão.

E. Léautey.²⁸³

A Escola Prática Comercial Raul Dória desempenhou junto dos seus alunos, pais, encarregados de educação, tutores e sociedade em geral, uma função a nível educativa e social, através da sua prática lectiva, das suas publicações informativas e de divulgação, apoiando alunos carenciados com a isenção do pagamento da mensalidade, abrindo as suas instalações sobretudo na comemoração dos seus aniversários à população, mas também através da cobertura mediática que dava com as visitas que acorriam à Escola, sobretudo por membros do Estado.

Na nota introdutória do *Anuário* do ano lectivo de 1915/1916, citando E. Léautey, refere-se que o ensino comercial não devia formar comerciantes mas sim, homens e mulheres capazes de desempenhar as suas funções nos mais variados sectores da actividade comercial, quando a sua actividade laboral assim o exigisse. Desta ideia partilhava também o Director da Escola, Raul Dória, referindo numa entrevista ao jornal *O Mun-*

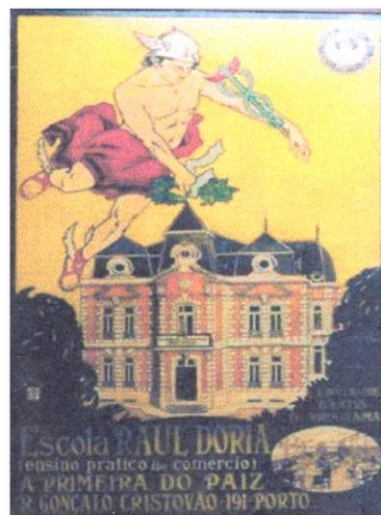


Fig. 24: Cartaz publicitário da Escola Prática Comercial Raul Dória, exposto no restaurante “Casa das Artes”, na freguesia de Real, na cidade de Braga.

²⁸³ *Anuário da Escola Raul Dória - Ano Lectivo de 1915/1916*. Porto: Tipografia da Escola Raul Dória, Outubro de 1916, p. 3.

do, de Lisboa, a 10 de Novembro de 1912, que “Os povos só podem desenvolver-se pelo comércio, pois que do comércio tiram os seus rendimentos [...]. A profissão comercial é muito mais complexa do que se julga e o comércio constitui uma engrenagem muito complicada para trabalhar, exigindo vastos e fundos conhecimentos, pois que, desde o laboratório de análise de mercadorias ao direito comercial e fiscal aduaneiro, da escrituração comercial à economia política, às matemáticas e línguas estrangeiras, de tudo o negociante tem de lançar mão, se quiser que resulte proveitoso o produto do seu trabalho e que o juro do seu capital lhes fique nas mãos integralmente.”²⁸⁴

Número de alunos Inscritos/Matriculados

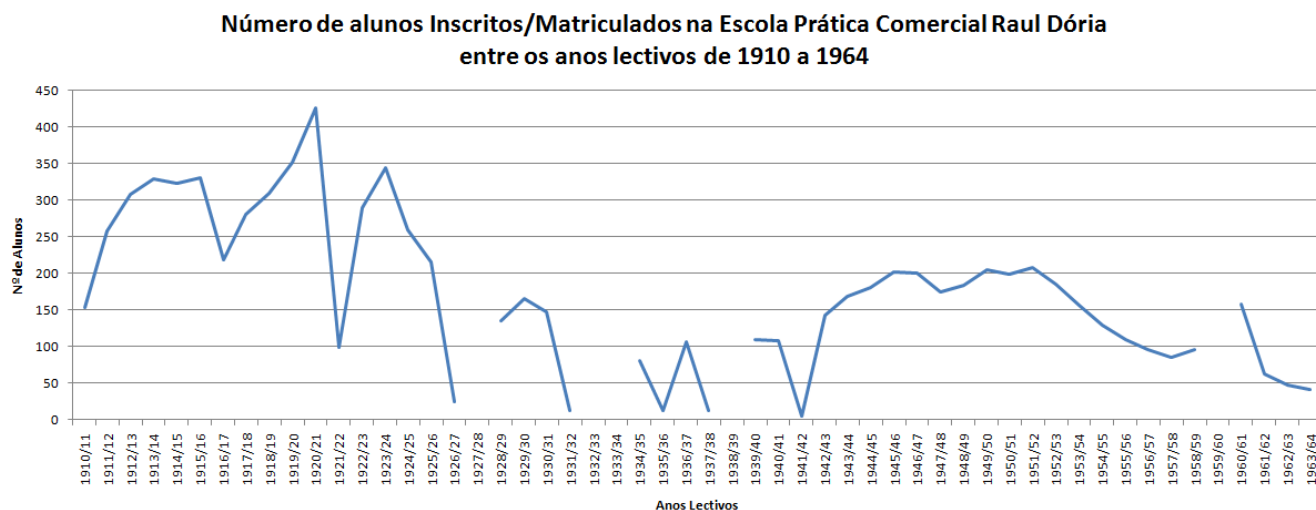
Apesar da Escola se encontrar a funcionar desde 30 de Novembro 1902, ano da sua fundação, na rua do Bonjardim, não foi possível apresentar, como se pretendia, informação que conste dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula* desde essa data até ao ano lectivo de 1909/1910. Assim, através do *Número de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivo de 1910 a 1964*, pretendemos dar uma visão geral do número de alunos que frequentaram a Escola no período aqui compreendido. A frequência inicial da Escola Prática Comercial foi grande, devido à sua elevada / variada oferta educativa, mas também devido ao afamado nome de que gozava, não só em Portugal, mas também em África e no Brasil, conforme noticia o jornal *O Tempo*, de Manaus, de 20 de Abril de 1916 “Felizmente para a «Escola Raul Dória» existem em Manáos alguns dos seus antigos alunos mais distintos. [...] Ha poucas escolas na península que se possam equiparar ao sistema de ensino da «Escola Raul Dória», do Porto. Talvês [...], seja a única que possui uma homogeneidade pedagógica. [...] não ha no país colégio tão bem organizado. Ha, [...] outros mais ou menos destinados ao ensino prático comercial; mas tão completo [...] não. A «Escola Raul Dória» tem espalhado alunos seus pelo país inteiro, pela África e pelo Brasil. [...] é fácil distinguir o valor dos seus diplomas. Eles saem de lá com um «cachet» especial. [...] Não necessitam de se apoiar em terceiros para que demonstrem que sabem exercer o seu mistér. [Por parte dos Directores] tem havido [...] o escrupuloso cuidado na

²⁸⁴ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1912/1913*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1913, p. 133.

organização do corpo docente. O seu quadro de professores inspira confiança aos mais incrédulos. [...] Daí, a natural boa fama de que o colégio gosa.”²⁸⁵

O Gráfico III, não só representa em cada ano lectivo a inscrição de novos alunos, mas também a reinscrição de alunos já inscritos em anos lectivos anteriores, conforme foi possível constatar através dos dados constantes dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula*. De uma análise efectuada ao Gráfico III, podemos dizer que muitos foram os alunos que *adoptavam* a Escola Prática Comercial para receber a sua formação, destacando-se quatro momentos: do ano lectivo de 1910/1911 ao de 1925/1926; do ano lectivo de 1926/1927 ao de 1941/1942; do ano lectivo de 1942/1943 ao de 1958/1959 e do ano lectivo de 1959/1960 ao de 1963/1964. Saliente-se que para os anos lectivos de 1927/1928, 1932/1933, 1933/1934, 1938/1939 e 1959/1960, num total de cinco anos lectivos, não foi possível apresentar qualquer informação, pela ausência dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula* no Arquivo Distrital do Porto, ou por não haver efectivamente nenhuma inscrição/matrícula, ou pelo desaparecimento da documentação.

GRÁFICO 3



Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Secretaria/Serviços Administrativos. *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1910-1964.

No primeiro momento podemos referir que durante toda a Primeira República (1910/1926) a Escola passou por uma fase bastante próspera com uma afluência muito ele-

²⁸⁵ *Anuário da Escola Raul Dória - Ano Lectivo de 1915/1916*. Porto: Tipografia da Escola Raul Dória, Outubro de 1916, p. 112 e 113.

vada no número de alunos. No entanto, ocorreram duas descidas significativas no número de alunos - anos lectivos de 1916/1917 e 1921/1922. A primeira descida do número de alunos a frequentar a Escola é explicada no seu *Anuário* do ano lectivo de 1917/1918 devido aos efeitos da Primeira Guerra Mundial, “que retraiu a despesa de muitas famílias e impediu o grande contingente de alunos brasileiros”,²⁸⁶ de frequentar a Escola. Já a quebra do número de alunos verificada no ano lectivo 1921/1922, poderá estar associada a uma possível ausência da vida escolar do professor Raul Dória, devido à sua fragilidade em termos de saúde, tendo vindo a falecer a 15 de Setembro de 1922.

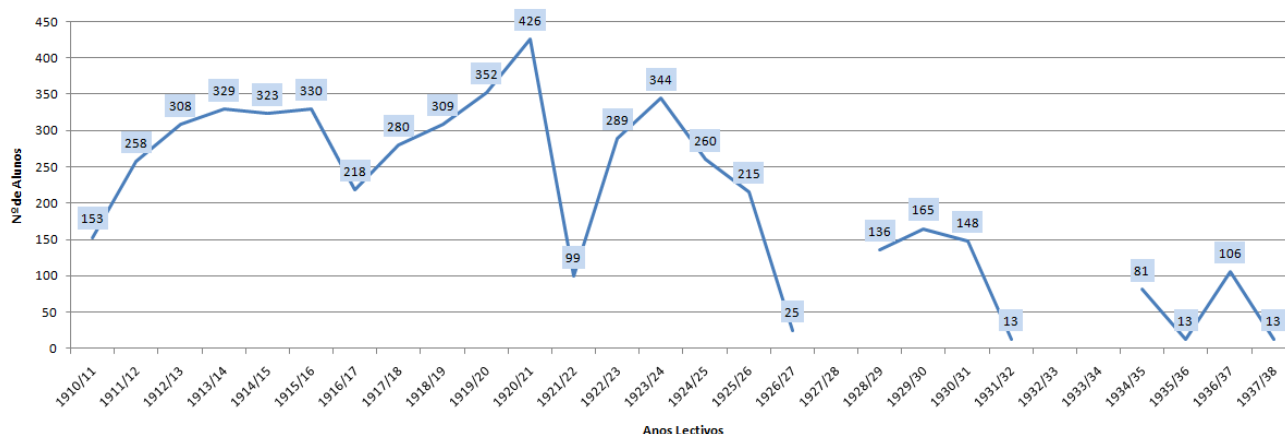
A constante subida e descida do número de alunos, no segundo momento, coincide com o início dos novos regimes políticos em Portugal: primeiro a Ditadura Militar (1926/1932) e depois pelo início do Estado Novo (1933). Depois de um segundo momento um pouco instável, o terceiro momento revela alguma estabilidade com um número de alunos acima dos 180, 190 e até 200 ou mais. Este crescimento do número de alunos a frequentar a Escola durante este período poderá ser explicado, não só pela necessidade de gente qualificada para o mercado português, mas também pela ida de muitos alunos qualificados para o Brasil e para as nossas ex-colónias, sobretudo para Angola e Moçambique, conforme nos noticia a imprensa. No entanto, durante este período muitos foram os alunos de outros países, nomeadamente brasileiros e não só, que frequentaram a Escola Prática Comercial, para aí adquirir conhecimentos no ramo comercial. Esta informação é-nos dada através de elementos constantes das *Fichas de Inscrição/Assentos de Matrícula*, como o nome do aluno, a sua naturalidade e a sua filiação (nomes característicos de outras nacionalidades). O quarto e último momento, composto por apenas cinco anos lectivos, foi um período em que o número de alunos desceu quase sempre de ano para ano, com excepção do ano lectivo de 1960/1961. Este é um período que vai levar ao encerramento da Escola no final do ano lectivo de 1963/1964. Os motivos do encerramento deste estabelecimento de ensino comercial, certamente se devem a um conjunto de factores: falecimento de José Campos Vaz em 1963, ausência de um líder capaz de a dinamizar, falta de novas ofertas educativas por parte da Escola, novas exigências do mercado de trabalho que a Escola não teve capacidade de acompanhar, ou ainda pela atractividade/proximidade de outras escolas nomeadamente a Escola Comercial Oliveira Martins.

²⁸⁶ *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória*. Ano lectivo de 1917/1918. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1918, p. 2.

Analisando agora os números de alunos inscritos/matriculados, entre os anos lectivos de 1910/1911 e 1963/1964, podemos dizer que durante dezoito anos lectivos inscreveram-se/matricularam-se na Escola duzentos ou mais alunos. Abaixo das duzentas inscrições/matriculas verificamos trinta e um anos lectivos, constatando-se um número bastante reduzido de inscrições nos anos lectivos de 1926/1927, 1931/1932, 1935/1936, 1937/1938 e 1841/1942 conforme se evidencia através dos Gráficos IV e V.

GRÁFICO 4

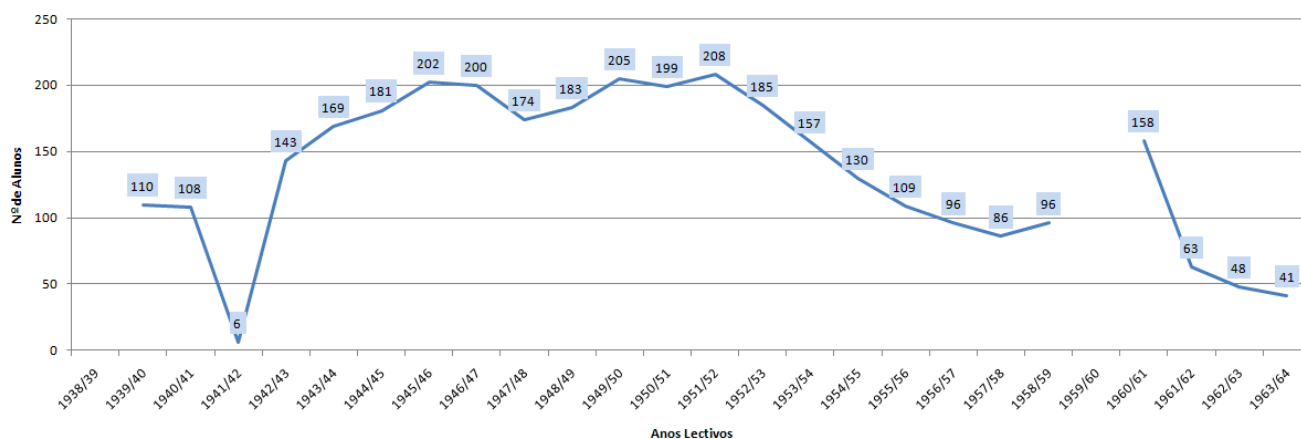
Número de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910 e 1938



Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Secretaria/Serviços Administrativos. *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1910-1938.

GRÁFICO 5

Número de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1938 e 1964



Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Secretaria/Serviços Administrativos. *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1938-1964.

Durante os 54 anos lectivos representados nos Gráficos IV e V anteriormente apresentados, a Escola teve um total de 8450 inscrições/matriculas, uma média de 156.4 por ano lectivo, sendo o ano lectivo com mais inscrições/matriculas, 1920/1921, com quatrocentos e vinte e seis e o ano lectivo com menos inscrições/matriculas, 1941/1942, com seis.

Frequência de Cursos/Disciplinas [Isoladas/Singulares] e Instrução Primária

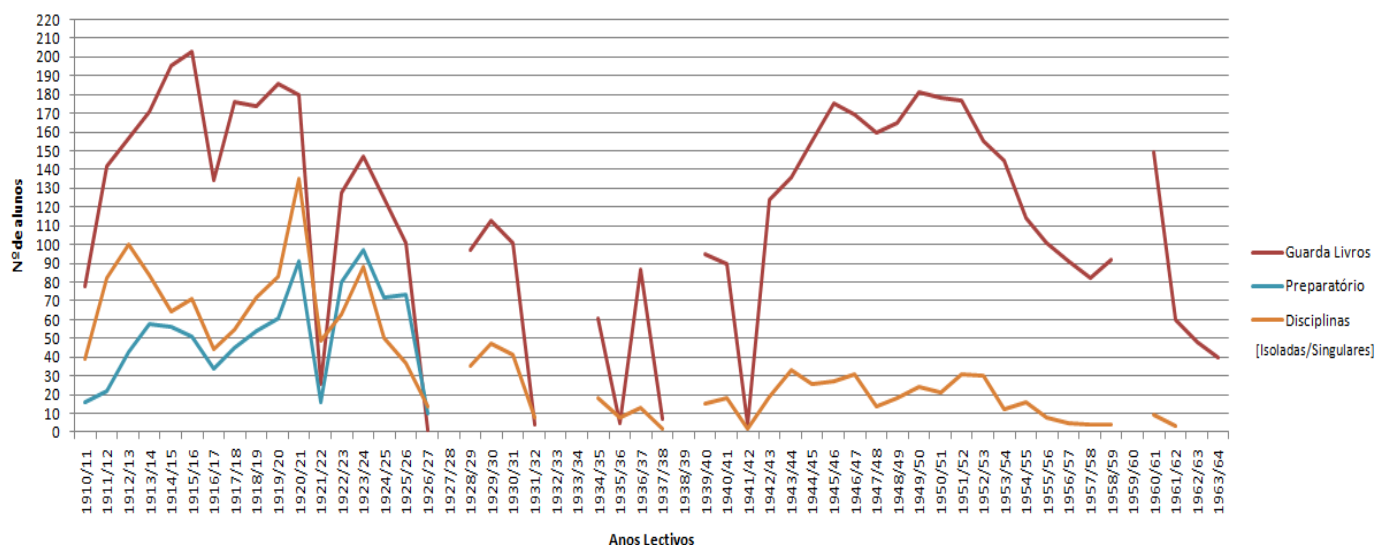
A Escola Prática Comercial Raul Dória foi um estabelecimento de ensino destinado a preparar empregados de comércio, guarda-livros e comerciantes, leccionando cursos adequados e organizados em diversas disciplinas.

No Gráfico com a *Frequência de Cursos/Disciplinas [Isoladas/Singulares] de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910/1911 a 1963/1964*, pretendemos dar uma visão geral da frequência do número de inscrições/matriculas nos cursos de Guarda-livros e Preparatório, mas também em Disciplinas [Isoladas/Singulares]. Refira-se que aquando do levantamento das fontes, foi possível verificar que muitos foram os alunos que em vez de frequentar a estrutura curricular de um curso, inscreviam-se em várias disciplinas [Isoladas/Singulares].

De uma análise efectuada ao Gráfico VI verifica-se que a maior frequência do número de alunos que se inscreveram/matricularam foi no curso de Guarda-livros, seguindo-se em Disciplinas [Isoladas/Singulares] e em terceiro lugar no curso Preparatório. Em termos de durabilidade temporal, podemos dizer que a frequência do curso Preparatório, ocorreu entre os anos lectivos de 1910/1911 e 1926/1927, deixando de haver qualquer referência à sua frequência após este último ano lectivo. Já a frequência de Disciplinas [Isoladas/Singulares] e do curso de Guarda-livros, ocorreu entre os anos lectivos de 1910/1911 e 1963/1964, conforme se demonstra através do seguinte Gráfico.

GRÁFICO 6

Frequência de Cursos/Disciplinas [Isoladas/Singulares] de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910 a 1964

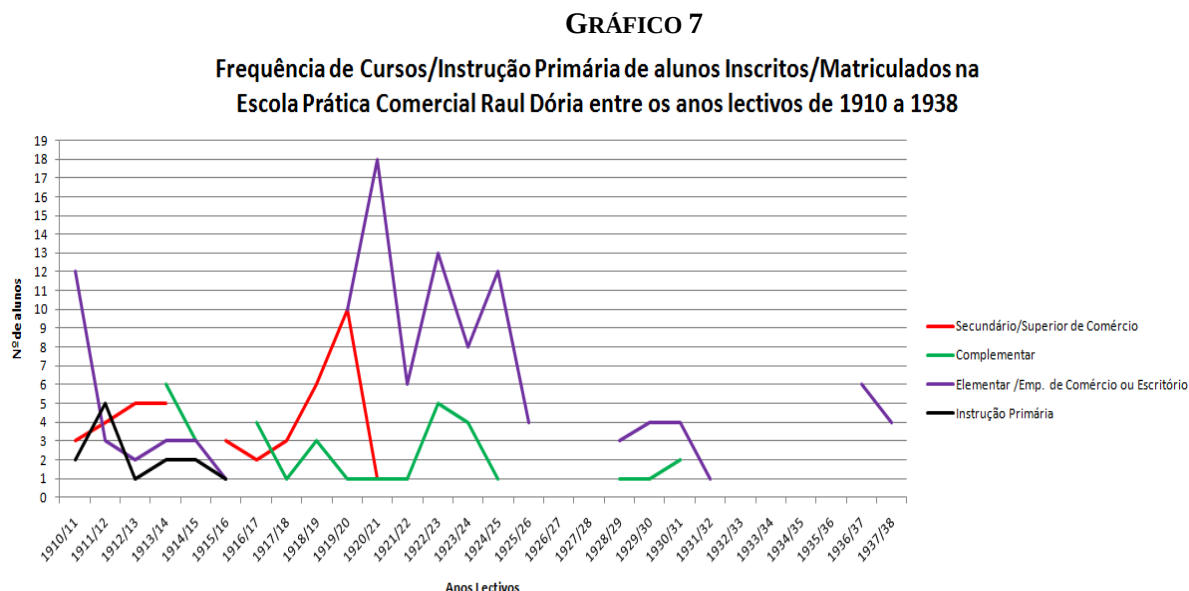


Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Secretaria/Serviços Administrativos. *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1910-1964.

No curso de Guarda-livros inscreveram-se/matricularam-se duzentos e três em 1915/1916, cento e noventa e cinco em 1914/1915 e cento e oitenta e seis em 1919/1920; no curso Preparatório, noventa e sete em 1923/1924, noventa e um em 1920/1921 e oitenta em 1922/1923 e nas Disciplinas [Isoladas/Singulares] cento e trinta e cinco em 1920/1921, cem em 1912/1913 e oitenta e oito em 1923/1924. Os anos lectivos com menos inscrições/matrículas foram: no curso de Guarda-livros, 1931/1932 e 1941/1942, com quatro em cada ano lectivo e em 1926/1927, com uma; no curso Preparatório, 1910/1911 e 1921/1922 com dezasseis em cada ano lectivo e em 1926/1927, com dez e nas Disciplinas [Isoladas/Singulares], 1937/1938 e 1941/1942, com duas em cada ano lectivo e 1963/1964, com uma.

O Gráfico VII representa a frequência do número de inscrições/matrículas mas agora dos cursos Elementar/Empregado de Comércio ou Escritório, Secundário/Superior de Comércio, Complementar e ainda da Instrução Primária entre os anos lectivos de 1910/1911 e 1937/1938. Refira-se que durante o levantamento das fontes foi possível constatar alunos a frequentar a Instrução Primária, embora num número muito reduzido e só até ao ano lectivo de 1919/1920. Em termos de durabilidade temporal, podemos dizer que a frequência da Instrução Primária foi aquela que menos tempo durou, ocorreu entre os anos lectivos de 1910/1911 e 1919/1920, deixando de haver qualquer alusão à frequência após este ano lectivo. Segue-se a frequência dos cursos Secundário/Superior de Comércio, entre os anos lecti-

vos de 1910/1911 e 1921/1922; Complementar, entre os anos lectivos de 1910/1911 e 1930/1931 e o curso Elementar/Empregado de Comércio ou Escritório entre os anos lectivos de 1910/1911 e 1937/1938, conforme se pode verificar pelo Gráfico seguinte.



Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Secretaria/Serviços Administrativos. *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1910-1938.

Os anos lectivos com mais inscrições/matriculas foram: no curso Elementar/Empregado de Comércio ou Escritório, 1920/1921, com dezoito, 1922/1923, com treze e 1910/1911 e 1924/1925, com doze em cada ano lectivo; no curso Secundário/Superior de Comércio, 1919/1920, com dez, 1918/1919, com seis e 1912/1913 e 1913/14, com cinco em cada ano lectivo; no curso Complementar, 1913/1914, com seis, 1922/1923, com cinco e 1916/1917 e 1923/1924, com quatro em cada ano lectivo e na Instrução Primária, 1911/1912, com cinco. Com menos inscrições/matriculas para o curso Elementar/Empregado de Comércio ou Escritório, temos 1912/1913 e 1934/1935, com duas em cada ano lectivo e 1915/1916 e 1931/1932, com uma em cada ano lectivo, respectivamente; no curso Secundário/Superior de Comércio, temos 1916/1917, com duas e 1920/1921 e 1921/1922, com uma em cada ano lectivo; no curso Complementar, temos 1930/1931, com duas e 1917/1918, 1919/1920, 1920/1921, 1921/1922, 1924/1925, 1928/1929 e 1929/1930, com uma em cada ano lectivo e na Instrução Primária temos 1912/1913, 1915/1916 e 1919/1920, com uma em cada ano lectivo. Todos os restantes dados numéricos sobre as inscrições/matriculas relativos a todos os cursos por anos lectivos representados nos Gráficos VI e VII, são apresentados em quadro intitulado *Frequência de Cursos/Disciplinas [Isola-*

das/Singulares] de alunos *Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910/1911 a 1963/1964*, que consta dos anexos.

Em síntese, podemos dizer que se inscreveram/matricularam na Escola Prática Comercial Raul Dória, 5685, no curso de Guarda-livros; 1673, nas Disciplinas [Isoladas/Singulares]; 879, no curso Preparatório; 119, no curso Elementar/Empregado de Comércio ou Escritório; 43, no curso Secundário/Superior de Comércio; 37, no curso Complementar e 14 na Instrução Primária. Numericamente e segundo os dados de que dispomos, o curso de Guarda-livros foi o mais frequentado, e o curso Complementar o menos frequentado.

Regime de frequência de alunos (Interno, Externo e Semi-interno)

O regime de frequência dos alunos da Escola Prática Comercial Raul Dória, entre os anos lectivos de 1910/1911 a 1963/1964 foi externo, interno e semi-interno. A maior parte dos alunos nacionais e internacionais que frequentaram a Escola foi em regime externo: ou porque residiam relativamente perto da Escola, ou porque tinham possibilidades financeiras de pagar alojamento e a respectiva alimentação, ou ainda porque passavam a residir em casas de familiares, como aconteceu inúmeras vezes, sobretudo alunos brasileiros, conforme se constatou através das moradas que eram facultadas e que constam dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula*. Quanto aos alunos distantes da sua residência familiar, quer nacionais mas sobretudo os estrangeiros, a Escola dispunha de um serviço interno onde os alunos podiam ficar alojados. Estes eram denominados de alunos internos, pois dormiam e comiam na Escola, para além de outro (s) serviço (s) que lhes “oferecia”, como a lavagem da roupa e assistência médica. No que diz respeito aos alunos semi-internos, assim como é designado nos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula*, não sabemos se usufruíam de alojamento ou de alimentação ou se dos dois serviços.

Sobre os alunos internos, refere o jornal *A Palavra* de 10 de Outubro de 1907, que o segundo andar das instalações da Escola na rua Gonçalo Cristóvão, estava



Fig. 25: Grupo de alunos internos.
Ano lectivo 1906/1907.

reservado ao seu dormitório. A frequência do número dos alunos internos inicialmente²⁸⁷ não tinha qualquer limitação, chegando mesmo a existir anos lectivos com cem ou mais alunos, facto que se alterou por motivos de logística e bem-estar, segundo referiu a direcção.

Em comunicado às famílias dos alunos, primeiro por circulares, e posteriormente publicado no *Anuário* do ano lectivo de 1918/1919, informou a direcção da Escola, que devido aos efeitos da guerra “a situação económica impossibilitava a consecução dos géneros necessários”²⁸⁸, teriam de limitar o número de alunos internos. Com esta limitação do número de alunos, a Escola aproveitou para efectuar algumas reformas nos dormitórios, para “ficarem mais amplos e confortáveis, mais luxuosos e higiénicos.”²⁸⁹ Esta reforma permitiu aos alunos internos “ter quartos bem mobilados, [...] tapete, lavatório, banhos higiénicos e luz eléctrica, mas também de roupa lavada, ponteada e engomada.”²⁹⁰ Dada a grande afluência na solicitação do serviço interno da Escola, o *Anuário* de 1918/1919, refere que, “amontoavam-se inúmeras cartas na mesa do Director, [a solicitar] lugar para internato dum filho ou tutelado”²⁹¹. Esta situação causava à Direcção “desgosto de não podermos ser agradáveis a quem se nos dirige com tanta gentileza”²⁹² a solicitar vaga para internato.

Reflectindo sobre a responsabilidade do seu *numeroso internato*, a Direcção deliberou pela sua experiência, reduzir a admissão de alunos internos, pois “os grandes internatos prejudicam a boa educação e influem desfavoravelmente na manutenção da ordem e disciplina, dificultando o trato familiar que desejamos manter com os nossos alunos.”²⁹³ Assim, para ano lectivo 1919/1920, a Direcção da Escola informou que admitia alunos internos, embora em número limitado, ou seja, trinta e quatro por ano lectivo. Este número foi ultrapassado, conforme se pode verificar através dos Gráficos IX e X, seguidamente representados. O

²⁸⁷ Este “inicialmente” refere-se a partir do ano lectivo de 1910/1911, data da qual nos foi possível obter dados numéricos quanto à inscrição/matricula de alunos internos. De salientar que, apesar de não dispormos de dados quanto aos alunos internos anteriormente ao ano lectivo de 1910/1911, podemos dizer que já no ano lectivo de 1906/1907 a Escola tinha alunos internos, como se pode comprovar através da presente fotografia, referindo *Grupo de alunos internos - Ano lectivo 1906/1907*.

²⁸⁸ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1919, p. 106.

²⁸⁹ *Ibidem*.

²⁹⁰ *Idem*, p. 107.

²⁹¹ *Idem*, p. 8.

²⁹² *Idem*, p. 8.

²⁹³ *Idem*, p. 106 e 107.

preenchimento das vagas para o internato era feito da seguinte forma e pela ordem indicada: os alunos que já fossem internos, os de fora do continente, os mais novos e os que se matriculassem até ao mês de Outubro. O ano escolar era composto por dez meses, ou seja, de 1 de Outubro a 31 de Julho, e os valores segundo o *Anuário* do ano lectivo de 1918/1919, relativos ao serviço interno, eram: a anuidade era de 440\$00, podendo ser paga em duas prestações de 222\$50, em Outubro e em Março, ou em três de 150\$00, em Outubro, Janeiro e Abril.²⁹⁴ Segundo o *Anuário* da Escola do ano lectivo de 1914/1915, os alunos matriculados em regime internos “não poderiam durante o ano lectivo em decurso, passar a externos, excepto no caso de força maior, por motivo de doença grave comprovada”.²⁹⁵

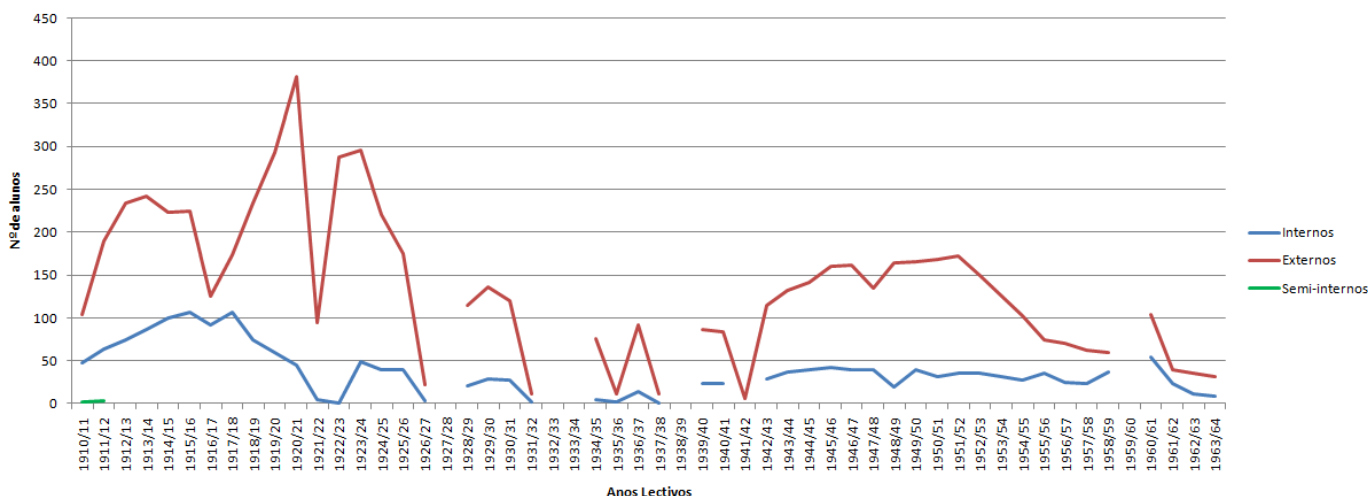
No Gráfico VIII, pretendemos dar uma visão geral do *Regime de frequência (Interno, Externo e Semi-interno) de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910/1911 a 1963/1964*. O *Regime de frequência* dos alunos inscritos/matriculados na Escola é claramente heterogéneo, sendo evidente uma superioridade do número de alunos externos, comparativamente com alunos internos ou semi-internos. Fazendo uma análise ao Gráfico podemos dizer que a Escola teve durante dez anos lectivos mais de duzentas inscrições/matriculas de alunos externos e abaixo das duzentas inscrições/matriculas teve trinta e nove anos lectivos. No que diz respeito aos alunos internos, a Escola teve mais de cinquenta inscrições/matriculas durante dez anos lectivos e abaixo das cinquenta inscrições/matriculas, trinta e oito anos lectivos. Quanto aos alunos semi-internos, estes estão distribuídos durante os anos lectivos de 1910/1911, 1911/1912 e 1917/1918, sendo que após esta última data não apareceu qualquer registo sobre os mesmos. Para os anos lectivos de 1927/1928, 1932/1933, 1933/1934, 1938/1939 e 1959/1960 não são apresentados dados quer para alunos externos e internos, mas também no ano lectivo de 1941/1942, para os alunos internos, conforme se evidencia através do seguinte Gráfico.

²⁹⁴ Idem, p. 107.

²⁹⁵ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1915/1916*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1916, p. 13.

GRÁFICO 8

Regime de frequência (Interno, Externo e Semi-interno) de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos de 1910 a 1964

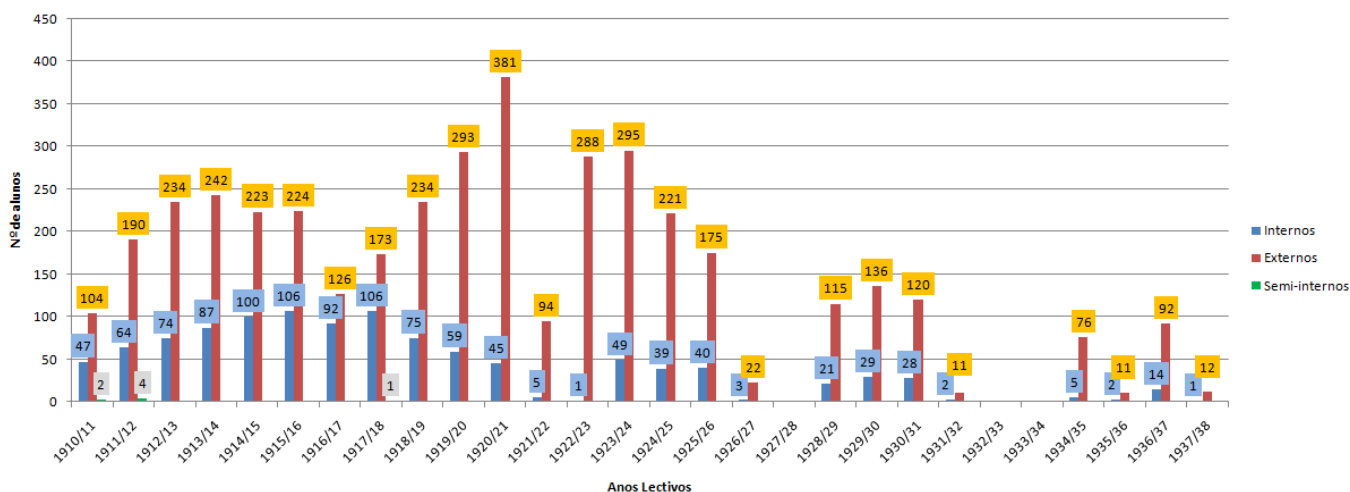


Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Secretaria/Serviços Administrativos. *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1910-1964.

Analisando agora alguns números de inscrições/matrículas de alunos externos, internos e semi-internos, entre os anos lectivos de 1910/1911 e 1963/1964, podemos dizer que: os três anos lectivos com mais inscrições/matrículas de alunos externos ocorreram em 1920/1921, com trezentos e oitenta e um, 1923/1924, com duzentos e noventa e cinco e em 1919/1920, com duzentos e noventa e três e os anos lectivos com menos inscrições/matrículas ocorreram em 1937/1938, com doze, 1931/1932 e 1935/1936, com onze em cada ano lectivo e 1941/1942, com seis. No que concerne ao número de alunos internos, os anos lectivos com mais inscrições/matrículas, ocorreram em 1915/1916 e 1917/1918, com cento e seis, 1914/1915, com cem e 1916/1917, com noventa e dois. Com menos inscrições/matrículas, ocorreram em 1926/1927, com três, 1931/1932 e 1935/1936, com dois e em 1921/1922 e 1937/1938, com uma em cada ano lectivo. Em relação aos alunos semi-internos, estão distribuídos pelos anos lectivos de 1911/1912, com quatro alunos; 1910/1911, com dois alunos e 1917/1918, com um aluno, conforme se evidencia através dos Gráficos seguintes.

GRÁFICO 9

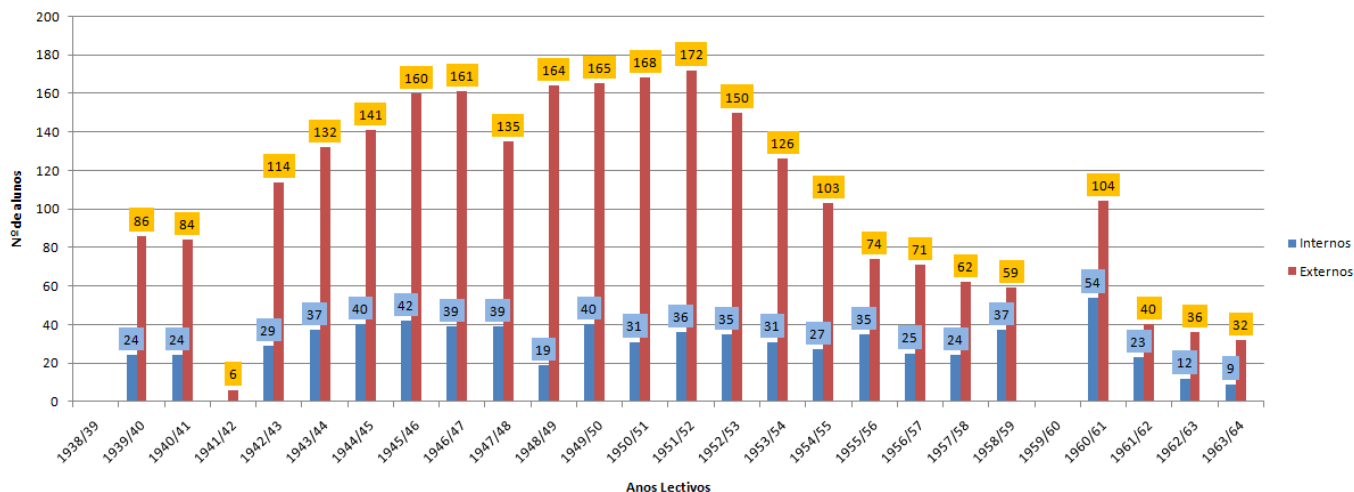
Regime de frequência (Interno, Externo e Semi-interno) de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos de 1910 a 1938



Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Secretaria/Serviços Administrativos. *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1910-1938.

GRÁFICO 10

Regime de frequência (Interno e Externo) de alunos Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos de 1938 a 1964



Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Secretaria/Serviços Administrativos. *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1938-1964.

Resumindo, podemos dizer que existe uma maior frequência de alunos externos, como anteriormente se referiu, comparativamente com alunos internos ou semi-externos, sendo que a presença dos internos ou semi-externos nunca ultrapassou a frequência dos externos. Em termos numéricos podemos referir que em relação aos alunos externos, o ano lectivo com maior frequência foi em 1920/1921, com trezentos e oitenta e um e o menos frequentado foi

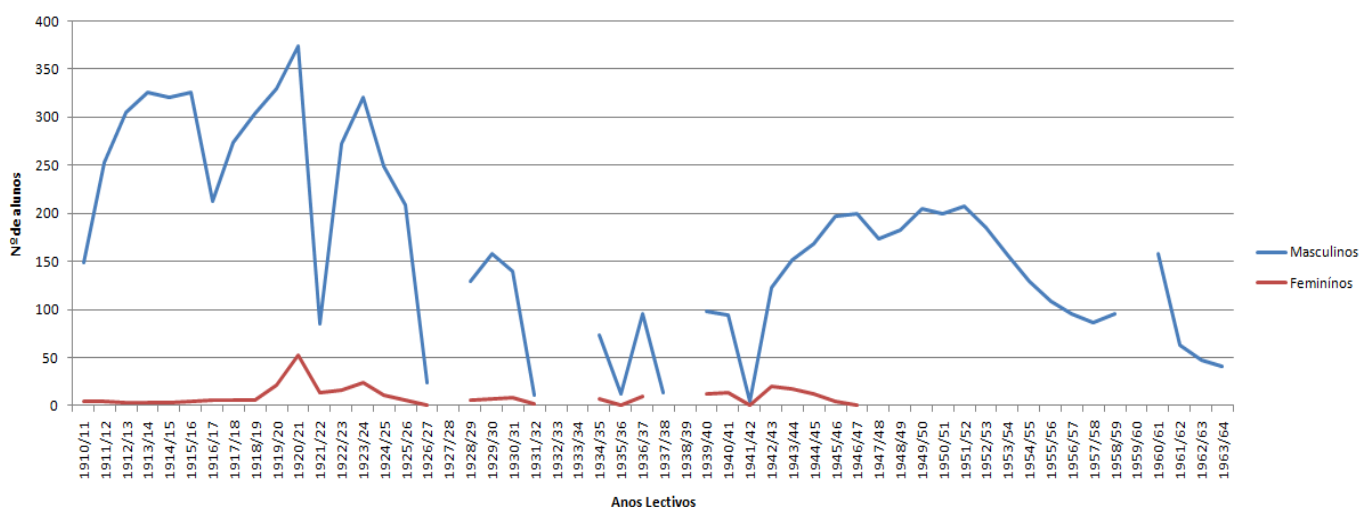
em 1941/1942, com seis; quanto aos alunos internos, os anos lectivos com maior frequência foi em 1915/1916 e 1917/1918, com cento e seis em cada ano lectivo e com menor frequência foi em 1922/1923 e 1937/1938, com um em cada ano lectivo e em relação aos alunos semi-internos, o ano lectivo com mais alunos foi em 1911/1912, com quatro alunos e com menos alunos foi em 1917/1918, com um. Durante os 54 anos lectivos representados (1910/1911-1963/1964), inscreveram-se/matricularam-se na Escola Prática Comercial, 6637 externos, 1806 internos e 7 semi-internos, num total de 8450 inscrições/matricúlas.

Distribuição dos alunos por sexo

Sendo a tendência do ensino comercial e posteriormente a actividade comercial reservada maioritariamente, senão na *totalidade* ao sexo masculino e sendo a especialidade da Escola Prática Comercial Raul Dória o ensino comercial, constata-se a frequência de alunos tanto do sexo masculino como do sexo feminino. No Gráfico XI pretendemos dar uma visão geral da frequência, no período compreendido entre 1910/1911 e 1963/1964. Assim, podemos desde logo referir que durante o período em estudo, houve sempre uma maior presença masculina do que feminina na Escola. Se se dividir os 54 anos lectivos representados no Gráfico em duas partes, 27 anos lectivos para cada parte, verificamos que numa primeira parte (1910/1911 até 1935/1936) a presença masculina e feminina é comparativamente superior à segunda parte (1936/1937-1963/1964).

GRÁFICO 11

Distribuição dos alunos (por sexo) Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos de 1910 a 1964



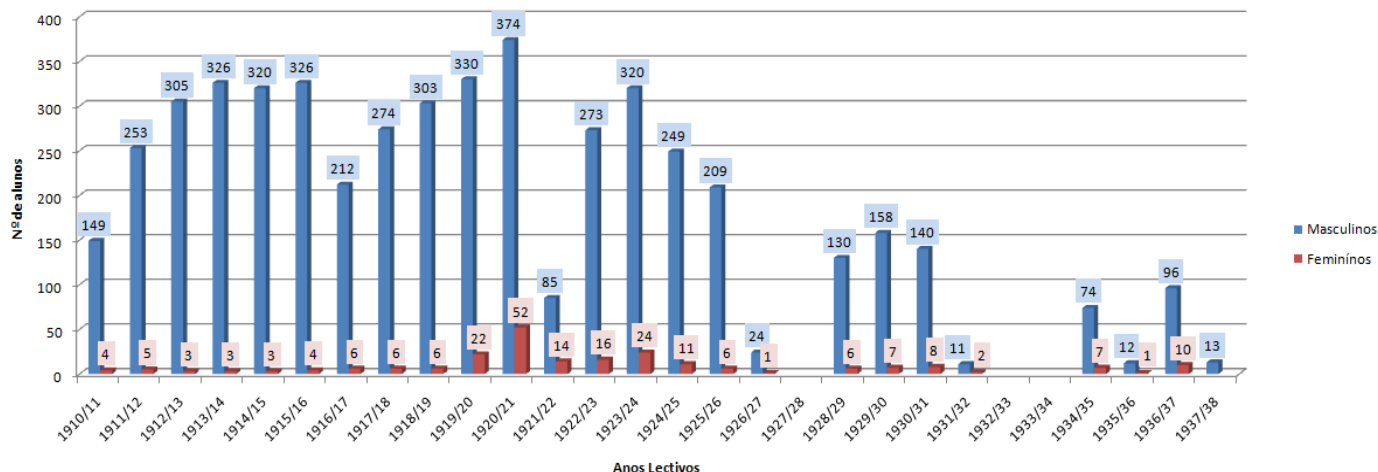
Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Secretaria/Serviços Administrativos. *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1910-1964.

Durante toda a década de 1910 é claramente evidente que o número de inscrições/matrículas de alunos do sexo masculino encontra-se acima das 200, com a exceção do ano lectivo de 1910/1911 (abaixo das 150). As décadas de 1920 e 1930, comparativamente com a década anterior, revelam uma constante subida e descida do número de inscrições/matrículas. Comparando a década de 1930, com as duas anteriores, podemos verificar uma menor frequência no número de alunos do sexo masculino. Nas décadas de 1940 e 1950, é claramente visível um aumento, no entanto, a partir de meados da década de 1950 até 1964, com exceção do ano lectivo de 1960/1961, o número de inscrições/matrículas do sexo masculino desceu sempre. No que diz respeito à presença feminina na Escola, podemos dizer que desde o ano lectivo de 1910/1911 até ao ano lectivo de 1918/1919 foi bastante reduzida. Contudo, a sua presença começa a ser significativa entre os anos lectivos de 1919/1920 e 1924/1925, atingindo o seu auge no ano lectivo de 1920/1921. Após este período de uma considerável presença feminina, o final da década de 1920 e quase toda a década de 1930, vai revelar-se reduzida, com exceção para o ano lectivo de 1936/1937. A presença feminina vai de novo manifestar-se significativa ainda nos anos lectivos de 1939/1940 e 1940/1941, vindo a acentuar-se entre os anos lectivos de 1942/1943 a 1945/1946, sendo que após o ano lectivo de 1946/1947, com uma participação mínima, deixamos de ter qualquer informação da presença feminina na Escola. Para os anos lectivos de 1927/1928, 1932/1933, 1933/1934, 1938/1939 e 1959/1960, não foi possível a apresentação dos respectivos dados, pelos motivos anteriormente referidos.

Analisando agora alguns números sobre a *Distribuição dos alunos (por sexo)*, inscritos/matriculados entre os anos lectivos de 1910/1911 e 1963/1964 podemos dizer que: os anos lectivos com mais inscrições/matrículas de alunos do sexo masculino ocorreram em 1920/1921, com trezentos e setenta e quatro; 1919/1920, com trezentos e trinta e 1913/1914 e 1915/1916, com trezentos e vinte e seis em cada ano lectivo. E os anos lectivos com menos inscrições/matrículas ocorreram em 1937/1938, com treze; 1935/1936, com doze, 1931/1932, com onze e 1941/1942, com cinco. Quanto aos anos lectivos com mais inscrições/matrículas do sexo feminino, foram: 1920/1921, com cinquenta e duas, 1923/1924, com vinte e quatro; 1919/1920, com vinte e duas e 1942/1943, com vinte. E os anos lectivos com menos inscrições/matrículas ocorreram em 1912/1913, 1913/1914 e 1914/1915, com três, em cada ano lectivo; 1931/1932, com duas e 1926/1927, 1935/1936, 1941/1942 e 1946/1947, com uma em cada ano lectivo, conforme se evidencia através dos Gráficos seguintes.

GRÁFICO 12

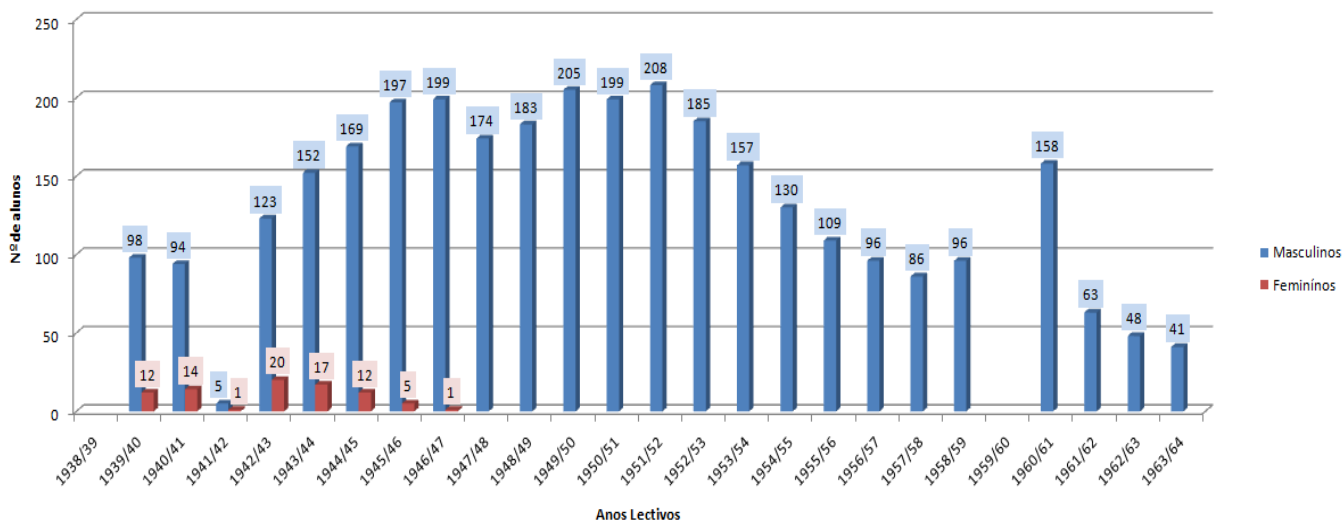
Distribuição dos alunos (por sexo) Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos 1910 e 1938



Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Secretaria/Serviços Administrativos. *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1910-1938.

GRÁFICO 13

Distribuição dos alunos (por sexo) Inscritos/Matriculados na Escola Prática Comercial Raul Dória entre os anos lectivos 1938 e 1964



Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Secretaria/Serviços Administrativos. *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1938-1964.

Mas em que cursos/disciplinas [isoladas/singulares] é que os alunos do sexo masculino e feminino se inscreviam? Segundo os dados das *Fichas de Inscrição/Assentos de Matrícula*, os alunos do sexo masculino e feminino inscreviam-se em cursos, como: curso Preparatório, 136

curso Elementar/Empregado de Comércio ou Escritório, curso Complementar, curso de Guarda-livros e curso Secundário/Superior de Comércio. No entanto, para além destes cursos as senhoras inscreviam-se no curso de Economia Doméstica.²⁹⁶ Quanto às disciplinas [isoladas/singulares] foi possível verificar aquando do levantamento da informação nas *Fichas de Inscrição/Assentos de Matrícula*, que os alunos do sexo masculino inscreviam-se numa numerosa quantidade de disciplinas [isoladas/singulares] (vinte e uma), como: Alemão, Aritmética, Cálculo, Cálculo Comercial, Caligrafia, Ciências, Comércio, Contabilidade, Dactilografia, Direito, Direito Comercial e Fiscal, Economia, Escrituração Comercial e Industrial, Estenografia, Francês, Higiene, História, Inglês, Merceologia, Matemática e Português. À semelhança do sexo masculino, também as senhoras frequentavam disciplinas [isoladas/singulares], mas em menor número de disciplinas (catorze), sendo elas: Cálculo, Caligrafia, Comércio, Contabilidade, Dactilografia, Economia, Escrituração Comercial, Estenografia, Francês, História, Inglês, Merceologia, Matemática e Português.

Concluindo, podemos dizer que a presença masculina foi sempre superior à presença feminina, não existindo nenhum ano lectivo entre 1910/1911 a 1963/1964, em que a presença feminina fosse superior à masculina. Em termos numéricos podemos referir que o ano lectivo em que a Escola teve mais inscrições/matrículas do sexo masculino foi em 1920/1921, com trezentos e setenta e quatro e o ano lectivo com menos inscrições/matrículas foi 1941/1942, com cinco. Quanto ao sexo feminino, o ano lectivo com mais inscrições/matrículas foi à semelhança do sexo masculino, em 1920/1921, com cinquenta e duas e os anos lectivos com menos inscrições/matrículas foram, 1926/1927, 1935/1936, 1941/1942 e 1946/1947, com uma inscrição/matrícula em cada ano lectivo. Em suma, durante os 54 anos lectivos representados (1910/1911-1963/1964), a Escola Prática Comercial Raul Dória teve 8141 inscrições/matrículas do sexo masculino e 309 do sexo feminino.

Origem geográfica de alunos inscritos na Escola

Sobre a origem geográfica dos alunos que se inscreveram na Escola, esta era de âmbito nacional e internacional. A nível nacional chegaram à Escola alunos de várias proveniências, sendo sobretudo a maior afluência do número de alunos nacionais da região do grande

²⁹⁶ Apesar de não dispormos de dados sobre a frequência do curso de Economia Doméstica, sabemos que funcionou pela primeira vez na Escola Prática Comercial Raul Dória no ano lectivo de 1906/1907, vindo a encerrar no final do ano lectivo.

Porto (Espinho, Maia, Matosinhos, Porto, Valongo e Vila Nova de Gaia). As proveniências nacionais completavam-se com alunos oriundos das regiões autónomas: Açores e Madeira e das ex-colónias, Angola, Macau e Moçambique, num total de 62 proveniências, conforme se pode constatar no quadro seguinte.

QUADRO 15

Origem geográfica de alunos nacionais inscritos na Escola Prática Comercial Raul Dória				
Açores - Ponta Delgada	Castelo Branco	Lamego	Oliveira de Azeméis	Tondela
Águeda	Chaves	Lisboa	Oliveira do Hospital	Trofa
Aguiar da Beira	Coimbra	Macau	Ovar	Vale de Cambra
Alfândega da Fé	Covilhã	Macedo de Cavaleiros	Paços de Ferreira	Valença do Minho
Alentejo – Cano	Espinho	Madeira - Funchal	Penafiel	Valongo
Amarante	Estarreja	Maia	Porto	Viana do Castelo
Anadia	Évora	Mangualde	Porto de Mós	Vila do Conde
Angola (Benguela, Huambo e Luanda)	Felgueiras	Matosinhos	Régua	Vila Nova de Famalicão
Aveiro	Freixo de Espada à Cinta	Moçambique (Lourenço Marques)	Santo Tirso	Vila Nova de Foz Côa
Barcelos	Gouveia	Moncorvo	Santa Maria da Feira	Vila Nova de Gaia
Braga	Guarda	Mortágua	São João da Madeira	Vilela
Bragança	Guimarães	Nelas	Seia	Viseu
			Tabuaço	Vouzela

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Secretaria - Serviços Administrativos; *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: 1910-1964.

Relativamente aos alunos internacionais, afluíram à Escola alunos de sete nacionalidades, destacando-se a proveniência das várias “localidades” dos alunos brasileiros.

QUADRO 16

Origem geográfica de alunos internacionais inscritos na Escola Prática Comercial Raul Dória
África Equatorial Francesa
Áustria – Viena
Bélgica
Brasil – Amazonas, Campinas, Manaus, Maranhão Niterói, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Santos
Congo Belga
Espanha – Badajoz, Orense, Oviedo e Pontevedra
França – Paris

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Secretaria - Serviços Administrativos; *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: 1910-1964.

Profissões de alunos inscritos na Escola

Quanto às profissões dos alunos à data da sua inscrição/matricula na Escola, estas eram variadas. A grande maioria da profissão dos alunos era a de estudante, no entanto, foi possível verificar outras profissões, conforme se elencam no quadro seguinte.

QUADRO 17

Profissões de alunos inscritos na Escola Prática Comercial Raul Dória		
Capitalista ²⁹⁷	Empregado de Escritório	Proprietário
Despachante	Empregado Público	Médico
Empregado	Estudante	Militar
Empregado Comercial	Procurador	Negociante
		Ourives

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*; Secretaria - Serviços Administrativos; *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: 1910-1964.

Os alunos que frequentavam o ensino nocturno da Escola, para fazer Disciplinas [Isoladas/Singulares], eram aqueles que referiam no *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula*, outras profissões, à excepção da de estudante. Esta informação foi possível obter através dos dados constantes dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula* nos anos lectivos de 1929/1930, 1939/1940, 1940/1941, e entre 1942/1943 e 1954/1955, num total de dezasseis anos lectivos. Sobre o “campo” da “profissão” verificou-se ainda nos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula*, que nem sempre era preenchido aquando da inscrição/matricula dos alunos.

A função social da Escola

“O Porto principiou por estremecer de pasmo, da ousadia, da tentativa e acabou por lhe confiar [a Raul Dória] os seus filhos, que fez deles óptimos comerciantes.”²⁹⁸ Junto das

²⁹⁷ O termo capitalista significa pessoa que tem muito dinheiro, aquele que vive de rendimentos e fornece capital a empresas. Retirado de MORENO, Augusto – *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*. Porto: Livraria Editorial Educação Nacional, 1936, p. 659.

²⁹⁸ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1912/1913*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1913, p. 133.

famílias dos alunos, a Escola Prática Comercial exerceu uma função informativa. Para além de enviar um boletim mensal onde mostrava o aproveitamento, comportamento, faltas e o estado saúde dos alunos, enviava um boletim trimestral participando os resultados dos exames trimestrais e, dos alunos *pouco estudiosos*, recebiam os encarregados de educação um boletim diário tanto das faltas como da aplicação dos seus educandos.²⁹⁹

No intuito de minimizar as despesas com a aquisição de livros, devido aos elevados preços, a Escola passou a editar na sua tipografia, obras que adoptava para o seu ensino. Esta medida vinha ao encontro das necessidades da maioria dos alunos, porque permitia ter acesso a determinados livros e a baixos custos. Para além desta medida, os alunos podiam ainda consultar a biblioteca da Escola que estava dividida em três secções: a biblioteca privada da Direcção; a biblioteca da Escola e a biblioteca das três Associações da Escola (Associação Fraternal dos Antigos Alunos da Escola Raul Dória, Associação Recreativa dos Alunos da Escola Raul Dória e Sport Club Raul Dória). Podiam os alunos ter acesso a qualquer delas, sendo, no entanto, necessário para as bibliotecas privativas da Direcção e das Associações, uma autorização especial e, para todas evidenciar bom comportamento, mas também um aproveitamento regular.³⁰⁰

Uma outra medida que a Escola tomou no sentido de apoiar os alunos que terminavam os seus cursos, estava relacionada com uma colocação no mercado de trabalho.³⁰¹ Os alunos que recebessem o seu diploma de qualquer dos cursos ministrados na Escola, eram inscritos num registo especial para esse fim, com a finalidade de ser colocados a trabalhar nas casas de comércio do Porto, das Províncias e do Estrangeiro, que frequentemente procuravam alunos da Escola para seus empregados. Para além desta vantagem que a Escola oferecia aos seus alunos, a mesma comprometia-se a arranjar ao aluno diplomado no curso Secundário de Comércio, que obtivesse a melhor classificação entre os distintos, uma imediata colocação numa casa comercial, em que o aluno ganhasse, pelo menos 15\$00 mensais. Mas caso a Escola não conseguisse arranjar a colocação imediata, o aluno passava a receber mensalmente a quantia de 15\$00 até ser colocado, isto durante o prazo máximo de um ano. E ao

²⁹⁹ Idem, p. 200.

³⁰⁰ Idem, p. 199.

³⁰¹ Já na reforma do ensino técnico de 24 de Dezembro de 1901 de Manuel Francisco Vargas, Luís Alves, na obra *O Porto no Arranque do Ensino Industrial (1851-1910)*, nas páginas 136 e 137 refere que os alunos com boa classificação e comportamento exemplar, eram admitidos nas oficinas do Estado no fim do curso e os alunos habilitados com o curso de condutor de máquinas eram admitidos para o serviço das locomotivas nos cominhos de Ferro do Estado. Isto prova que os melhores alunos eram colocados em serviços “privilegiados”.

aluno melhor classificado no curso de Guarda-livros, a Escola oferecia a matrícula gratuita no 4º ano do curso Secundário de Comércio.³⁰²

Para além dos respectivos valores que os alunos estavam obrigados a pagar, existiam outros serviços a que podiam aceder, mas eram considerados como despesas extraordinárias. Destes serviços faziam parte a “roupa lavada e gomada, [...] consertos de fatos e calçado, chapeleiro, livros, médico, farmácia, dentista, dietas e despesas de doenças, banhos, colchoeiro, teatros, objectos de toilette, barbeiro, sapateiro, alfaiate, roupas brancas, fato de ginástica, estampilhas, objectos de escritório, estragos nos recreios e mobiliário escolar, concertos de roupas brancas, etc.”³⁰³

No dia 16 de Setembro de 1922, dia seguinte ao falecimento de Raul Dória, o *Jornal de Notícias* refere que Raul Dória “[...] formou gerações de guarda-livros, contabilistas, empregados bancários e empregados de escritório [e] quando as famílias pobres batiam à sua porta, matriculava-os seus filhos gratuitamente.”³⁰⁴ Segundo o jornal *O Tempo*, de Manaus, de 20 de Abril de 1916, a Escola Prática Comercial tinha alunos espalhados por todo o país, por África e pelo Brasil, nas mais variadas casas comerciais, ocupando lugares de confiança e responsabilidade.³⁰⁵

Abordando agora alguns comentários em relação à Escola Prática Comercial e registados, segundo referem os *Anuários* da Escola, no seu Álbum de Visitas, podemos destacar a de Afonso Costa, enquanto Presidente do Conselho de Ministros, a de Sousa Júnior, enquanto Ministro da Instrução Pública, a de António Maria da Silva, enquanto Ministro do Fomento, a de Sobral Cid, enquanto Ministro da Instrução, a de Magalhães Lima, enquanto ex-Ministro da Instrução e a de Alexandre Braga, também enquanto ex-Ministro, mas da Justiça.

No dia 28 de Julho de 1913, pelas 18.30 horas, recebeu a Escola Prática Comercial a visita de Afonso Costa e Sousa Júnior. Afonso Costa referiu-se à Escola como sendo uma “«Obra de exclusiva iniciativa particular, [...] faz honra à República, cujos princípios e ideias certamente animaram a fundação deste excelente Instituto e fortaleceram a perdurável

³⁰² *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1912/1913*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1913, p. 200.

³⁰³ *Idem*, p. 203.

³⁰⁴ *Jornal de Notícias*, nº 218. Porto: 16 de Setembro de 1922, p. 1.

³⁰⁵ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1915/1916*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1916, p. 113.

fé dos seus iniciadores. O Estado, concedendo o apoio moral, que ela merece, solidariza-se com um admirável instrumento de progresso nacional». ³⁰⁶ Acrescenta ainda dizendo que, “Tudo o que vi mostra-me que a Escola Raul Dória é um exemplo que o Estado deve seguir, porque aqui prepara-se o aluno praticamente, ensinando-se-lhe tudo o que precisa saber para caminhar só, dando-lhe confiança em si, no seu próprio esforço, como tive a ocasião de verificar em um antigo aluno, hoje Guarda-livros, que se me apresentou seguro do seu saber... O Estado não pode enganar-se nem enganar os outros. Eu queria ver com os meus olhos o que era a Escola Raul Dória, que já conhecia pelos seus bem elaborados relatórios anuais. Fiquei maravilhado! Aqui nada falta, desde o mais importante à mais pequena minúcia: é um estabelecimento modelar, não só para os particulares como para o Estado.” ³⁰⁷

Reportando-se também à Escola, o Ministro da Instrução, Sousa Júnior, referiu que, “«Da [...] rápida visita a este estabelecimento, que há muito conheço pela leitura dos seus relatórios anuais e até pelos resultados colhidos no ensino desta casa por pessoa de família, ficou-me uma impressão que me é grata consignar aqui: tudo na Escola Raul Dória respira ensino eminentemente prático e de utilidade imediata para os alunos. [...]».” ³⁰⁸

No dia seguinte à visita de Afonso Costa e de Sousa Júnior, foi a vez de visitar a Escola, o Ministro do Fomento, Eng.º António Maria da Silva, dizendo que “«Não se pode exigir mais da iniciativa particular. Partidário acérrimo da descentralização, faço votos para que o ensino elementar técnico seja entregue à iniciativa dos agregados administrativos, dos sindicatos e dos particulares, subsidiando-os o Estado em harmonia com os serviços que prestem à instrução. Ocupando o primeiro lugar entre as instituições congêneres a Escola Prática Comercial Raul Dória bem merece do país e necessário se torna auxiliá-la».” ³⁰⁹

Sobral Cid, Ministro da Instrução, a 7 de Abril de 1914, em visita à Escola, refere o seguinte: “«Esta magnífica Escola criada pela iniciativa particular é bem a expressão do “génio particularista” do norte do país. A visita que acabo de dedicar-lhe deu-me um raro momento de prazer na minha vida de ministro, e espero que os representantes do Estado que

³⁰⁶ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1912/1913*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1913, p. 195.

³⁰⁷ *Idem*, p. 198.

³⁰⁸ *Idem*, p. 195.

³⁰⁹ *Idem*, p. 197.

lhe não teem regateado aplausos, sancionem por uma medida administrativa esta iniciativa inteligente, patriótica e verdadeiramente feliz» ”.³¹⁰

A 27 de Outubro de 1915, o ex-Ministro da Instrução, Magalhães Lima, referiu-se à Escola dizendo que era uma “[...] bela obra de Raul Dória e dos seus devotados colaboradores honra o país e a República. Estabelecimento único em Portugal, [...] impõem-se por igual à consideração de nacionais e estrangeiros”.³¹¹

A 10 de Julho de 1916, o ex-Ministro da Justiça, Alexandre Braga, aquando da sua visita à Escola, dirigiu “calorosos louvores ao homem de coração, de fé inquebrável e de tenacidade corajosa, que com uma tão admirável obra, prepara, sem lhes envenenar a alegria da juventude, as novas gerações de homens fortes e livres, pelo espírito e pelo sentimento, que são a futura garantia do progresso e do engrandecimento da Pátria.”³¹²

Para além destas impressões proferidas em relação à Escola, por personalidades do Estado, muitas outras existiram, a saber: do Vice-Presidente da Câmara dos Deputados, Guilherme Nunes Godinho, a 29 de Julho de 1913; do ex-Presidente de Ministros, José de Castro, a 21 de Abril de 1914; do ex-Ministro dos Estrangeiros e da Justiça, António Macieira, a 11 de Fevereiro de 1916; do Ministro da Instrução, Alfredo Magalhães, a 3 de Agosto de 1916 e do Secretário do Ministro da Instrução, Alfredo Magalhães, João da Silva Correia, a 22 de Janeiro de 1918.

Em síntese, a Escola informava as famílias dos alunos sobretudo quanto aos resultados obtidos, apoiava os alunos com edições de obras mais baratas, podiam os alunos aceder à biblioteca da Escola e no final do curso a Escola ajudava-os a arranjar emprego.

Aquando das várias visitas que ocorreram à Escola, sobretudo por personalidades do Estado, é visível um tom elogioso nas mensagens que deixavam: “estabelecimento modelar”, Afonso Costa; “ primeiro lugar entre as instituições congéneres”, António Maria da Silva, Eng.º e “[...] impõem-se por igual à consideração de nacionais e estrangeiros”, Magalhães Lima. A Direcção da Escola aproveitou as mensagens que lhe foram dirigidas pelos visitantes em seu próprio benefício, ao divulgá-las perante a sociedade nacional e internacional, com a finalidade de se projectar.

³¹⁰ *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1915/1916*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1916, p. 5.

³¹¹ *Idem*, p. 6.

³¹² *Idem*, p. 104.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim deste percurso, com a sensação de que todo o nosso esforço valeu a pena ... cada dificuldade vencida, cada obstáculo ultrapassado, cada informação conseguida fez com que este trabalho nos permitisse uma evolução enquanto pessoa mas também enquanto docente. Temos a certeza de que ao longo destes dois últimos anos nos esforçamos por fazer o nosso melhor na divulgação de uma instituição de ensino comercial privada, noutros tempos considerada *Universidade Comercial*.

Cumpre-nos apresentar as conclusões essenciais a que chegamos mas, principalmente, fazer uma análise do tema, de modo a poder, contribuir para lançar outras pistas de investigação sobre um assunto como o que aqui estudámos. Começamos pelas questões de partida: teremos conseguido responder a elas? Julgámos que sim. As respostas são encontradas ao longo de todo o texto.

O resultado desta investigação deve ser entendido como uma primeira abordagem académica, uma tentativa de compreender a Escola Prática Comercial Raul Dória, como um espaço onde se desenvolveu o ensino comercial. Como pistas para futuros trabalhos deixamos algumas sugestões, uma vez que era importante senão mesmo interessante fazer um estudo comparativo entre a Escola Prática Comercial Raul Dória [a primeira escola] e a actual Escola Profissional Raul Dória [a segunda escola], analisando os mesmos temas abordados no presente trabalho, uma vez que ambas adoptaram o nome de Raul Dória como seu patrono. Importante seria também estudar os restantes campos dos *Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula*, como a idade dos alunos à data da sua inscrição/matrícula na Escola Raul Dória, a forma e o valor de pagamento, a classe (ordinário ou livre), o responsável pelo aluno (pai ou representante) e a escola de proveniência e tempo de frequência. Era importante ainda investigar documentação que por nós foi levantada, mas por questões de tempo não foi possível ser trabalhado, como: correspondência entre 1917 e 1962; apólices de seguros; projectos de obras, 1949; títulos de acções; actas de exame; cadernetas escolares; certidões expedidas e recebidas; registos de notas, faltas, matrículas, exames, pagamento de propinas, requerimentos de exames e as menções honrosas. Por último, resta-nos sugerir mais três pistas como: a recolha de testemunhos orais, uma vez que a Escola fechou porta apenas há 46 anos; abordar a revista dos antigos alunos *O Rauldoriano* e, por fim, alargar o período de pesquisa na imprensa jornalística.

Pela análise das fontes, podemos dizer que a Escola passou por quatro fases: a primeira de 1902 até 1910, denominada fase de iniciação/afirmação; a segunda fase de 1910 a 1922, fase de prosperidade/desenvolvimento (período áureo da Escola); a terceira fase, de 1922 ao fim da década de 1950, fase da manutenção e a última fase de 1960 a 1964, a fase declínio e consequente encerramento.

De salientar o carácter familiar da Escola, pois nela desempenharam funções, para além de Raul Dória, vários elementos da família. Silva Dória, pai de Raul Dória desempenhou funções na administração até à sua morte em 1917, Maria da Conceição e Costa da Silva Dória (esposa de Raul Dória) desempenhou segundo a imprensa, funções docentes no ano de 1905/1906 e António Álvaro Dória, filho de Raul Dória, para além de ter sido aluno na Escola de seu pai, desempenhou funções de guarda-livros nos anos lectivos de 1917/1918 e 1918/1919, mas também funções docentes no ano lectivo de 1918/1919.

O principal objectivo da Escola Prática Comercial Raul Dória era assegurar as aprendizagens para o exercício da actividade comercial em estabelecimentos, na medida em que o desenvolvimento do tecido empresarial requeria profissionais com formação e prática. Segundo refere a imprensa jornalística estudada, o aumento do número de alunos que frequentou a Escola deveu-se sobretudo ao método do ensino leccionado, [deu-se mais importância ao ensino prático do que ao ensino teórico] pois facilitava a integração nas casas comerciais.³¹³ Para atrair novos alunos, a direcção da Escola tentava influenciar através da publicação dos seus *Anuários* ou por outros meios, que os pais mandassem os filhos para a escola de comércio, a fim de os mesmos adquirirem as “armas” para batalharem no campo económico, ganhar dinheiro e adquirir fortuna.

A Escola Prática Comercial Raul Dória foi considerada um modelo na Península Ibérica, baseou-se em métodos de instituições europeias, sobretudo francesas, colocou a tónica no ensino prático para o qual, segundo a imprensa jornalística, possuía boas instalações e material didáctico, vindo a servir de modelo a outras instituições similares. Recebia alunos externos e internos, mais externos do que internos, devido à limitação do seu internato e leccionava cursos destinados aos dois sexos, como: Preparatório, Guarda-livros, Complementar, Elementar/Empregado de Comércio ou Escritório e Secundário/Superior de Comércio.

³¹³ *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912. p. 8. [Transcrição do artigo publicado no jornal "O Comércio do Porto" de 3 de Outubro de 1906.]

António Álvaro Dória refere que quando os alunos deixavam os bancos da Escola Prática Comercial Raul Dória para os substituírem pelas cadeiras dos escritórios, não sentiam a mais pequena diferença entre os trabalhos escolares, práticos mas fictícios, e as suas novas ocupações.

Sobre o corpo docente, o mesmo era escolhido entre os que na cidade do Porto exerciam o ensino, eram ainda escolhidos professores estrangeiros para o ensino das respectivas línguas e pessoal técnico para ministrar os conhecimentos práticos da vida comercial. O facto de existirem professores que escreviam na imprensa, serviu, em nossa opinião, para legitimar a Escola na comunidade local, nacional e até internacional. Este objectivo de algum modo passava também por chamar à atenção do poder político para lhe conceder prestígio, ou seja, conceder a oficialização dos seus diplomas que tanto a Escola desejava.

Em suma, abordar a temática do ensino, seja qual for o grau, é fazer um balanço de questões e problemas com as quais a sociedade portuguesa se tem vindo a confrontar ao longo dos séculos, nesta área. A temática do ensino foi sempre uma questão problemática quer no passado quer no presente...

Finalmente, como última nota desta conclusão, gostava de referir o importante contributo que estes estudos sobre as organizações educativas podem dar à História, mais concretamente à História da Educação.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES / BIBLIOGRAFIA

FONTES:

– ARQUIVO CENTRAL DO REGISTO CIVIL DO PORTO (ACRCP)

- *Original de Registo de Óbito* [de Raul Dória]. Registo nº 718. Porto: 15 de Setembro de 1922.

– ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO (ADP)

- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Direcção. *Álbum de Recortes - 1921/1959*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1921-1959.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Direcção. *Jornal A Pátria*. Secção Portuguesa. [s.l.]: Sábado, 6 de Setembro de 1921.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Direcção. *Jornal* [a notícia não identifica o jornal – 57º aniversário da Escola]. [s.l.]: de 1 de Dezembro de 1959.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Direcção. *Impressos informativos e de divulgação, 1910 a 1917*. [s.e.]: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Direcção. *Programas e Convites. 12º Aniversário*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1914.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Direcção. *Prospectos. Anúncios publicitários da instituição - 1915-1940*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1915-1940.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Direcção. *Regulamento do Dormitório - Deveres a Cumprir*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1 de Outubro de 1919.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Direcção. *Regulamento Interno. Para alunos externos*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 6 de Outubro de 1921.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Direcção. *Títulos Honoríficos - 1908/1912*. Porto: [s.e.], 1908 e 1912.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Livraria. *Publicações – 1909/1952. Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1912/1913*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1913.

- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Livraria. Publicações – 1909/1952. *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1919.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Livraria. Publicações - *Apreciações da Imprensa*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Livraria. Publicações. *Breve Notícia Histórica*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Livraria. Publicações. *Escola Raul Dória*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1910.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Livraria. Publicações. *Escrituração e Economia Doméstica*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1919.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Livraria. Publicações. *Primeiro e Único Estabelecimento do País de Ensino Comercial*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, [s.d.].
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Livraria. Publicações. *Programa da Escola Prática Comercial Raul Dória*. Porto: Tipografia A. F. Vasconcelos, Outubro de 1909.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Livraria. Publicações. *Escola Raul Dória - Ano Escolar de Outubro a Julho*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, [1934/1935].
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Livraria. Publicações. *Escola Prática Comercial Raul Dória*. Porto: Tipografia da Escola Raul Dória, [s.d.].
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Secretaria/Serviços Administrativos. *Actas de Exames - 1917-1918*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1917-1918.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Secretaria/Serviços Administrativos. *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1910-1964.
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Secretaria/Serviços Administrativos. *Cadernetas Escolares*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, [s.d.].
- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA. Secretaria/Serviços Administrativos. *Condições de matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, [s.d.].

- ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA: Secretaria/Serviços Administrativos. *Lista de nomes de alunos premiados às diversas disciplinas - 1910-1940*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1910-1940.

– **ARQUIVO HISTÓRICO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (AHME)**

- Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação Nacional: Inspeção do Ensino Particular. *Escola Prática Comercial Raul Dória – Alvará nº 806*. Livro E, nº 399, de 14 de Dezembro de 1943.

– **BIBLIOTECA DA FACULDADE DE LETRAS – U. P. (BFL-UP)**

- *Projecto de Lei*. “Diário do Governo”. nº 105, Segunda-feira, 6 de Maio de 1912.

– **BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO (BPMP)**

- *Jornal O Comércio do Porto*. Ano LXIV, nº 65º. Domingo, 18 de Março de 1917.
- *Jornal O Primeiro de Janeiro*. Ano 65. Domingo, 18 de Março de 1917.
- *Jornal O Comércio do Porto*. Ano LXVIII, nº 219, Sábado, 16 de Setembro de 1922.
- *Jornal de Notícias*. nº 218. Porto: 16 de Setembro de 1922.
- *Jornal O Comércio do Porto*. Ano LXXXIII, nº 89. Sábado, 2 de Abril de 1938.
- *Jornal de Notícias*. Ano 49, nº 89. Sábado, 2 de Abril de 1938.
- *Jornal O Primeiro de Janeiro*. Ano 70, nº 90. Domingo, 3 de Abril de 1938.

– **ESCOLA PROFISSIONAL RAUL DÓRIA (EPRD)**

- *Álbum – Bodas de Prata do Director da Escola Comercial Raul Dória, Exmo Sr. José Campos Vaz*. [s.l.]: [s.e.], 1 de Abril de 1913 a 1 de Abril de 1938.
- *Anuário da Escola Raul Dória - Ano Lectivo de 1915/1916*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1916.
- *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano lectivo de 1917/1918*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1918.
- *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano lectivo de 1927/1928*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1928.
- *O Rauldoriano. Órgão dos Antigos Alunos da Escola Raul Dória*. Nº 2. Porto: [s.e.], 1 de Julho de 1975.

– OUTROS

- *Debates Parlamentares*; Primeira República – 1910/1926. Diário da Câmara dos Deputados. Junho, Julho e Agosto de 1917 – [site].
- *Projecto Lei*. “Diário da Câmara dos Deputados”. n.º 94, 26 de Junho de 1917 – [site].

BIBLIOGRAFIA:

- ALVES, Jorge; PEREIRA, Gaspar Martins; RIBEIRO, Jorge; SOUSA, Fernando de – *O Arquivo do Governo Civil do Porto*. Porto: 1988.
- ALVES, Luís Alberto Marques – *O Porto no Arranque do Ensino Industrial (1851-1910)*. Porto: Edições Afrontamento, 2003.
- ALVES, Luís Alberto Marques – *O Ensino*. In, SERRÃO, Joel; MARQUES, A.H. de Oliveira (dir.) – *Nova História de Portugal. Portugal e a Regeneração (1851-1900)*. Vol. X (coord.), SOUSA, Fernando de; e MARQUES, A.H. de Oliveira. Lisboa: Editorial Presença, Setembro 2004.
- ANDRADE, José Coelho de – *O Professor de Higiene é um Professor de Moral*. Porto: Tipografia Civilização, 1929.
- AZEVEDO, Carlos A. Moreira; AZEVEDO, Ana Gonçalves de – *Metodologia Científica*. Porto: Ed. C. Azevedo, 1994.
- BARROSO, João – *O Século da Escola: «do mito da reforma à reforma de um mito»*. In *o Século da Escola: Entre a Utopia e a Burocracia*. Porto: Edições ASA, Abril de 2001.
- BELL, Judith – *Como realizar um projecto de investigação. Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. [s.l.]: Gradiva, Março de 2008.
- BREW, J. Macalister – *Informal Education. Adventures and Reflections*. London: Faber and Faber Ltd, [s.d.].
- BRUYNE, Paul; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Mar – *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais. Os pólos da prática metodológica*. [s.l.]: Livraria Francisco Alves, Editora S.A., [s.d.].
- *Cadernos do Povo – Economia Doméstica*. Lisboa: Edições SNI, [s.d.], [in Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Biblioteca Dr. Pedro Veiga].
- CAMPENHOUDT, Luc Van; QUIVY, Raymond – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, Fevereiro de 2008.

- CAMPOS, Agostinho de – *Ensaio sobre educação. Antologias de textos pedagógicos do século XIX português*. Vol. I, II e III. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciências. Centro de Investigação Pedagógica, 1973.
- CARDIM, José Eduardo de Vasconcelos Casqueiro – *Do Ensino Industrial à Formação Profissional – As políticas públicas de qualificação em Portugal*. Lisboa: Universidade técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2005.
- CORREIA, Luís Antunes Grosso – *Récita do Liceu Rodrigues de Freitas/D. Manuel II - 1932-1973*. [Tese de Doutoramento Policopiada]. Porto: Outubro de 2002.
- *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. I. Lisboa: Editorial Verbo, 2001
- *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. II. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.
- DÓRIA, António Álvaro – *O Prof. Raul Dória e a sua Escola*. Porto: 1968.
- DÓRIA, António Álvaro – *Prof. Raul Dória*. “Tripeiro”, VI série, Ano XII, nº 9, Setembro de 1972.
- ESTEVES, Nelma – *As Guloseimas de Manoela*. Porto: Livraria Simões Lopes Domingos Barreira, 1938. [in Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Biblioteca Dr. Pedro Veiga].
- *Femina - Bibliothèque. Pour Bien Tenir Sa Maisons*. Paris: Copyright, by Pierre Lafitte Cie, 1911. [in Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Biblioteca Dr. Pedro Veiga].
- GELLNER, Ernest – *Nações e Nacionalismos*. Lisboa: Gradiva, 1993.
- GUIMARÃES, Joaquim Fernando da Cunha – *Centenário (1902-2002) da “Escola Prática Comercial Raul Dória”*. [s.l.]: [s.e.], Dezembro de 2002.
- LESSA, Almerindo; COSTA, Alberto – *Sua Magestade a Criança. Noções de Puericultura*. Coimbra: Editorial Nobel, 1945.
- MACHADO, Bernardino – *O Ensino Primário e Secundário*. [s.l.]: [s.d.].
- MAGALHÃES, Justino – *Fazer e Ensinar História da Educação*. Braga: Impressão e Acabamento Lusografe - Braga, Junho de 1998.
- MARQUES, A.H. de Oliveira – *História de Portugal. Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias*. Vol. III. 3ª Edição. Lisboa: Palas Editores, Março de 1986.
- MORENO, Augusto – *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*. Porto: Livraria Editorial Educação Nacional, 1936.
- MORIN, Edgar – *As grandes questões do nosso tempo*. 3ª Edição, [s.l.]: Editorial notícias, [s.d.].

- MONIZ, Jaime – *Estudos de Ensino Secundário*. [s.l.], [s.d.].
- NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003.
- NÓVOA, António – *Evidentemente - História da Educação*. [s.l.]: Edições ASA, Abril de 2005.
- Ó, Jorge Ramos do – *O governo de si mesmo. Modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal (Último quartel do século XIX – meados do século XX)*. [s.l.]: Educa, 2003.
- PATRICIO, Manuel Ferreira – *A instrução pública: os limites de uma reforma*. in REIS, António, (dir.) – *Portugal Contemporâneo.1910-1958. Da fragilidade do Estado Republicano à Ascensão e Consolidação do Estado Novo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1996.
- PINTASSILGO, Joaquim; ALVES, Luís Alberto; CORREIA, Luís Grosso; FELGUEIRAS, Margarida Louro – *A História da Educação em Portugal - Balanço e perspectivas*. [s.l.]: Edições ASA, Fevereiro de 2007.
- PROENÇA, Maria Cândida – *O Sistema de Ensino em Portugal (Séc. XIX e XX)*. [s.l.]: Edições Colibri, 1998.
- POIRIER, Philippe – *L' Histoire en Débats. Les Enjeux de l' histoire culturelle*. Paris: Éditions du Seuil, Outubro de 2004.
- ROSAS, Fernando (dir.); BRITO, J.M. Brandão – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol I. Bertrand Editora, Setembro de 1996.
- SERRÃO, Joel (dir.) – *Dicionário da História de Portugal*. Vol. II/E-MA. Lisboa: Iniciativas Editores, Julho de 1971.
- SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. de Oliveira, Dir. – *Nova História de Portugal. Portugal – Da Monarquia para a República*. Coord. de MARQUES, A. H. de Oliveira. Vol. XI. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. de Oliveira, Dir. – *Nova História de Portugal. Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*. Coord. de ROSAS, Fernando. Vol. XII. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- SILVA, Maria Antonieta Vieira Freitas de – *A Escola Rocha Peixoto: Memória de um Espaço do Ensino Técnico (1942-1951)*. [Tese de Mestrado Policopiada]. Porto: 2009.
- TORRAL, Luís Reis, (coord.) – *A Instrução Pública*. In MATTOSO, José, (dir.) – *História de Portugal*. Vol 5. Lisboa: Editorial Estampa, Junho de 1998.
- TELES, João José Sousa – *Os Exames de Instrução Primária e Secundária*. [s.l.], [s.d.].

- VAZ, Ângelo – *As Mães-Conselhos para uma boa Higiéne e Alimentação das Crianças*. Porto: Tipografia Editora, 1906.
- VEIGA, Pedro – *Curso do Liceu sem Mestre*. Porto: Tipografia Modesta, 1936.
- VEYNE, Paul – *Como se escreve a História*. [s.l.]: Edições 70, [s.d.].

SITE:

- <http://observatóriodaimprensa.pt/periodicos.portugueses>

ANEXOS

ANEXOS

Anexo I – Documentos vários

Original de Registo de Óbito de Raul Montes da Silva Dória³¹⁴

Registo Civil	
AVERBAMENTOS	ORIGINAL DE REGISTO DE OBITO
Registo N.º <u>718</u>	A's <u>catroze</u> horas e <u>trinta</u> minutos do
<u>Raul Montes da Silva</u>	dia <u>quinte</u> do mês de <u>Setembro</u> do ano de mil novecentos
<u>Souza</u>	e <u>trinta e dois</u> numa casa da rua de <u>Sergento Estevão, número</u>
<u>Thy, certificado de óbito</u>	<u>Quarenta e setenta e sete</u> da freguesia de <u>Santo Ildefonso</u>
Documento N.º <u>718</u>	, desta cidade, faleceu de <u>Febre tifóide</u>
Maço N.º	foi um indivíduo do sexo <u>Masculino</u>
	de nome <u>Raul Montes da Silva Dória</u>
	de <u>Quarenta e quatro</u> anos de idade, de profissão <u>professor</u>
	natural da <u>referida freguesia de Santo Ildefonso</u>
	domiciliado <u>na casa onde faleceu</u>
	filho <u>legítimo</u>
	de <u>João Carlos da Silva Dória</u>
	do estado de <u>casado</u> de profissão <u>professor</u>
	natural da <u>freguesia de São Bartolomeu, Coimbra</u> , já falecido,
	e de <u>Três Montes da Silva Dória</u>
	no estado de <u>viuva</u> de profissão <u>doméstica</u>
	natural da <u>freguesia do Bomfim, desta cidade</u> ,
	domiciliada <u>na casa supra mencionada</u> .
	O falecido era <u>casado com Trina da Encarnação e Costa</u>
	<u>da Silva Dória, de Quarenta e quatro anos, domé-</u>
	<u>tica, natural da freguesia do Bomfim, desta cidade,</u>
	<u>residindo na casa supra mencionada</u> .
	O falecido <u>deixou descendentes menores;</u> <u>deixou bens, e não</u> fez
	testamento; o seu cadáver <u>foi sepultado no cemitério do Prado do Repou-</u>
	<u>so, desta cidade</u> .
	Foi declarado <u>por José Ricardo, casado, empregado</u>
	<u>de agricultura, morador no Largo do Colégio da Guar-</u>
	<u>da, número trinta e dois, desta cidade</u> .
	Este registo, depois de lido e conferido com o seu extracto, vai ser assinado por mim
	<u>observador, não assinando o declarante por não</u>
	<u>saber</u> .
	A importância dos emolumentos é de <u>30 centavos cinco</u> centavos
	Repartição do Registo Civil do <u>Porto, Terceira Conservatória</u> ,
	aos <u>doze</u> dias do mês de <u>Setembro</u> de mil novecentos e <u>doze</u> a
	<u>dois</u>

³¹⁴ De modo a poder esclarecer o nome do Director e patrono da Escola, sentiu-se a necessidade de junto do Arquivo Central do Registo Civil do Porto, à rua Visconde Setúbal, consultar os seus dados pessoais. Note-se que o nome completo de Raul Dória aparecia de duas formas: no livro de Álvaro Dória, *O Prof. Raul Dória e a sua Escola*, aparecia “Mendes” e no *Dicionário de Educadores Portugueses* de António Nóvoa, aparecia “Montes”, concluindo-se que esta última versão é a correcta, conforme se pode observar através do registo de óbito que se apresenta.

Alvará nº 806, do Ministério da Educação Nacional.
Oficialização da Escola Prática Comercial Raul Dória.

MINISTÉRIO
DA
EDUCAÇÃO NACIONAL
INSPECÇÃO
DO
ENSINO PARTICULAR

ALVARA N.º 806

Ensino Técnico Comercial
Sexo Masculino *publicado*

Atendendo ao que me representou a firma Raul Dória, Limitada
pedindo autorização para abrir
na freguesia de Porto concelho de Porto
distrito de Porto um estabelecimento de ensino particular
denominado: ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA

Considerando que se acham cumpridas as prescrições da lei vigente sobre a
matéria:

Hei por bem conceder a respectiva autorização nos termos seguintes:

O estabelecimento, cujo funcionamento é autorizado, pode receber 240 alunos,
sendo 207 externos e 33 internos ~~para~~ para ministrar os seguintes cur-
sos e com as seguintes lotações:

Primário Elementar alunos
Legal)
Técnico Comercial: (duzentos e quarenta) alunos
Artístico alunos

Em regimen de planos e programas próprios
seu director José Campos Vaz

Está situado na Rua de Gonçalo Cristovão, nas 189 e 191

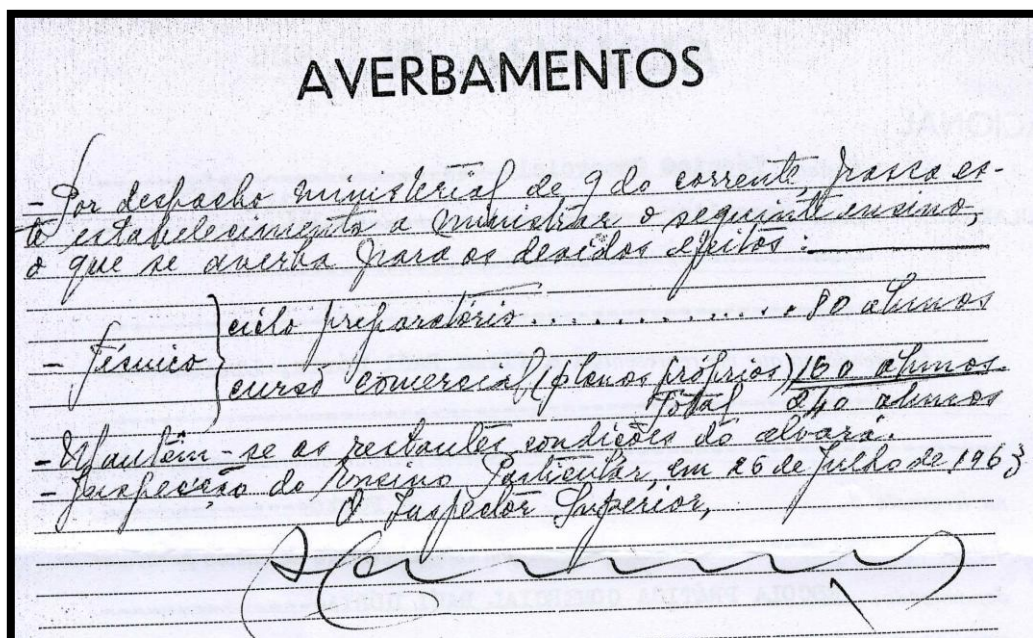
Ministério da Educação Nacional, em 14 de Dezembro de 1943

Consta do livro E N.º 399
14 de Dezembro de 1943

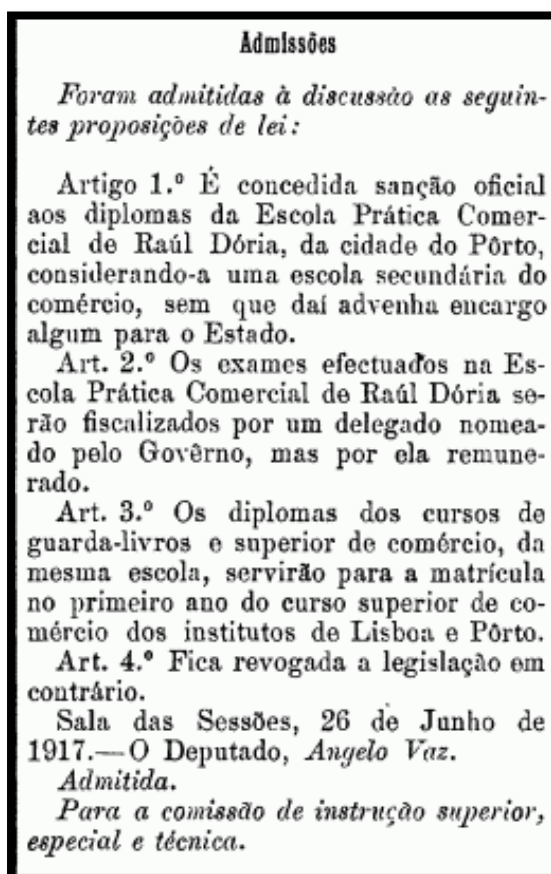
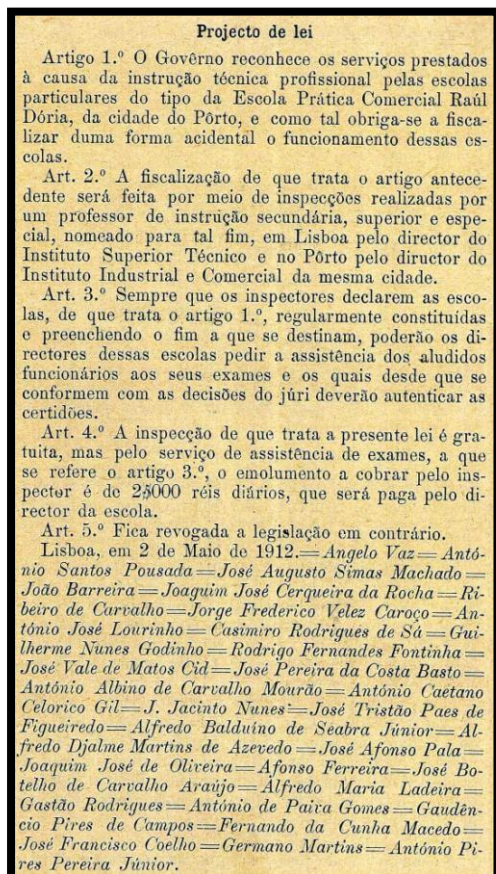
O Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional
W. J. J. J. J.

O Chefe da Repartição
J. J. J. J.

Verso do Alvará nº 806, do Ministério da Educação Nacional
Oficialização da Escola Prática Comercial Raul Dória



Projectos de Lei de 6 de Maio de 1912 e 26 de Junho de 1917,
respectivamente, sobre a Escola Prática Comercial Raul Dória



Corpo Docente da Escola Prática Comercial Raul Dória

QUADRO 1

Corpo Docente da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano Lectivo de 1905/1906			
A. Graça Sub-director	Arnaldo Casimiro Barbosa	Hugo de Noronha	M ^a da Conceição e Costa da Silva Dória (esposa de Raul Dória)
A. Abeilard Teixeira	Aurora Ribeiro Graça	J. Manuel Sequeira	M. ^{lle} Else Heimberg
Alberto Lopes da Silva	Charles Simon	J. dos Santos Pêra	Raul Dória Director e Fundador
Alfredo Pimenta	Francisco de Freitas	João Rodrigues	Ricardo Torres

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Livraria. Publicações. *Apreciações da Imprensa*. in *Jornal de Notícias* de 3 de Outubro de 1905. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1912, p. 5.

QUADRO 2

Corpo Docente (Professores Efectivos) da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano Lectivo de 1912/1913	
Professores Efectivos	Formação
Alberto Nobre	Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra
A. Alves Barbosa	Curso da Escola Normal do Porto e o de Guarda-livros pelo Instituto Industrial e Comercial do Porto
António Barradas	Quintanista da Faculdade de Medicina
António Dias Pimentel - Capitão	Curso Superior de Comércio, oficial do Exército e Guarda-livros
António Soares Monteiro	Abade de Leça do Balio
Artur Abeilard Teixeira	Bacharel em Direito pela Faculdade de Coimbra
Charles Simon	Professor de língua francesa
M. ^{lle} Elsa Heimburg	Professora de língua alemã
Francisco Serra	
Humberto Beça ³¹⁵	Curso da administração militar pela Escola do Exército e o de Guarda-livros pelo Instituto Industrial e Comercial do Porto
Hugo de Noronha	Curso preparatório de Filosofia da Universidade de Coimbra e 1º ano de Matemática, Química Geral e Desenho, da Academia Politécnica do Porto
Ivo Fernandes	
João de Sousa Cabral	Curso Superior de Comércio pelo Instituto Industrial e Comercial do Porto
José Campos Vaz	
José Jesus Vieira	
José Lopes Vieira	Curso Superior de Comércio pelo Instituto Industrial e Comercial do Porto
José Manuel Sequeira	Curso da Escola Normal do Porto
José dos Santos Pêra	Curso da Calcuttá High School
Raul Dória	Curso de Guarda-livros pelo Instituto Industrial e Comercial do Porto e da Escola Pigier de Paris
Raul Tamagnini Barbosa	Curso preparatório de Matemática Superior da Escola Politécnica de Lisboa e o Curso Superior de Comércio pelo Instituto Industrial e Comercial do Porto

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Livraria. Publicações. *Impressos informativos e de divulgação, 1910 a 1917. Anuário da Escola Raul Dória. Ano Lectivo 1912/1913*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1913, p. 18-19.

³¹⁵ De seu nome, Godofredo Humberto Ferro de Madureira Beça, nasceu em Bragança a 10 de Setembro de 1878, e faleceu no Porto, a 25 de Julho de 1923. Ver biografia mais completa nos anexos. Retirado de NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003, p. 157.

QUADRO 3

Corpo Docente (Professores Auxiliares, Especiais e Substitutos) da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano Lectivo de 1912/1913	
Professores Auxiliares	Formação
Avelino Teixeira	Curso de Guarda-livros da Escola Prática Comercial Raul Dória
A. Martins da Fonseca	Curso da Escola Elementar de Comércio e da Escola Raul Dória
Egídio Alberto Ribeiro	Professores do ensino livre
José Augusto Correia Guimarães	
José de Ornelas da Silva	
Luís C. Soares Monteiro	Curso Geral dos Liceus e ex-aluno da Escola Prática Comercial Raul Dória
Manuel Afonso de Almeida Oliveira	
Professores Especiais	Formação
A. Lopes	Professor de dança
Manuel Pinto de Figueiredo	Professor de música
Mário Aragão	Professor de ginástica e Capitão de Infantaria
Professores Substitutos	Formação
Álvaro Guedes	
Francisco José Monteiro Leite	
José Pinto Queirós Magalhães	
Manuel José Salgado - Reverendo	

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Livraria. Publicações. *Impressos informativos e de divulgação, 1910 a 1917. Anuário da Escola Raul Dória. Ano Lectivo 1912/1913*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1913, p. 18-19.

QUADRO 4

Corpo Docente da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano Lectivo de 1915/1916		
Professores Efectivos		
Aarão de Lacerda ³¹⁶	Arnaldo Correia de Lacerda	José Campos Vaz
António Barradas	Carlos Amatucci	Joaquim Pinto ³¹⁷
Alberto Alexandrino dos Santos	M. ^{elle} Else Heimburg	João Alexandrino dos Santos
Capitão António Dias Pimentel	Eugénio Gomes de Faria	João Sousa Cabral
António Pinto Barbosa	Francisco Seara	Manuel Almeida Oliveira
António Jordão P. Manso	Tenente-coronel Gaspar Cunha Prelado	Raul Dória
Artur Abeilard Teixeira	H. Brunswick	Raul Tamagnini Barbosa
Professores Auxiliares	Professores Especiais	Professores Substitutos
Avelino Teixeira	Major Mário Aragão – Ed. Física	Abade António Soares
António Jordão P. Manso	Manuel Pinto Figueiredo - Música	Francisco José Monteiro Leite
Alberto Sousa Dias	A.Lopes – Dança	Henrique de Almeida de Eça
Luís A. Mourão	Alfredo Filipe Borges – Orfeão	José Lopes Vieira
	Alferes Barros Bastos - Adueros	José Manuel Sequeira
		José Pinto Queirós Magalhães
		Manuel J. Salgado - Rev ^o

FONTE: *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano Lectivo de 1915/1916*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1916, p. 17-19

³¹⁶ De seu nome, Aarão Soeiro de Lacerda, nasceu no Porto em 1890 e faleceu em Curia – Anadia, a 7 de Setembro de 1947. Ver biografia mais completa nos anexos. Retirado de NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003, p. 690.

³¹⁷ De seu nome, Joaquim Nunes Pinto, nasceu no Seixal a 11 de Julho de 1894, quanto ao seu falecimento, não dispomos de quaisquer elementos. Ver biografia mais completa nos anexos. Retirado de NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003, p. 1104.

QUADRO 5

Corpo Docente da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano Lectivo de 1917/1918		
Professores Efectivos		
Aarão de Lacerda	Arnaldo Correia de Lacerda	José Campos Vaz
Acácio Lobo - Capitão	Carlos Amatucci	João Alexandrino dos Santos
Amadeu Soares Pereira	Carlos Cóque	Joaquim Pinto
António Costa Reis	Delfim Dumont	José Vieira
António Dias Pimentel - Capitão	Edmond Riley	Manuel Almeida Oliveira
António F. Ferreira	M. ^{elle} Else Heimburg	Raul Dória
António Pinto Barbosa	Eugénio Gomes de Faria	Raul Tamagnini Barbosa
António Jordão P. Manso	Francisco Seara	Rogério Barbosa
Artur Abeilard Teixeira	Coronel Gaspar Cunha Prelado	
Professores Auxiliares		
Alberto Sousa Dias	Avelino Teixeira	
Professores Especiais		
A.Lopes - Dança	Alberto Pimenta (Música)	Barros Bastos (Aduarismo)
Mário Aragão Tenente-coronel - (Ed. Física)		
Professores Substitutos		
Aires Carvalho	Alberto Casimiro da Silva	António Monteiro - Abade
Amâncio Leão	Bernardino Lima Vilar	Elísio Milheiro Fernandes
F. José Monteiro Leite	Henrique de Almeida de Eça	Ivo Xavier Fernandes
José Lopes Vieira	José Pinto Queirós Magalhães	Rodrigo Abballe
Tomás M. Correia Brandão		

FONTE: *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano lectivo de 1917/1918*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1918, p. 3.

QUADRO 6

Corpo Docente da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano Lectivo de 1918/1919		
Professores Efectivos		
Aarão de Lacerda	Arnaldo Correia de Lacerda	Joaquim Pinto
Capitão Acácio Lobo	Bernardino Lima Vilar	José Maria Oliveira
Alberto de Sousa Dias	Carlos Amatucci	José Vieira
António Costa Reis	Carlos Cóque	Leal da Câmara
Capitão António Dias Pimentel	Engº Custódio Guimarães	Manuel Almeida Oliveira
António Falcão de Oliveira	Delfim Dumont	Raul Dória
António Luís Soares Duarte Júnior	Francisco Seara	Raul Tamagnini Barbosa
Engº António Jordão Paiva Manso	Coronel Gaspar Cunha Prelado	Ricardo Cruz
António M. Lopes de Carvalho	José Campos Vaz	
Artur Abeilard Teixeira	João Alexandrino dos Santos	
Professores Auxiliares		
António Álvaro da Silva Dória ³¹⁸	Avelino Teixeira	José Macedo Bastos
Professores Especiais		
Alberto Pimenta (Música)	A.Lopes (Dança)	Barros Bastos (Aduarismo)
Manuel N. Oliveira - Sargento	Mário Aragão (Ed. Física)	
Professores Substitutos		
Aires Carvalho	Amâncio Leão	António Monteiro - Abade
Delfim Ribeiro de Oliveira - Engº	Elísio Milheiro Fernandes	F. José Monteiro Leite
Henrique de Almeida de Eça	Ivo Xavier Fernandes	José Lopes Vieira
José Pinto Queirós Magalhães	Rodrigo Abballe	Tomás M. Correia Brandão

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Livraria. Publicações – 1909/1952. *Anuário da Escola Raul Dória. Ano lectivo de 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1919, p. 11-12.

³¹⁸ De seu nome, António Álvaro da Silva Dória, nasceu no Porto em 26 de Outubro de 1902 e faleceu em Braga, a 10 de Setembro de 1990. Ver biografia mais completa nos anexos. Retirado de NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003, p. 501-502.

QUADRO 7

Corpo Docente da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano Lectivo de 1927/1928			
Alberto de Sousa Dias	Bernardino Lima Vilar	Joaquim Pinto	Júlio Cardoso
António Álvaro Dória	Carlos Amatucci	José Campos Vaz	Manuel de Oliveira Cabral
Major António Dias Pimentel	Carlos Cóque	José de Lobão de Carvalho – Edu. Física	Manuel J. Marques Dias
Armindo Lopes	Henry Fowke	José Vieira	Simeão Pinto de Mesquita
Artur Abeilard Teixeira	João Vieira Silva	José Queirós Magalhães	Tenente Humberto Almeida

FONTE: *Anuário da Escola Prática Comercial Raul Dória - Ano lectivo de 1927/1928*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, Outubro de 1928, p. 13.

QUADRO 8

CORPO NÃO DOCENTE DA ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA				
Anuário da Escola 1912/1913	Anuário da Escola 1915/1916	Anuário da Escola 1917/1918	Anuário da Escola 1918/1919	Anuário da Escola 1927/1928
INSPECÇÃO SANITÁRIA	INSPECÇÃO SANITÁRIA	INSPECÇÃO SANITÁRIA	INSPECÇÃO SANITÁRIA	INSPECÇÃO SANITÁRIA
Médicos	Médicos	Médicos	Médicos	Médicos
José Guedes	José Guedes	José Guedes	José Guedes	José Guedes
Jaime Vieira Coelho	Jaime Vieira Coelho	Jaime Vieira Coelho	Jaime Vieira Coelho	Jaime Vieira Coelho
Farmacêuticos	Farmacêuticos	Farmacêuticos	Farmacêuticos	Farmacêutico
Vasco Garcia de Lima	Vasco Garcia de Lima	Vasco Garcia de Lima	Vasco Garcia de Lima	M.A. de Barros
Alcibiades de Barros	Alcibiades de Barros	Alcibiades de Barros	Manuel Augusto de Barros	SECRETARIA
Enfermeiro	Enfermeiro	Enfermeiro	Enfermeiro	Secretário (Guarda-livros)
Joaquim Ferreira	Joaquim Ferreira	Joaquim Ferreira	Joaquim Ferreira	Joaquim Augusto Chasqueira
SECRETARIA	SECRETARIA	SECRETARIA	SECRETARIA	Ajudante
Secretário	Secretário	Secretário	Secretário	Armindo Pereira de Matos
João Alexandrino dos Santos	Joaquim Abelha Florentino	Joaquim Augusto Chasqueira	Joaquim Augusto Chasqueira	PESSOAL MENOR
Amanuenses	Amanuenses	Guarda-livros	Guarda-livros	Bedel
Joaquim José Moreira	Ernesto Cruz Soares	António Álvaro da Silva Dória	António Álvaro da Silva Dória	Américo Timóteo de Carvalho
Joaquim Almeida Costa	Joaquim Augusto Chasqueira	Ajudante	Ajudante	Porteiros
Rafael Xavier de Carvalho	Júlio Faria Mourão	Júlio Faria Mourão	Júlio Faria Mourão	Domingos Gomes Correia
FISCALIZAÇÃO	António Diégues	Amanuenses	Amanuenses	Manuel Joaquim Aires
Fiscal	FISCALIZAÇÃO	Georgina Soares de Oliveira	Georgina Soares de Oliveira	
José de Ornelas da Silva	Fiscal	Ricardo Cruz	António Chasqueira	
Prefeito	Augusto Jorge Garcia	Severo Cruz Soares	FISCALIZAÇÃO	
António Alves Júnior	Prefeitos	FISCALIZAÇÃO	Fiscal	
PESSOAL MENOR	Augusto Teixeira de Carvalho	Fiscal	António Pereira Júnior	
Contínuos	Marçal de Azevedo e Silva	António Pereira Júnior	Prefeitos	
António Baptista	PESSOAL MENOR	Prefeitos	Manuel Martins Coelho	
Manuel Teixeira da Silva	Contínuos	Marçal de Azevedo e Silva	A.Silva Rocha	
Porteiro	Alfredo Costa Moura	Fernando S. Pereira do Lago	PESSOAL MENOR	
João Braga	Eduardo Pinto Carvalho	PESSOAL MENOR	Mordomo	
	Porteiro	Contínuos	Manuel dos Santos Júnior	
	António Teixeira	Alfredo Costa Moura	Contínuos	
		José Correia Cabral	Alfredo Costa Moura	
		Porteiros	José Morais	
		Manuel Simões Guimarães	Porteiros	
		António José	Manuel Simões Guimarães	
			António José	

FONTE: Arquivo Distrital do Porto. EMP - *Escola Prática Comercial Raul Dória*: Livraria. Publicações – 1909/1952. *Anuários da Escola Raul Dória. Anos lectivos de 1912/1913, 1915/1916, 1917/1918 e 1918/1919*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória.

QUADRO 9

FREQUÊNCIA DE CURSOS/DISCIPLINAS [ISOLADAS/SINGULARES] DE ALUNOS INSCRITOS/MATRICULADOS NA ESCOLA PRÁTICA COMERCIAL RAUL DÓRIA ENTRE OS ANOS LECTIVOS DE 1910/1911 A 1963/1964							
Anos Lectivos	Secundário/Superior de Comércio	Guarda-livros	Complementar	Elementar/Emp. de Comércio ou Escritório	Preparatório	Disciplinas [Isoladas/Singulares]	Instrução Primário
1910/11	3	78	3	12	16	39	2
1911/12	4	142	-	3	22	82	5
1912/13	5	157	-	2	43	100	1
1913/14	5	171	6	3	58	84	2
1914/15	-	195	3	3	56	64	2
1915/16	3	203	-	1	51	71	1
1916/17	2	134	4	-	34	44	-
1917/18	3	176	1	-	45	55	-
1918/19	6	174	3	-	54	72	-
1919/20	10	186	1	10	61	83	1
1920/21	1	180	1	18	91	135	-
1921/22	1	26	1	6	16	49	-
1922/23	-	128	5	13	80	63	-
1923/24	-	147	4	8	97	88	-
1924/25	-	125	1	12	72	50	-
1925/26	-	101	-	4	73	37	-
1926/27	-	1	-	-	10	14	-
1927/28	-	-	-	-	-	-	-
1928/29	-	97	1	3	-	35	-
1929/30	-	113	1	4	-	47	-
1930/31	-	101	2	4	-	41	-
1931/32	-	4	-	1	-	8	-
1932/33	-	-	-	-	-	-	-
1933/34	-	-	-	-	-	-	-
1934/35	-	61	-	2	-	18	-
1935/36	-	5	-	-	-	8	-
1936/37	-	87	-	6	-	13	-
1937/38	-	7	-	4	-	2	-
1938/39	-	-	-	-	-	-	-
1939/40	-	95	-	-	-	15	-
1940/41	-	90	-	-	-	18	-
1941/42	-	4	-	-	-	2	-
1942/43	-	124	-	-	-	19	-
1943/44	-	136	-	-	-	33	-
1944/45	-	155	-	-	-	26	-
1945/46	-	175	-	-	-	27	-
1946/47	-	169	-	-	-	31	-
1947/48	-	160	-	-	-	14	-
1948/49	-	165	-	-	-	18	-
1949/50	-	181	-	-	-	24	-
1950/51	-	178	-	-	-	21	-
1951/52	-	177	-	-	-	31	-
1952/53	-	155	-	-	-	30	-
1953/54	-	145	-	-	-	12	-
1954/55	-	114	-	-	-	16	-
1955/56	-	101	-	-	-	8	-
1956/57	-	91	-	-	-	5	-
1957/58	-	82	-	-	-	4	-
1958/59	-	92	-	-	-	4	-
1959/60	-	-	-	-	-	-	-
1960/61	-	149	-	-	-	9	-
1961/62	-	60	-	-	-	3	-
1962/63	-	48	-	-	-	-	-
1963/64	-	40	-	-	-	1	-

Fonte: Arquivo Distrital do Porto. EMP - Escola Prática Comercial Raul Dória: Secretaria/Serviços Administrativos. *Boletins de Inscrição - Assentos de Matrícula*. Porto: Tipografia da Escola Prática Comercial Raul Dória, 1910-1964.

Anexos II – Biografias

BEÇA, Godofredo Humberto Ferro de Madureira, nasceu em Bragança a 10 de Setembro de 1878, e faleceu no Porto, a 25 de Julho de 1923. Filho de um oficial do exército, frequenta a Escola do Exército e atinge o posto de alferes. Vê-se forçado a abandonar a vida militar, depois de ter caído de um cavalo. Envereda, então, pelo professorado, leccionando numa escola primária e em vários estabelecimentos de ensino comercial, nomeadamente na Escola Raul Dória, no Porto. Depois da Implantação da República, é nomeado professor do Instituto Comercial do Porto, onde ensina Contabilidade Geral. Escreve obras didácticas de Contabilidade, Escrituração Comercial e Bancária, Geografia Comercial, Aritmética e verbos franceses. É também autor de obras históricas, monográficas e literárias, tendo escrito um pequeno poema sobre a morte de Francisco Ferrer e vários textos a propósito da “Festa da Árvore”. É sócio da Sociedade de Estudos Pedagógicos, da Sociedade de Geografia de Lisboa, do Instituto Etnológico da Beira, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, da Associação dos Jornalistas do Porto e do Centro Republicano Rodrigues de Freitas. É redactor principal de *O Guarda Livros*, correspondente do jornal *O Século* em Ermesinde e colaborador da *Ilustração Portuguesa*. Participa no 3º Congresso Pedagógico, organizado pela Liga Nacional de Instrução, em 1912, com uma comunicação sobre “Educação cívica na escola primária”: “No período das conquistas, a alma nacional retemperava-se na refrega das batalhas ou no assalto e defesa das fortalezas; na época presente essa renovação consciência colectiva, esse revigorar das forças dum povo, esse renascer da vitalidade nacional, só pode fazer por intermédio da Escola nos seus diferentes degraus, mas principalmente por intermédio da Escola Primária com que a grande massa popular está mais directamente em contacto. De facto a Escola Primária é o moderno anteu onde a Nação vai readquirir as forças perdidas nas lutas do progresso e da liberdade. Todas as solitudes, todos os cuidados, pois, que com a Escola Primária se tenham, nunca serão de mais, porque será dela, e só dela que nos há-de vir o ressurgimento da Pátria”. Nesta comunicação defende ainda que: “A educação cívica tem de começar imediata e intensivamente nas escolas existentes e deve começar a dar à criança, na idade que a pedagogia o entender, a noção de homem - cidadão, ligar esta noção com a noção de família – o lar -, depois a Pátria, a colectividade nacional, o solo, a língua, os costumes, o símbolo da Pátria – a bandeira. [...] Procurar-se-ia desenvolver assim mais conscientemente o sentimento patriótico do povo e de par os sentimentos do altruísmo, da generosidade, do respeito, da bondade que faz os bons cidadãos, os modelares chefes de família e os grandes patriotas. Num outro plano, Humberto Beça defende “a necessidade de organizar com urgência o ensino comercial, aquele justamente de que todos esperam o ressurgimento do país, mas aquele também que tem sido sempre, tanto na monarquia como na República, votado ao mais completo desprezo”. Essa reforma deve passa pela simplificação e redução do ensino do comércio, “afastando-o do bacharelato - mania, que tanto nos ataca”. Considera um erro profissional e pedagógica a existência do 7º ano para matrícula no Curso Superior de Comércio: “Profissional, porque o futuro negociante precisa entrar cedo na prática da vida, onde tem de estudar e conhecer ainda o meio, o ambiente em que vai operar e que nas escolas, por mais práticas que sejam, não pode aprender. É portanto um erro fazê-lo perder tempo com superficialidades que à sua profissão não utilizam imediatamente. Erro pedagógico, porque as matérias que constituem o ensino comercial propriamente dito não exigem para o seu estudo o conhecimento prévio das matérias do 7º ano dos liceus, curso este onde há muitas coisas que o negociante pode dispensar”. Retirado de NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003, p. 157-158.

DÓRIA, António Álvaro da Silva, nasceu no Porto em 26 de Outubro de 1902 e faleceu em Braga, a 10 de Setembro de 1990. Após concluir o curso de Guarda-livros na escola com o nome de seu pai – Raul Dória (Porto) –, inicia aqui a sua actividade docente, leccionando, em 1920, as disciplinas de Escrituração Comercial e Francês. Deste modo, dá continuidade à obra de seu pai que foi, no século XIX, um dos grandes promotores do ensino técnico numa época em que a burguesia comercial do Norte do país procurava formar “quadros” para o desenvolvimento do país e também para consolidar as suas posições e interesses. Álvaro Dória desenvolve todo o seu percurso profissional ligado a este ramo de ensino, ingressando, em 1938, na Escola Comercial e Industrial de Braga, cidade em que residirá até aos últimos anos da sua vida. Nesta escola leccionará as mais variadas disciplinas, desde Inglês a História, passando por Francês, Dactilografia, Caligrafia e Contabilidade. Entre 1935 e 1938, dedica-se à crítica literária na revista *Gil Vicente* de Guimarães e à opinião económica na *Revista de Contabilidade e Comércio* do Porto. Será também colaborador da revista *Sempre Pronto*, órgão oficial da Associação dos Escuteiros de Portugal. Mais tarde virá a colaborar na Revista da Câmara Municipal de Braga *Bracara Augusta*. Enquanto autor, deu especial atenção à “construção de materiais de apoio a estudo” muito especialmente de dicionários. Em Junho de 1990, pouco antes de falecer, será condecorado pelo Estado português com a Ordem Militar de Santiago de Espada em reconhecimento da “sua alta cultura e dedicação”.

Ao atentarmos na sua obra, parece evidente estarmos perante um autor multifacetado, que se dedicou aos mais variados géneros. Os estudos de literatura, a tradução e a biografia ocuparam grande parte da sua atenção. Mas também é legítimo concluir que se trata, acima de tudo, de um dicionarista, pois é vasta a sua produção nesta área (dicionários de línguas, técnicos, etc.), ainda que a sua concepção seja acima de tudo “utilitarista”: “Entende-se que um dicionário escolar deve ser, antes de mais, obras de utilidade imediata: jamais obra erudita. Não pensando compor um livro para eruditos, tivemos em vista pô-lo ao alcance daqueles que dele mais precisam: os estudantes e os correspondentes”. Nesta perspectiva, não é de estranhar que, por diversas vezes, refira o facto de a grafia ter sido actualizada e de terem sido retirados os termos em desuso, acrescentando-se os que iam aparecendo na língua portuguesa. A ausência de transcrição fonética nos seus dicionários é justificada com a ideia de que o dicionário não é um guia de conversação e de que uma língua só se aprende praticando-se. A análise algo pessimista que faz da sociedade, o descrédito em que coloca a educação nos anos cinquenta e o contacto com o movimento escutista conduzem Álvaro Dória a evidenciar preocupações com áreas que, na sua perspectiva, podiam desempenhar um papel fundamental na educação mas que, infelizmente, se têm revelado perniciosas. Nesta linha de pensamento, em 1954, tece fortes críticas ao cinema que se faz, ao jornalismo desportivo que se pratica e ao desporto - espectáculo eivado de profissionalismo e fanatismo clubístico. Os clubes são pois, segundo Álvaro Dória, a par dos agentes desportivos e jornalísticos, os grandes culpados do abaixamento cultural e educacional do povo. Mas esta constatação não o leva a concluir que o desporto não é necessário ou que o cinema não é útil. Bem pelo contrário. Considera o desporto fonte potencial de saúde e equilíbrio e o cinema um auxiliar importante na dupla possibilidade de atingir camadas da população sem acesso ao livro e de funcionar como meio complementar do ensino. Dá a este respeito o exemplo da reconstituição histórica através do meio audiovisual, abrindo assim perspectivas metodológicas que só alguns anos mais tarde se popularizariam.

Desgostoso com o estado da educação, tanto mais que nela via toda a capacidade de regeneração da sociedade, não isenta de críticas o corpo docente, afirmando que há estabelecimentos de ensino em que os mestres dão aos discípulos “o exemplo lamentável de se descomporem em insultos soezes, usando, até, palavras de baixo calão, independentemente de outras atitudes de pouco decoro, nos antípodas daqueles preceitos pedagógicos da moderna Escola, que visaram desde o principio pôr termo ao rigorismo da velha pedagogia da férula e do simonte”. Algumas destas ideias, desenvolve-as a propósito de um texto sobre *António Sérgio, educador do povo português*, dado à estampa em 1969. Cremos que é possível afirmar que Álvaro Dória pautou a sua vida e norteou as suas

intervenções no campo educativo pela tentativa de elevar o nível educacional do aluno, nomeadamente através da produção de materiais de apoio ou consulta. Por fim, é interessante mencionar a sua tentativa para continuar o esforço de desenvolvimento do ensino técnico que havia sido iniciado por seu pai e de que a reedição, em 1955-1957, revista e actualizada, da obra *Dicionário Prático de Comércio*, publicada 40 anos antes por Raul Dória, é, porventura, o melhor exemplo. Retirado de NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003, p. 501-502.

DÓRIA, José Maria da Silva, Nasceu na freguesia de São Bartolomeu em Coimbra, a 15 de Fevereiro de 1854 e faleceu no Porto na tarde de 17 de Março de 1917, com 63 anos. Pai de Raul Dória, descendente de uma família de liberais, veio para o Porto aos 12 anos e pouco tempo depois começou a manifestar as suas ideias republicanas. Figura destacada no partido republicano portuense, industrial de alfaiataria, de espírito compreensivo e aspecto austero, foi administrador da Escola até ao seu falecimento, sendo sepultado no cemitério do Prado do Repouso, no Porto.

Partilhou activamente do movimento de 31 de Janeiro, e depois para socorrer os órfãos, viúvas e mutilados da Revoluções. Foi encarregado de distribuir dinheiro pelos civis e militares prisioneiros. Em 31 de Janeiro impôs-se aos próprios adversários pela sua honestidade e firmeza de carácter. Desde o 31 de Janeiro até à Implantação da República, o seu trabalho foi activo e constante. Na sua residência resolveram-se e traçaram-se vários planos, agrupando-se lá, ocultamente, as figuras de maior destaque da propaganda republicana. A sua acção no Concelhos de Gaia também foi importante, fundando-se em Gulpilhares um centro republicano com o seu nome. Na Maçonaria ocupou um lugar proeminente, sendo-lhe conferido o grau mais elevado. Fundou as lojas «Liberdade e Progresso», «Luz do Norte» e «Vitória», sendo eleito presidente delas por várias vezes. Depois da Implantação da República, foi nomeado Directord do Asilo de Mendicidade do Porto, cargo que exerceu com notável zelo e inteligência, até quando o exacerbamento da doença [cirrose] o prostrou. Foi também administrador da Escola Raul Dória, cuja esplendorosa vitalidade se lhe deve em grande parte. Retirado dos Jornais *O Primeiro de Janeiro*. Ano 65. Domingo, 18 de Março de 1917, p. 3; do *O Comércio do Porto*. Ano LXIV, nº 65. Domingo, 18 de Março de 1917, p. 3; D Ó R I A, António Álvaro – *O Prof. Raul Dória e a sua Escola*. Braga: Janeiro de 1968, p. 4 e Arquivo Central do Porto. Registo Civil. *Original de Registo de Óbito* de Raul Montes da Silva Dória. Registo nº 718. Porto: 15 de Setembro de 1922.

DÓRIA, Raul Montes da Silva, nasceu no Porto a 6 de Janeiro de 1878 e faleceu na mesma cidade a 15 de Setembro de 1922. Filho do republicano José Maria da Silva Dória, contactou bem cedo com os núcleos republicanos do Porto, logo na época do 31 de Janeiro de 1891. Foi redactor principal do jornal *A Mocidade* que, em palavras suas, hasteava “a bandeira da democracia consciente de que ela traz a regeneração do país”. Mais tarde escreveria: “somos o Partido do povo, somos republicanos, somos revolucionários”, afirmando a sua ideologia e o desejo de mudança que, ao longo da sua vida profissional, o levariam a lutar por uma “sociedade pedagógica”. Guarda-livros, contabilista, publicista, pedagogo e professor do ensino técnico-profissional, Raul Dória frequentou o último ano do curso no antigo Instituto Industrial e Comercial do Porto. Diplomou-se na École Pratique Pigier (Paris), escola comercial que acompanhou pedagogicamente outras já existentes na Europa, como a Pitman’s School em Inglaterra, cujos princípios orientadores eram os dos business colleges americanos. O desenvolvimento do tecido empresarial requeria profissionais com formação rigorosa e prática, com uma forte ligação entre escola e empresa.

Raul Dória vem a criar o Curso Comercial e Caligráfico, mas o modelo onde vai introduzir a inovação pedagógica a que dedicará toda a sua vida será na Escola Prática e Comercial Raul Dória, inaugurada no Porto em 30 de Novembro de 1902. Sediada na Rua Fernandes Tomás, é instalada num edifício planeado e construído de modo a conseguir as melhores condições de luz e arejamento, sendo dotada do mobiliário e material didáctico mais adequados. Com um corpo docente composto por alguns professores de renome, como Raul Tamagnini e Aarão de Lacerda, entre outros, leccionava-se nesta escola um conjunto de matérias que abrangiam Línguas Estrangeiras, Educação Física, Música, Dança e Canto Coral. Exemplar pelas suas características práticas era a “Sala de Comércio”, onde os alunos podiam praticar “a caixa”, “o banco”, “a casa de câmbio”, o dinheiro “papel e moeda”, os “cheques”, as “letras”. A escola foi considerada única no seu género na Península Ibérica, tendo sido também frequentada por alunos brasileiros. Serviu de modelo para a organização de outra instituição similar em Moçambique. Com o advento da República, foi apresentado um projecto de lei, subscrito por 33 deputados, entre eles o professor Raul Tamagnini, para ser atribuído carácter semi oficial à escola, em atenção aos serviços prestados ao ensino técnico profissional. Ao longo do tempo, aquele estabelecimento de ensino foi sempre enriquecido com novos meios complementares de educação, informação e divulgação, tipografia, editora, livraria, etc., tendo promovido a edição de obras adoptadas ao ensino oficial, um anuário e revista. São de destacar os *Exercícios caligráficos para as escolas primárias*, com uma cuidadosa explicação sobre as correctas posições do corpo, do papel e da caneta e uma colecção de sete cadernetas com 32 páginas, ao preço de 30 réis. Revelador de um trabalho profundo, exaustivo e especializado é o *Dicionário Prático de Comércio* abrangendo todas as matérias comerciais com remissivas para o *Código Comercial*, profusamente ilustrado, dedicado “aos empregados de comércio que, sem conhecimentos profundos e sem livros próprios, encontrarão nele um auxiliar de fácil consulta”. Rapidamente esgotado, foi feita uma reedição pelo seu filho António Álvaro Dória, aumentada e actualizada para acompanhar a profunda mudança operada nas técnicas com a I Guerra Mundial. Quanto aos periódicos, refira-se *O Guarda-Livros*, revista quinzenal de estudos comerciais e industriais, publicada entre 1908 e 1914 e continuada pela *Revista Contabilidade* (1916-1917). A publicação divulgava matéria da especialidade e informação bibliográfica, dava notícias das palestras a realizar e inseria uma “galeria de antigos alunos”. O grafismo da revista, incluindo os separadores de matérias, estava orientado para a divulgação dos livros editados pela instituição, dos cursos existentes e respectivas disciplinas, dos nomes dos professores e até extractos do “Livro dos Visitantes” (onde constavam nomes como Magalhães Lima, Sobral Cid, Afonso Costa, etc.). A Escola Prática Comercial Raul Dória foi agraciada com o grau de Oficial da Ordem de Instrução Pública, tendo sido premiada com medalhas de ouro, prata e diploma de honra na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1908, Internacional de Joinville (França), em 1912, e Internacional do Rio de Janeiro em 1923. António Álvaro Dória explica em diversos apontamentos biográficos a importância da obra de seu pai, sublinhando que o carácter prático imprimido “ao ensino da Contabilidade e da Escrituração Comercial teve o condão de preparar para o exercício da profissão tantas gerações de jovens que por ali passaram, e de tal modo elas foram preparadas que ao deixarem os bancos da Escola para os substituírem pelas cadeiras dos escritórios, para onde haviam ido trabalhar logo após a conclusão dos seus cursos, os estudantes confessavam não ter sentido a mais pequena diferença entre os trabalhos escolares, práticos mas fictícios, e as suas novas ocupações, que eram já uma realidade visível e palpável. Com a morte de Raul Dória, em 1922, “perde-se um espírito organizador, um promotor do ensino técnico-comercial que toda a sua vida lutou por uma ideia patriótica, tendo acompanhado as evoluções dos métodos”. A Escola deixou de pertencer à família, mas manteve o seu nome ao longo do tempo. Retirado de NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003, p. 504-506.

LACERDA, Aarão Soeiro de, nasceu no Porto em 1890 e faleceu em Curia – Anadia, a 7 de Setembro de 1947. Filho de professor da Academia Politécnica do Porto e deputado, Aarão de Lacerda cresce num contexto característico das elites portuenses. Depois de frequentar a escola primária e o liceu do Porto, matricula-se em Coimbra na Faculdade de Direito. No entanto, os seus interesses estão mais ligados à arte do que à advocacia. Um ano após ter iniciado a sua carreira de advogado, volta à Universidade de Coimbra, para a Faculdade de Letras, onde afirma ter sido “ouvinte e depois discípulo do Dr. Teixeira de Carvalho, durante a minha frequência universitária na cadeira de Estética e História de Arte”. De regresso ao Porto, em 1915, lecciona na Escola Superior de Belas Artes e, a partir de 1921, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto: “Infatigável e insatisfeito, Aarão não adormece à sombra dos louros conquistados. Revela-se o mais activo interveniente na vida da escola, cuidando também de promover que seja projectada no exterior a sua acção”, esteve presente na última reunião do Conselho Escolar da Faculdade de Letras, entretanto extinta: “Mais tarde, Aarão de Lacerda voltaria a Coimbra, para aí assegurar a docência na Universidade das matérias que eram tanto do seu agrado”. Especialista de Arte e de História de Arte, teve uma acção importante na primeira metade do século XX. É neste plano que merece destaque a sua acção pedagógica, como professor e como divulgador de Arte. Na sua única reflexão educativa publicada, Aarão de Lacerda alinha com os grupos para os quais é necessário criar um espaço de formação de uma elite educadora cuja missão é a instituir um poder intelectual susceptível de modificar as relações educativas em Portugal no princípio do século. Esse espaço resulta de nevrose causada pela I Grande Guerra Mundial. Estabelecendo uma ligação entre os traumatismos da personalidade individual e a mentalidade colectiva, Aarão de Lacerda vê numa elite integradora os benefícios das terapêuticas psiquiátricas suas contemporâneas. Desenha, nesse sentido, o esboço de uma educação que aumente a concentração mental do povo português: uma formação social com interdependência de saberes, transmitidos numa escola única por “professores-apóstolos”. Procurando uma “didáctica viva”, propõe que a sedução estética funcione como princípio do processo educativo. Este uso da representação artística na educação representa o contributo mais original de Aarão de Lacerda. Segundo Manuel de Figueiredo, “ele era o estudioso, o erudito – mais dedicado ao professorado do que à investigação, e assim a obra erudita que nos deixou, larga e valiosa, se não apresenta pontos de vista marcadamente pessoais, revela-nos uma larga soma de conhecimentos por ele cuidadosamente ordenados, joeirados e discriminados”. Retirado de NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003, p. 690.

PINTO, Joaquim Nunes, nasceu no Seixal a 11 de Julho de 1894, quanto ao seu falecimento, não dispomos de quaisquer elementos. Professor de Música e compositor, dedica particular atenção à promoção social, cultural e educativa dos cegos. Tendo perdido a visão no primeiro ano de vida, inicia, em 1903, os seus estudos no Instituto Branco Rodrigues, através do método de Braille. Em 1912, faz o exame da instrução primária na Escola de Campolide. No ano seguinte, frequenta a Escola Oficial de Cascais. Posteriormente, faz os exames liceais de Português e Francês e inscreve-se no Conservatório Nacional de Música de Lisboa. Em 1920, concluiu o Curso Superior de Piano, com nota final de 20 valores. Dá aulas de música no Instituto Branco Rodrigues ao longo de várias décadas. Autor de diversas composições musicais, nomeadamente para piano, participa em recitais de beneficência a favor dos cegos e profere palestras tiflológicas. A actividade pedagógica de Joaquim Nunes Pinto inclui, por um lado, uma vasta prática de ensino musical de invisuais, e, por outro, uma reflexão sobre as suas carências sociais, culturais e educativas. Dessa reflexão surgem algumas propostas concretas de criação de mecanismos de auxílio e valorização sociocultural dos cegos. Face à insuficiência de escolas para cegos em Portugal, defende a expansão do ensino a todo o

país, “por meio da criação de filiais, ou delegações subordinadas a um estabelecimento-chefe, coordenador e orientador de todos os serviços pedagógicos e técnicos especiais”; na sua opinião, seria útil estabelecer, “para este ensino especial, uma organização corporativista e que muito bem caberia dentro das normas que regem o actual Estado Português”. Esse novo organismo corporativo, que se poderia chamar “Casa dos Cegos Trabalhadores”, deveria prestar assistência a todos os cegos portugueses, promovendo a sua escolarização, formação e orientação profissional, integração no mercado de trabalho e elevação cultural.

Mais tarde, apresenta outra proposta, já fora do âmbito corporativo, no livro *Estudo projecto destinado à criação de uma obra assistencial tifológica denominada Centro Cultural de Reabilitação de Cegos* (1958). Esse centro contaria com três secções, com atribuições específicas: à primeira cabia fundar uma “Biblioteca Braille” literária, móvel e generalista, uma “Biblioteca Braille” musical, uma “Bibliodisoteca” (livro falado), destinada a auxiliar aqueles que, tendo cegado tardiamente, não possuem sensibilidade para ler o “Braille”, e uma oficina de encadernação; a segunda devia instituir cursos de línguas, cursos de dactilografia e estenografia e um curso de massagem, promover a colocação no mercado de trabalho dos invisuais já formados, estudar os problemas relacionados com a tiflogia, e assumir junto dos poderes públicos a defesa dos interesses dos cegos; à terceira competia a promoção profissional dos invisuais, publicando o seu trabalho por meio de exposições, criando centros profissionais, procurando colocar o trabalhador cego na indústria, no comércio e nos serviços. Consciente de que “a criança cega deve começar a sua educação, desde a mais tenra idade, tal como a que vê”. Nunes Pinto assume-se como um defensor do ensino infantil dos cegos e da sua formação nos sucessivos graus do sistema escolar, até à universidade. Paralelamente, salienta a importância da formação profissional dos invisuais, adaptadas às suas capacidades. A solução do problema dos cegos portugueses passaria pela criação de um organismo (corporativo ou não) de assistência, de âmbito nacional e com meios financeiros e técnicos efectivos. Retirado de NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003, p. 1104.

VAZ, Ângelo Alves de Sousa, nasceu em Lisboa em 16 de Novembro de 1879 e faleceu no Porto, a 6 de Dezembro de 1962. Filho do oficial da Armada, Júlio Alves de Sousa Vaz, e de Maria Vitória Brandão de Sousa Vaz, e genro de Bernardino Machado, frequenta a Escola Froebel no Jardim da Estrela, iniciando o ensino primário na Escola Municipal nº 11 de Lisboa. No seu livro autobiográfico *Vida Vivida – Homens da República* faz alusão às memórias desse tempo: “Foi em algumas destas excursões mensais à Baixa que contemplei o desfilar garboso dos batalhões de alunos das escolas municipais de Lisboa, devidamente uniformizados e equipados com pequenas espingardas [...] marchando atrás das cornetas e tambores ou de filarmónicas”. Forma-se em Medicina em 1902, partindo de seguida para Paris onde esteve dois anos a especializar-se em doenças de crianças. De regresso ao Porto, dedica-se à clínica da sua especialidade e, em 1906, publica o livro de puericultura *As Mães*. Colabora na revista internacional *Les Documents du Progrès* e nos *Cahiers de Médecine des Enfants*. É médico escolar no Liceu Alexandre Herculano, de 1911 a 1949. Na qualidade de deputado, cargo que exerce no parlamento republicano até 1919, apresenta os projectos de lei que permitem a construção no Porto dos novos edifícios dos Liceus Alexandre Herculano e Rodrigues de Freitas, este último posteriormente designado de D. Manuel II. De acordo com o seu ideário liberal republicano, é defensor de um serviço de saúde escolar centrado nas escolas primárias, retomando deste modo a perspectiva original da primeira institucionalização em Portugal dos serviços de inspecção médica nas escolas, realizada em 1901, com a criação da Inspecção Sanitária Escolar. De 1901 até 1931, altura em que a Inspecção de Sanidade Escolar e de Educação Física é extinta, para dar lugar, em 1933, à primeira reforma da saúde escolar do Estado

Novo, estes serviços são objecto de duas reformulações, uma em 1911, centrando a acção dos médicos nos liceus das cidades de Lisboa, Porto e Coimbra, e a outra, em 1918, retomando um modelo misto, pela dotação de médicos escolares quer nos liceus quer nas escolas de ensino primário das referidas cidades. Uma vez que a reforma de 1933 orienta quase exclusivamente os serviços médico-escolares para os liceus, Ângelo Vaz dá voz ao sentir de muitos médicos escolares considerando o reforço da acção médico-pedagógica nas escolas de ensino primário com uma medida imprescindível para dar assistência aos filhos dos pobres, dos humildes e dos deserdados “que, carecidos do pão para o corpo, mal podem assimilar o pão do espírito”. Na sua obra procura articular sempre os problemas da higiene e da saúde escolar com a “questão social”, alertando para a urgência de um levantamento do padrão de vida da maioria da população portuguesa, constituída pelas classes populares e médias. Em *Higiene e Solidarismo*, conferência realizada no Liceu Alexandre Herculano, em 16 de Janeiro de 1937, afirma: “a tuberculose é uma doença social. É a doença da miséria, das privações. Ataca sobretudo os mal alimentados, os mal agasalhados, os mal alojados, os esfalfados pelo trabalho exaustivo”. Durante a sua longa carreira de médico-pediatra e médico escolar, visita clínicas da especialidade na Bélgica, Alemanha, Inglaterra, Itália e Suíça, bem como organizações médico-escolares no Rio de Janeiro, Buenos Aires, Paris e Madrid. Retirado de NÓVOA, António, dir. – *Dicionário de Educadores Portugueses. 900 biografias de homens e mulheres que se dedicaram ao ensino e à educação nos séculos XIX e XX*. 1ª Edição, [s.l.]: Edições ASA, Outubro de 2003, p. 1418-1419.

Anexos III – CD

Contém:

1. Alvará nº 806 - Oficialização da Escola Prática Comercial Raul Dória:

Alvará nº 806;

Verso do Alvará nº 806.

2. Apreciações da Imprensa sobre Raul Dória / Escola Prática Comercial Raul Dória:

Apreciações da Imprensa jornalística sobre a Escola Raul Dória;

Notícias do falecimento de José Maria da Silva Dória, (Pai de Raul Dória);

Notícias do falecimento de Raul Montes da Silva Dória;

Notícias sobre As Comemorações das Bodas de Prata – José Campos Vaz

3. Base de dados sobre os Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula – 1910/1964:

Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula de 1910 a 1913;

Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula de 1910 a 1919;

Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula de 1920 a 1929;

Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula de 1930 a 1939;

Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula de 1940 a 1949;

Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula de 1950 a 1959;

Boletins de Inscrição / Assentos de Matrícula de 1960 a 1964.

4. Imagens relacionadas com a Escola Prática Comercial Raul Dória.

5. Condições de Matrícula - Ano Lectivo 1913/1914.

6. DÓRIA, António Álvaro da Silva - O Prof. Raul Dória e a sua Escola.

7. Lista de alunos premiados às diversas disciplinas entre 1910 a 1940.

8. Totalidade do fundo documental disponível no Arquivo Distrital do Porto sobre a Escola Prática Comercial Raul Dória.